

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIA DA RELIGIÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Paulo Victor Cota de Oliveira Franco**

**DISCURSOS RELIGIOSOS IMPRESSOS EM JUIZ DE FORA: o Espiritismo  
nos jornais '*O Lince*' e '*O Médiun*' (1920-1940)**

**Juiz de Fora**

**2023**

**Paulo Victor Cota de Oliveira Franco**

**DISCURSOS RELIGIOSOS IMPRESSOS EM JUIZ DE FORA: o Espiritismo  
nos jornais '*O Lince*' e '*O Médiun*' (1920-1940)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião. Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima

**Juiz de Fora**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Franco, Paulo Victor Cota de Oliveira.

DISCURSOS RELIGIOSOS IMPRESSOS EM JUIZ DE FORA : o  
Espiritismo nos jornais 'O Lince' e 'O Médium' (1920-1940) / Paulo  
Victor Cota de Oliveira Franco. -- 2023.

122 f. : il.

Orientador: Marcelo Ayres Camurça Lima

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de  
Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2023.

1. Religião. 2. Espiritismo. 3. Análise do Discurso. 4.  
Semiolinguística. 5. Juiz de Fora. I. Lima, Marcelo Ayres Camurça,  
orient. II. Título.

**Paulo Victor Cota de Oliveira Franco**

***Discursos religiosos impressos em Juiz de Fora: o Espiritismo nos jornais O Lince e O Mèdium (1920-1940)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião. Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Aprovada em 25 de abril de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima - Orientador**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia da Graça Arribas**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angélica Aparecida Silva de Almeida**

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Juiz de Fora, 30/03/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Ayres Camurça Lima, Usuário Externo**, em 26/04/2023, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angélica Aparecida Silva de Almeida, Usuário Externo**, em 09/05/2023, às 21:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celia da Graça Arribas, Professor(a)**, em 06/06/2023, às 17:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-UFJF ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1213759** e o código CRC **656A12CD**.

Dedico este trabalho à minha família, fonte de minha inspiração.

## AGRADECIMENTOS

Neste espaço de reconhecimento, preciso fazer algumas divagações.

Devo, primeiramente, lembrar que a especialização e qualificação dos estudos no Brasil, é um desafio para formação de jovens pesquisadores, principalmente, nos últimos anos. Enfrentamos os descasos de um governo necropolítico, sua condução trágica da pandemia do Covid-19, a desvalorização da Ciência e da Educação. Nossa sociedade teve que aprender a conviver com tais condições, com muita resistência e luta por dias melhores.

Diante das dificuldades, pelas quais o ensino brasileiro enfrenta, agradeço a todos que lutaram para garantir o ensino público de nosso país, que me proporcionou a maior parte da minha formação intelectual. Em especial, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde há muito tempo é um espaço efetivo de minha vivência.

A UFJF me proporcionou o Ensino Médio e o Curso Técnico Universitário (CTU) e a graduação em História. A qualificação técnica me proporcionou a oportunidade de ter uma profissão em um momento delicado de minha trajetória. E, mais recentemente, me tornar um servidor do seu quadro técnico, e retornar aos estudos, agora, no Curso de Ciência da Religião, no qual produzi esta dissertação.

Ainda sobre a UFJF, agradeço a disponibilidade de seu programa de bolsas para qualificação de seus servidores, o PROQUALI, programa a que tive acesso e foi de grande valia para investimentos em minha pesquisa e auxílio no período pandêmico.

Ainda que o esforço principal da pesquisa tenha sido meu, não posso deixar de reconhecer que na trilha da pesquisa, existiram inúmeras pessoas, que contribuíram para sua construção.

A Richeli, minha esposa querida. Sem ela, minha vida na pandemia não teria os mesmos contornos e, ao caminhar ao seu lado, com seu apoio e compreensão, pude desenvolver este trabalho de uma forma menos penosa. Esta pesquisa também é sua.

Aos meus pais, Carlos Alberto e Libia, pelo incentivo, que me fizeram ser persistente na busca do conhecimento.

Aos familiares, pelo apoio e por compreenderem minhas ausências durante o período de estudo para realizar a pesquisa.

Ao Departamento de Ciência da Religião da UFJF, em especial Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa sob o olhar de pessoas que admiro; de me despertar o interesse em estudar e conhecer inúmeras possibilidades de pesquisa; pela convivência e pela amizade.

Ao orientador, Marcelo Camurça, que aceitou o desafio de me orientar, no momento em que deveria gozar de sua aposentadoria, e por dedicar seu tempo, quando tem outras atividades para desenvolver. Seus aconselhamentos e correções foram muito importantes para a conclusão deste trabalho. Meu mais sincero obrigado!

Ao amigo, Vitor Presoti, companheiro incansável no mestrado. Nós nos apoiamos durante toda pesquisa, em muitos momentos de sua trajetória. Seu apoio, insistência e cumplicidade acadêmica foram fundamentais para eu não desistir. Também por me vender hidromel.

A todas e todos colegas acadêmicos, por compartilharmos nossos dramas, conhecimentos, vivências, e tudo que as pesquisas e os estudos puderam nos proporcionar. Em especial agradeço à Grazyelle Fonseca, que me ajudou a pensar leituras para serem trabalhadas na dissertação.

À Aliança Municipal Espírita, através da pessoa de Daniel Salomão, que me manteve atualizado sobre a digitalização do jornal 'O Médium'.

Ao amigo e professor, Rogério Rezende, responsável por minha entrada no curso de História, por apontar as fontes trabalhadas nesta obra, por suas sugestões de leituras e por diversas prosas em mesas de bar.

Ao meu filho, Pedro, que veio ao mundo para me mostrar como o amor é inspirador.

## RESUMO

O Espiritismo ganhou espaço na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX. Os periódicos da época divulgaram a novidade vinda da França, que despertou a curiosidade dos leitores, gerou debates públicos e muitos discursos em sua defesa. Os materiais encontrados em publicações impressas são fontes valiosas, para conhecer os assuntos pautados pelos espíritas e seus adversários. Em Juiz de Fora, a doutrina espírita expandiu no século XIX e, rapidamente, os espíritas da cidade consolidaram uma organização capaz de sustentar a criação de casas, grupos de estudos e sociedades assistenciais e de imprensa, que trabalharam para manutenção local de sua denominação de fé. Nesse sentido, este estudo buscou, como escopo principal, analisar dois periódicos: 'O *Lince*' (1912 - 1979) e 'O *Médium*' (1932 - ), que tiveram, como seu idealizador, o jornalista Jesus de Oliveira (1891 - 1967). Nesta análise, procurou-se identificar, no primeiro momento, quais circunstâncias da trajetória espírita, objeto deste estudo, permitiram surgir os discursos religiosos publicados em ambos os jornais. E, no segundo, utilizou-se a metodologia da Análise do Discurso, com aplicação da Semiologia, para tratar a elaboração dos discursos presentes em diferentes artigos publicados nos jornais. Buscou-se, dessa forma, compreender a importância desses jornais para a consolidação e defesa do Espiritismo em Juiz de Fora. E concluiu-se que esses jornais foram fundamentais para a consolidação da doutrina espírita em Juiz de Fora.

**Palavras-chave:** Espiritismo, O Lince, O Médium, Discurso religioso, Semiologia.



## ABSTRACT

Spiritism gained space in Brazilian society in the second half of the 19th century. The periodicals of the time publicized the novelty coming from France, which aroused the curiosity of readers, generated public debates and many speeches in its defense. The materials found in printed publications are valuable sources, to know the subjects guided by the spiritists and their adversaries. In Juiz de Fora, the spiritist doctrine expanded in the 19th century and, quickly, the spiritists of the city consolidated an organization capable of sustaining the creation of houses, study groups and welfare and press societies, which worked for the local maintenance of their denomination of faith. In this sense, this study sought, as its main scope, to analyze two periodicals: '*O Lince*' (1912 - 1979) and '*O Medium*' (1932 - ), which had, as their creator, the journalist Jesus de Oliveira (1891 - 1967 ). In this analysis, we tried to identify, at first, which circumstances of the spiritist trajectory, object of this study, allowed the emergence of religious discourses published in both newspapers. And, in the second, the methodology of Discourse Analysis was used, with application of Semiolinguistics, to deal with the elaboration of discourses present in different articles published in newspapers. In this way, we sought to understand the importance of these newspapers for the consolidation and defense of Spiritism in Juiz de Fora. And it was concluded that these newspapers were fundamental for the consolidation of the spiritist doctrine in Juiz de Fora.

**Keywords:** Spiritism, The Lince, The Medium, Religious Discourse, Semiolinguistic.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sede própria do Centro Espírita União, Humildade e Caridade.....	33
Figura 2 - Sede do Albergue dos pobres.....	34
Figura 3 - Sede própria da Casa Espírita.....	37
Figura 4 - Primeira edição de 'O Lynce'.....	55
Figura 5 - Selo para a filiação à ABPE.....	69

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
AME/JF	Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora
A. B. P. E.	Associação Brasileira de Propaganda Espírita
FEB	Federação Espírita Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>ESPIRITISMO E A CIDADE DE JUIZ DE FORA: ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO, ENFOQUE E CONTEXTO.....</b>	<b>16</b>
	2.1 ESPIRITISMO E ESPÍRITAS: PONTOS DE PARTIDA.....	16
2.1	JUIZ DE FORA EM FOCO.....	24
2.2	ESPIRITISMO EM JUIZ FORA: CONTEXTOS LOCAIS.....	31
<b>3</b>	<b>O JORNALISTA E SEUS JORNAIS: IMBRICAÇÕES ENTRE IMPRENSA E ESPIRITISMO NOS JORNAIS ‘O LINCE’ E ‘O MÉDIUM’.....</b>	<b>44</b>
3.1	IMPrensa E MODERNIDADE.....	44
3.2	IMPrensa E ESPIRITISMO: UMA RELAÇÃO ELEMENTAR.....	46
3.3	OS JORNAIS E O JORNALISTA.....	51
<b>3.3.1</b>	<b>Jesus de Oliveira.....</b>	<b>52</b>
<b>3.3.2</b>	<b>‘O Lince’.....</b>	<b>56</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Espiritismo em ‘O Lince’.....</b>	<b>59</b>
<b>3.3.4</b>	<b>Organização religiosa através da mídia: formação d’O Médium’ e da Associação Brasileira de Publicidade Espírita.....</b>	<b>65</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO MUDIÁTICO: ‘O LINCE’ E ‘O MÉDIUM’ SOB O OLHAR DA SEMIOLINGUÍSTICA.....</b>	<b>71</b>
4.1	A ORIGEM DA ANÁLISE DO DISCURSO E SEU CONTEXTO.....	72
4.2	O DISCURSO SOB O OLHAR DA SEMIOLINGUÍSTICA.....	73
4.3	SUJEITOS E ATO DE LINGUAGEM: MÉTODO DE ABORDAGEM.....	74
4.4	DISCURSO E ESPIRITISMO NOS JORNAIS.....	79
<b>4.4.1</b>	<b>“Chronicas Espíritas”: começo do discurso espírita no jornal ‘O Lin ce’.....</b>	<b>80</b>
<b>4.4.2</b>	<b>“Cartas Espíritas”: as contribuições de Antônio Pereira Guedes, para legitimação do Espiritismo n’O Lince’.....</b>	<b>88</b>
<b>4.4.3</b>	<b>Frentes de legitimação do espiritismo n’OMedium’.....</b>	<b>95</b>
4.4.3.1	Temas de divulgação doutrinária.....	96
4.4.3.2	Legitimação frente à Igreja Católica.....	102
4.4.3.3	Legitimação frente à Medicina.....	104

<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O surgimento do Espiritismo no Brasil, no século XIX, relaciona-se à modernidade, que trouxe avanços científicos, que permitiram um espaço de autonomia em diversos campos sociais, o surgimento dos novos movimentos religiosos e o pluralismo religioso. Com a valorização do cientificismo e do racionalismo, a doutrina espírita se enveredou dentro de um processo experiencial, iniciado com fenômenos observados, que buscou na ciência elementos para descrever e justificar fenômenos espirituais, e elaborar a racionalização da fé. A partir disso, observou-se em diferentes estudos uma rica interação religiosa, que provocou importantes discussões e reflexões entre os estudiosos<sup>1</sup>.

Atualmente, no Brasil, é possível identificar uma considerável bibliografia de pesquisas produzidas nos cursos de graduação e pós-graduação sobre o tema religião e, neste estudo, busca-se elucidar como o discurso espírita utilizado nos periódicos '*O Lince*' e '*O Médium*', contribuíram para a consolidação e legitimação do Espiritismo na cidade de Juiz de Fora, nas décadas de 1920 e 1930.

O interesse por essa questão, surgiu pela curiosidade de conhecer melhor as fontes de divulgação do espiritismo, mesmo antes de adentrar no mundo acadêmico, quando pôde-se conhecer o material de '*O Lince*'. Nessa época, o pesquisador foi aprovado para o curso de História e, antes do início das aulas, recebeu o convite para colaborar na pesquisa de dissertação de um professor. A tarefa designada era 'garimpar' algumas informações de interesse da sua pesquisa, no jornal '*O Lince*', de propriedade de Jesus de Oliveira, que circulou entre 1912 e 1979. Durante a leitura do jornal, observou-se que havia, em suas colunas, diversas publicações sobre o espiritismo.

O pesquisador, que professa o espiritismo, guardou na memória esse fato e, no curso de graduação de História, teve a oportunidade de conhecer um pouco melhor sobre o tema, estudá-lo e desenvolver um projeto de pesquisa, contudo a mesma não pôde ser realizada, devido a compromissos profissionais. Mas o desejo

---

<sup>1</sup> Obras que debatem e evidenciam estas questões (TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). *Religiões em Movimento: o Censo de 2010*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013; e TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

de realizá-la permaneceu e, ao iniciar o curso de Ciência da Religião, decidiu-se por aprofundar nessa temática, pesquisá-la e elaborar a dissertação de mestrado.

Durante os estudos, foi possível conhecer melhor o jornal '*O Lince*', quando constatou-se que o seu criador era o mesmo que lançou a primeira versão de '*O Médium*', que já era um antigo conhecido, por fazer parte do órgão oficial da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora (AME-JF). Tal conhecimento foi um ponto positivo, pois o material de '*O Médium*' certamente agregaria a responder as questões da pesquisa. Diante disso, entendeu-se a importância de colocá-lo como objeto desta mesma.

Com relação à divulgação da doutrina espírita em Juiz de Fora, observa-se a relevância do papel da imprensa, para propagá-la, e estimular debates, através de discursos em diversas publicações, para sua defesa e, assim, respaldá-la no meio público. No Brasil, houve uma grande adesão ao espiritismo pela considerada classe intelectual e letrada, na época de seu surgimento, e isso foi muito significativo para o movimento da inserção dessa religião e de sua organização doutrinária.

Ressalta-se que, desde o início da investigação dos fenômenos espirituais e formulação da doutrina idealizada por Allan Kardec, em 1857, o trabalho em impressos caminhou lado a lado com ela, e tornou-se o veículo de propagação das vozes espíritas. No início de sua divulgação, alcançou-se o operariado na Europa, e atingiu também a classe intelectual no Brasil. Nesse sentido, em terras brasileiras, era fundamental a circulação de materiais, como livros, jornais, revistas, e de acordo com Santos (1997), grande parte do trabalho do Espiritismo dependeu da divulgação de textos básicos e registro de suas ideias em diferentes formatos de divulgação, considerando que as obras originais vinham em francês.

O periódico chamado Reformador, lançado em 1883, é um exemplo de referência para os atuais espíritas, no Brasil. Ele foi criado e sustentado pela Federação Espírita Brasileira (FEB) e, o é, até hoje. Contudo, é importante salientar que ele não foi o primeiro nem a única voz do espiritismo no país, e pode-se afirmar que houve diversos esforços de criação, publicação e circulação de materiais organizados, em colaboração ao trabalho da FEB, ou até mesmo antagônicos aos projetos defendidos por ela.

Para o estudo, fez-se uma busca em diversos materiais escritos, que tratam sobre o tema do Espiritismo na cidade de Juiz de Fora e, muitos deles trouxeram importantes contribuições sobre o surgimento do espiritismo na cidade e sobre seus

desdobramentos. Dentre elas, identificou-se a figura de Jesus de Oliveira (1891–1967), jornalista responsável pela criação dos dois jornais citados, e que abriu a possibilidade da divulgação da doutrina espírita em suas matérias. Jesus de Oliveira sempre residiu na cidade e muito cedo teve contato com a produção de jornais (OLIVEIRA, 2001) e, assim, tornou-se um importante divulgador do espiritismo.

Para a pesquisa, levantou-se a hipótese de alteração do discurso religioso entre ‘O Lince’ e ‘O Médium’, ao constatar-se que as publicações sobre o Espiritismo, no ‘O *Lince*’, foram interrompidas devido à influência de proprietários católicos do jornal, segundo às informações da biografia de Jesus de Oliveira produzida por seu filho Adail de Oliveira (2001).

O recorte apresentado entre 1920 e 1940 se apresentou no próprio tratamento das fontes. Identificamos que Jesus de Oliveira assume o Espiritismo como sua religião em 1920 desenvolve diversos trabalhos publicados no ‘O *Lince*’ e encerra seus trabalhos de diretor de ‘O *Médium*’ em 1940.

Neste estudo, procurou-se investigar como o trabalho desses jornais foram propostos para divulgar o espiritismo, como eram os discursos em sua defesa e qual o papel de Jesus de Oliveira na formação e sustentação desses espaços.

Por isso, este estudo apresenta uma perspectiva ainda não trabalhada nos estudos do Espiritismo em Juiz de Fora. Apesar das fontes serem reconhecidas por alguns estudiosos, o jornal ‘O *Lince*’ não foi um material explorado para pesquisa sobre religião. Além disso, o registro escrito nos jornais, torna-se uma forma de manutenção do pensamento daquele período e traduzem significados importantes daquele contexto histórico e que influenciaram muitas pessoas. Dessa forma, aplicar a Análise do Discurso revela estes elementos para a proposta da pesquisa. De acordo com Arribas (2010), a organização e produção intelectual ligadas ao espiritismo foram identificadas dentro de uma gama abrangente de relações e posições sociais, e a defesa de determinadas posições tiveram e têm papel de manutenção das interações entre elas.

Nesse sentido, considera-se que há uma lacuna sobre esse tema, que poderá ser preenchida com a pesquisa, a partir dos jornais ‘O Lince’ e ‘O Médium’, que tratam sobre o espiritismo. Assim, busca-se compreender, através dos discursos produzidos, qual a importância deles na propagação dessa doutrina; como Jesus de Oliveira utilizou esses jornais para difundir o espiritismo; qual o posicionamento dos dois jornais sobre essa temática; que elementos locais foram importantes para o



estabelecimento dos trabalhos espíritas nos jornais e na cidade, e quais temáticas foram levantadas nesses jornais através da Análise do Discurso, que despertaram o interesse e debate público sobre ela.

Para analisar essa questão, o estudo foi estruturado em três capítulos.

No primeiro, buscou-se esclarecer como o espiritismo surgiu em Juiz de Fora e seu desdobramento na cidade, a partir das informações desses jornais, e como se deu a sua aceitação na sociedade local. Pretende-se apresentar um quadro geral sobre o surgimento, contexto e consolidação do Espiritismo na Europa, Brasil e Juiz de Fora. Para isso, fez-se um levantamento bibliográfico, para embasar teoricamente o estudo, e uma análise sobre o espiritismo na cidade. O foco do estudo é o papel preponderante da escrita e do letramento como instrumentos de acesso à intelectualidade espírita e sua organização religiosa da cidade.

No segundo capítulo, analisou-se as motivações desses jornais (no caso dos editores) em publicarem artigos sobre espiritismo. Para isso, o foco foi no próprio jornalista e na sua trajetória junto aos jornais, para verificar quais foram suas contribuições, quais elementos colaboraram e tornaram a produção destes materiais viáveis em Juiz de Fora. Nesse sentido, procurou-se desenvolver um debate sobre a relação imprensa com o Espiritismo, e conectá-la ao estudo dos periódicos pesquisados.

No terceiro, através do método de Análise de Discursos, Semiologia, de Patrick Charaudeau (2019a), analisou-se os discursos desses jornais, para evidenciar os elementos levantados pelos espíritas em suas produções. Analisou-se as estratégias de linguagem desses discursos, a sua construção e suas relações referentes às frentes de legitimação e defesa do Espiritismo.

Por fim, fez-se as considerações finais e arrolou-se as referências.

## 2 ESPIRITISMO E A CIDADE DE JUIZ DE FORA: ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO, ENFOQUE E CONTEXTO

Neste capítulo, fez-se uma abordagem sobre o surgimento do Espiritismo, na França, com a divulgação das ideias de Allan Kardec (1857), como elas chegaram à cidade de Juiz de Fora e como, aqui, se propagaram. O espiritismo se divulgou como um estilo de espiritualidade legitimado pela cientificidade e pelo letramento. Dessa forma, para sua propagação, os indivíduos deveriam estudar a doutrina como um tratado filosófico-religioso, marcado pelo traço racional.

### 2.1 ESPIRITISMO E ESPÍRITAS: PONTOS DE PARTIDA

O Espiritismo organizado por Allan Kardec, que é o decodificador da doutrina espírita, foi inaugurado através da publicação de *Le livre des Esprits*, em 1857, sob a base discursiva, que considerava, como foco principal, os fenômenos atribuídos aos espíritos daqueles que viveram em diferentes momentos da história humana, através do que ele chama de reencarnação. Segundo Kardec (1857), a doutrina foi escrita com a ajuda de diversos médiuns (pessoas que servem de intermediárias entre o mundo espiritual e o corpóreo; que recebem a manifestação dos espíritos).

Nessa e, em outras obras kardecistas, há uma vasta descrição de fenômenos; de explicações sobre as influências dos espíritos sobre a vida dos indivíduos; questões sobre Deus; sobre a imortalidade da alma e reencarnação. Mas, não foi apenas através de seus livros que as ideias circulavam para propagar a doutrina espírita. Ela foi divulgada através de publicações da *Revue Spirite*, revista que defendia e debatia tais ideias que se encontram presentes também na codificação espírita.

De acordo com Cavalcanti (1998), a presença de ideias modernas na doutrina do espiritismo é muito relevante, para compreender seu sistema de crença. Sua doutrina reivindica-se de caráter cientificista e filosófico, a partir de uma lógica hermenêutica que organiza a 'revelação' da doutrina feita pelos espíritos. Tal fenômeno mediúnico visa desmistificar o sobrenatural, a partir de um 'método

dedutivo', capaz de apreender o fenômeno enquanto causa dos efeitos aparentes: movimentação de mesas, cadeiras, lápis em cestos, escritas no ar e até pessoas mortas se materializaram. Esse conjunto de coisas são elementos inovadores, que não eram descritos em outras religiões ocidentais.

Segundo Camurça (1998, p. 201), a doutrina foi apresentada à classe média intelectualizada, que buscava concepções religiosas de um “grau de plausibilidade e satisfação intelectual” com base científica e com leis que regem o universo de forma justa. À época dos tratados de Kardec, suas diversas produções textuais asseveravam a preocupação com o método experimental e a doutrina, pontos condicionados a expressar enquanto proposta de uma ciência válida.

No método por ele apresentado, presumia-se encontrar o espaço de garantir a cientificidade da teoria, em uma adesão ao experimentalismo como praticado nas ciências positivas, com testagem de leis e suas inserções em teorias, para explicar a realidade. Enquanto doutrina, propunha um sistema generalizante, formado pela indução das respostas dos espíritos obtidas no método. Segundo Araújo (2016, p. 171), a elaboração de um corpo doutrinário estabeleceu um caráter sistemático, que acarretou “grande coesão e lógica interna” e “alto grau de razoabilidade”, ainda que apresentasse lacunas.

Os preceitos estabelecidos na doutrina levaram diversos indivíduos a se aproximarem dos estudos e práticas do espiritismo, por curiosidade e/ou pelo desejo sincero de compreender essas novas leis. Procópio (1973) ressalta que houve um reposicionamento social e identitário na vida das pessoas, naquele período, pois sua visão de mundo fora alterada: muitos saíram do meio rural e foram viver nas cidades, o que promoveu reordenamento de seus valores e problemas. Nesse contexto, o Espiritismo trouxe, na esteira de uma perspectiva racionalista, uma nova cosmovisão que busca-se explicar os fenômenos, ditos ‘sobrenaturais’, o que garantiu uma ótica de mundo promotora de significado para diversas pessoas (CAMARGO, 1973).

Contudo, deve-se salientar que o trabalho de Kardec, mesmo visto sob aspectos racionais e ligados à ciência, não se isenta de conter o aspecto religioso, que ele mesmo apresenta. Segundo Araújo (2016), Allan Kardec estipulou fases ou períodos do espiritismo em que foram condicionadas por imbricações diversas entre os aspectos de religião, filosofia e ciência, o que promoveria uma compreensão da doutrina enquanto “um entre lugar, um lugar sob o signo da mediação” (ARAÚJO,

2016, p. 288). Assim, sob a percepção, principalmente, do próprio Kardec, o Espiritismo alavancado sobre aspectos filosóficos e religiosos, alinhado aos critérios de método científico experimental, constituir-se-ia uma das visões utópicas surgidas na modernidade, em busca de respostas, que oferecem caminhos, enquanto ele mesmo é conduzido a transformações.

De acordo com Giumbelli (1997b, p. 32), é preciso ter cuidado quando se referir ao espiritismo no Brasil, pois isso “implica imediatamente colocar-se sobre um terreno minado de ambiguidades, imprecisões e, sobretudo, de polissemias”. Isso se deve ao fato de que para compreender o fenômeno religioso, suas produções e contexto, neste caso de cunho intelectual, faz-se necessário observar o encontro de distintos discursos produzidos em meio ao grande aglutinamento que o nome espiritismo pode abarcar.

No cenário religioso brasileiro, a partir dessa compreensão, neste estudo, procura-se atentar ao caráter intelectual dos atores religiosos, influenciados pela nova doutrina, mas também, como problematizadores e criadores de percepções própria dessa religião. Arribas (2010), ao examinar as produções literárias no meio católico e espírita, identificou intelectuais das religiões, produtores de bens da salvação. Eles buscaram, em um processo relacional, disputar espaços, diante da perda do monopólio católico, e ascensão de um espaço concorrencial que, conseqüentemente, gerou uma autonomização do campo religioso, que levou o espiritismo a ter uma ênfase religiosa.

Por outro lado, observa-se pesquisas como a de Paiva (2009), que apresenta uma discordância quanto a desvinculação do espiritismo com seu aspecto científico no Brasil. Para ela o destaque sobre o aspecto religioso não desconecta do seu aspecto científico, e por isso é apresentada como religião racional com valorização da fala, escrita e do estudo no país.

É importante lembrar que os embates entre ‘científicos’ e ‘místicos’ foram pauta do final do século XIX, inclusive recorte temático de parte da análise de Arribas (2010). Muitos grupos e instituições possuíam a sua organização, com estratégia para manter as suas atividades atreladas ao aspecto científico, inclusive partícipes dos embates internos no embrionário desenvolvimento brasileiro do espiritismo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Uma delas é a Associação Espírita Brasileira organizada por Luiz Olimpio Telles de Menezes, na Bahia, tida como uma associação científica. Mesmo assim, afirma José Luiz

Paiva (2009), prefere analisar o discurso espírita em seu tríplice aspecto do que problematizar como esta percepção é uma ferramenta de certa forma, do discurso interno. Segundo a autora, as condições de construção das ideias espíritas estão baseadas sobre a categoria intelectual e das práticas dos seus participantes, os quais ela considera como sujeitos que estavam sedentos de aprofundar seus conhecimentos, instigar o debate das ideias em voga, e discuti-las diante da vida moderna que surge à sua frente. Isso ocorre porque todo pensamento que atravessa as práticas religiosas espíritas, sempre, levantam as condições de racionalidade e cientificidade, o que pode estar relacionado a outros fatores.

Por exemplo, Camurça (1998, p. 202) constatou que o espiritismo teve práticas e formatos civis de organização, (tal como abolicionistas, maçons, republicanos) assentados sob o molde de “*Clubes e Sociedades*”. Assim, esses agentes estiveram ligados aos mais diversos segmentos de profissionais urbanos, como também compunham uma classe média e letrada que estava em gestação. Muitos deles, líderes, chegavam a ocupar posições sociais de grande prestígio e dotados de privilégios. Para Giumbelli (1997, p. 62), isso “garantia aos grupos de que eles participavam a possibilidade de se beneficiar de recursos, conhecimentos e redes de relações, valiosos em determinadas circunstâncias”. Lewgoy (2000, 2006) contribui para essa percepção ao acrescentar que a organização do espiritismo kardecista passa, necessariamente, pela referência letramento, chave de acesso a uma alternativa religiosa de pessoas incluídas e escolarizadas.

É importante salientar que o pensamento no meio espírita toca, incondicionalmente, na questão dos produtores e pensadores religiosos, no caso, os intelectuais presentes na religião. Portanto, é imprescindível nos preocupar em definir esses intelectuais.

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função

---

dos Santos que esta organização só veio após uma tentativa de receber um registro formal para a Sociedade Espírita Brasileira em 1871, pretensa associação religiosa, o que foi negado pela Igreja Católica, oficial religião do Estado Brasileiro (SANTOS, 1997, p. 13). Entretanto, a posição de Telles se apoiou em afirmar a “correção necessária dos dogmas católicos”, portanto, uma vinculação eminentemente religiosa de disputas simbólicas (ARRIBAS, 2010: 69 a 71). Outro grupo é o organizado da dissidência do Grupo Confúcio do Rio de Janeiro em 1876, a Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade, que iniciou dirigida por Bittencourt Sampaio e pelo advogado Antônio Luiz Sayão, contudo, entre conflitos internos muda seu nome para Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, obtendo uma revista de mesmo nome em 1881 – Angeli Torderolli, este declaradamente um dos espíritas científicos (ARRIBAS, 2010, p. 100).

essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...] (GRAMSCI, 2004, p. 15).

Sobre essa análise de Gramsci (2004), com relação aos intelectuais, para este estudo, tal aspecto é relevante, pois esse grupo, diante do campo religioso, através da organização religiosa, possibilitou autonomizar este campo de outras esferas da vida humana. Tal ideia se faz presente nos estudos de Arribas (2010, 2014), que comenta sobre as produções destes intelectuais, seja na sua organização diante de outros agentes ou nas disputas simbólicas entre intelectuais espíritas. Para a autora, tais disputas foram motivadas por divergências internas, sob uma dinâmica própria, que caracteriza a formação de espaço peculiar e “definidamente *religioso*” (ARRIBAS, 2010, p. 10, grifo da autora).

Observa-se, assim, que esse processo forma e é formado por uma espécie de ‘clero’ espírita (na acepção bourdieusiana de produtor de bens de salvação), destacado pela participação fundamental do intelectual, como um segmento desta categoria religiosa, em cuja autoridade se firmará um novo segmento no campo religioso brasileiro. De acordo com Arribas (2010, p. 135), autoridades religiosas são os agentes sociais produzidos por “processos de socialização” em determinados momentos históricos. São detentores de “funções, habilidades e *status*”, e, também, de reconhecimento social, que os capacitam como produtores e guardiões dos elementos doutrinários, institucionais e normativos em determinada tradição religiosa.<sup>3</sup>

Neste sentido, a condição da leitura, da escrita e do estudo são características marcadamente associadas ao sistema de crença kardecista, como elementos rituais e de proposição de *habitus* (BOURDIEU, 2007) aos agentes religiosos. Aubrée e Laplantine (1990), no livro *La Table, Le Livre et Les Esprits*,

---

<sup>3</sup> Por outro lado, não é porque, discursivamente, o espiritismo se encontra entrelaçado a uma proposta cientificista, que ele tenha trilhado este caminho, sempre, lado a lado à ciência. A literatura deixa claro que a proposta espírita teve forte aceitação, quando associada a práticas assistenciais beneficentes, sem cobranças de custos, com o princípio de caridade e cura espiritual. Da mesma forma, com posição de defesa e liberdade religiosa e dos cultos, o que realça sua condição religiosa em detrimento a outras características (ARRIBAS, 2010; AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990; CAMURÇA, 2014; GIUMBELLI, 1997; SANTOS, 1997). Assim, observa-se dentro do espectro espírita modulações discursivas, que irão ser projetadas pelos intelectuais espíritas, num jogo social diante de outras forças atuantes da sociedade.

ressaltam a indiscutível importância desses elementos para a prática religiosa do espiritismo, tanto para o modelo francês, quanto para o brasileiro. Essa ideia de formação doutrinária remete às práticas originais de seu codificador, Allan Kardec, que deu valor inestimável ao livro e à escrita e, conseqüentemente, à produção de mensagens psicografadas, essas, consideradas de grande valor no mercado editorial brasileiro.

Esses elementos são constitutivos do sistema de crença religioso espírita, e incidem em uma condição de elitização, que marca, inicialmente, a identidade dos espíritas, principalmente no Brasil. Nota-se que a experiência religiosa, é construtora de um *ethos* e de uma cosmovisão particular, que promove “fronteiras simbólicas entre grupos de camadas de uma mesma sociedade” (CAVALCANTI, 2008, p. 10). Hall (2000) complementa que a identificação operada na diferença, envolve distinções capazes de organizar os limites das fronteiras simbólicas e produções de seus efeitos, elaborados pelos trabalhos discursivos. Assim, os valores do letramento e escrita foram utilizados pelo Espiritismo e seus agentes, de camadas médias e intelectuais, como meio de construir a distinção do que é ser um espírita ou não. Isso é ponto passível, confirmado em pesquisas, como as de Oliveira (2001), Arribas (2010, 2014), Giumbelli (1997) e Amorim (2017).

Com relação aos valores e ideias espíritas, é importante ressaltar que, em meio a uma diversidade de propostas ideológicas presentes na modernidade, elas tiveram grande aceitação e geraram debates, na França e no Brasil, nos séculos XIX e XX. Seus ideais se envolviam com outras vertentes identitárias, como a abolição, a república, o socialismo, e indicava um momento mais amplo de pluralização religiosa junto a outras religiões, como os protestantes históricos, no final do século XIX (GIUMBELLI, 1997a).

No Brasil, o campo religioso desenvolveu-se de tal maneira que o Espiritismo tornou-se um indicador dessa pluralização. Machado (1996) comenta sobre as condições sociais para a imersão do Espiritismo em terras brasileiras, e faz uma reflexão sobre as origens mágicas cultivadas ao longo do período colonial no país, e sobre as condições em que elas foram encaminhadas para o século XIX. Para ele, suas origens estão relacionadas a formas de práticas e mentalidades imersas num ambiente místico, no qual “o sentimento religioso era epidérmico” e “se comemorava o santo do dia”, ou mesmo se validava muito mais “o embalo dos cânticos rituais de fuga da mesquinha realidade de cada dia” (MACHADO, 1996, p.29). As premissas

apresentadas por Machado (1996), para compreender o Brasil, derivam numa reflexão sobre a composição do mundo moderno paralelo à condição mística religiosa que trilhou ao seu lado.

Na percepção de Coelho (2019), pensadores e eruditos que compuseram parte do pensamento filosófico, de relevante contribuição para o avanço da ciência, também, investiram parte significativa do tempo com “ideias que no final do século XIX condenaria como irracionais e mágicas” (COELHO, 2019, p.10). Com isso, no campo das ideias, o século XIX encontrava-se recheado de elementos, que contribuíram para uma inserção e aceitação do espiritismo em diversas sociedades, à época de seu surgimento; ideias que, também, estruturam o pensamento moderno.

Baseado em elementos constitutivos de racionalidade e promotores do progresso, ligado ao positivismo, o espiritismo precisou, em meio a outras correntes de pensamento da época moderna, marcar seu espaço. Identifica-se na virada do século XIX para o XX, a multiplicidade de pertencimento dos agentes sociais em diversas filosofias e movimentos sociais, principalmente aqueles que coadunavam em ideais de liberdade religiosa e laicidade.

De acordo com Miguel (2014, p.24), as lojas maçônicas foram “aglutinadores destas variadas vertentes reunindo positivistas, espíritas, espiritualistas, maçons, como também protestantes”. Machado (1996, p. 65) corrobora com essa afirmação, e acrescenta que o espaço dos maçons não era o único capaz de organizar diferentes vertentes. Ele comenta sobre a redação do *Courier du Brésil*, na rua do Ouvidor, no coração do Rio de Janeiro, onde “pulsava umas de suas artérias”, na segunda metade do século XIX. Esse local foi palco de encontros para debater ideias modernizantes, vindas do além-mar, e que as publicações em seu jornal eram claramente anticlericais.

Berger (2017), ao salientar o papel cognitivo exercido pelo pluralismo religioso, mostra que, sob os termos dessa pluralidade religiosa, a relação entre modernidade e religião torna permanente a contaminação cognitiva entre os indivíduos, esta última capaz de promover uma relativização das ideias (BERGER, 2017, p.20). Enquanto colaborador para a produção de um pluralismo presente, o Espiritismo foi capaz de reativar, ou melhor, evidenciar compreensões e práticas religiosas adormecidas, já presentes na cultura brasileira. A condição de uma pluralidade religiosa no Brasil, aparece para Sanchis (1997a) com a ruptura de uma



hegemonia católica, ao mesmo tempo em que há uma relativa homogeneização do processo pensado como um campo mágico, sobrenatural, altamente, espiritualista, que sempre manteve em seu espaço religioso um perfil plural, mesmo que sob a tutela do catolicismo.

No caso específico de Juiz de Fora, Oliveira (2001) observou uma relação estreita entre a ideia de modernidade e progresso com a religião espírita. Essa relação, avaliada a partir da ideia de Max Weber, de afinidades eletivas, atendia interesses de determinada classe social, baseado em um *ethos* econômico e social em sintonia com a doutrina religiosa. Deste modo, as elites intelectuais urbanas obtinham, no espiritismo, uma versão religiosa capaz de se afastar dos dogmas católicos, ao mesmo tempo em que adotavam determinados preceitos racionalizantes, garantidores da adoção de “procedimentos sistemáticos na construção dessa doutrina” (OLIVEIRA, S.G., 2001, p. 58). Para a autora, tais ideias se encontram em condições anteriores de uma mentalidade e afinidade com uma nova maneira de sociabilidade, com o deslocamento de um viver do campo para a cidade. A vida na cidade foi influenciada sobremaneira por novas formas de pensar e novas ideias em circulação: evolucionistas, progressistas e positivistas, todas elas deram grandes contribuições para o pensamento espírita (OLIVEIRA, S.G., 2001).

Contudo, a autora levanta questões sobre as contribuições de outras crenças pré-existentes, populares na sociedade, que contribuíram para inserção do espiritismo no Brasil e, conseqüentemente, em Juiz de Fora:

A presença das crenças populares em Juiz de Fora, podem ser percebidas nos discursos dos espíritas, após seu estabelecimento nesta cidade, quando procuravam demarcar seus distanciamentos com relação às mesmas, buscando alcançar a pureza doutrinária para o Espiritismo (OLIVEIRA, S.G., 2001, p. 66).

A partir disso, pode-se compreender que, no campo religioso brasileiro, esse aspecto de distanciamento tem apelo de distinção. Arribas (2014) afirma que sistemas de nomeações acabam por classificar as coisas, produzem conhecimento sobre o objeto rotulado e, ao organizarem a produção de seus saberes, desenvolvem fronteiras e diferenças que buscam delimitar a si mesmo e aos outros.

É importante apontar, também, a condição fragmentária do próprio espiritismo. Ao longo do processo de sua consolidação, ele apresentou características distintas desenvolvidas no interior do espiritismo brasileiro. Mesmo

com uma estrutura rígida de preceitos alinhados aos estudos de Kardec e, depois, com vertentes religiosas preponderantes às científicas e filosóficas, há versões distintas: uma mais esotérica, outra mais racional-filosófica, e uma mais cristã. Esses tipos de espiritismo são, particularmente, marcados pelas figuras de Edgard Armond, Herculano Pires e Chico Xavier (RICARDO DE SOUZA *et al*, 2017; ARRIBAS, 2014). Vale lembrar que já foi comentado sobre o caso de grupos e centros espíritas que, em determinados momentos de suas atuações, tiveram rompimentos por questões doutrinárias ou estabelecimento dos trabalhos.

Diante das dificuldades presenciadas nos momentos iniciais na cidade, suas práticas e atuação, diante da sociedade, permitiram maior aceitação e capilaridade. As práticas de atendimento com sessões mediúnicas de cura, expressas na condição de caridade, foram o grande trunfo para se ligar à população, o que promoveu acirrada competição entre católicos e espíritas na cidade. Na medida em que a romanização procurava se manter no processo de recentralização das estruturas da Igreja católica para garantir seu poder simbólico (ARRUDA, 2011, p. 19), o espiritismo passou a ser identificado como adversário a ser enfrentado na competição por adeptos. Nesse aspecto, Camurça (2001) comenta que o catolicismo romanizado<sup>4</sup>, concorria para manter um monopólio dos bens simbólicos, enquanto o espiritismo construía seu caminho de legitimação.

Logo a seguir entraremos ao caso de Juiz de Fora. Enquanto cidade que viveu a pujança de avanços sócio-culturais, devemos levar em conta que várias de suas características são de grande relevância para entendermos a sua relação com o espiritismo.

## 2.1 JUIZ DE FORA EM FOCO

Juiz de Fora viveu a pujança de avanços sócio-culturais, na virada do século

---

<sup>4</sup> A partir da metade do século XIX até meados do século XX, ocorreram movimentos de lideranças episcopais junto a institutos religiosos no Brasil, que desempenharam esforços de vincular suas instituições eclesiais à Cúria Romana (AZZI, 1981, p. 11-13). Este movimento é conhecido como Romanização da Igreja. Ela teria pretensões de substituir a cristandade colonial por uma Igreja hierárquica, com mudanças na orientação moral do clero e povo, definições doutrinárias mais ortodoxas, além das mudanças de atuação social separada do Estado com o fim do Padroado (MABEL, 2002, p. 73-76)

XIX para o XX, e é importante considerar que várias de suas características são de grande relevância, para entender a sua relação com o espiritismo.

A representatividade espírita em Juiz de Fora, segundo levantamento mais atual do IBGE (2010), conta com 27.370 pessoas; e a população da cidade tem 516.247 habitantes (IBGE, 2012). Quantitativamente, o número não impressiona, pois está muito distante do número de católicos e evangélicos, respectivamente, com 332.354 e 112.107 religiosos.

Nota-se, no entanto, que a porcentagem de espíritas torna-se um dado interessante, pois, proporcionalmente, sua presença na cidade é superior às médias nacional, regional e estadual: 5,3% da população juiz-forana é espírita, enquanto em termos nacionais, é de 2,0%; na região sudeste o percentual é de 3,1%; e em Minas Gerais, estado onde se encontra a cidade, é de 2,1%. (CAMURÇA, 2013; IBGE, 2012a).

São dados interessantes, à medida que, a média municipal apresenta-se maior que o dobro observado nas esferas estadual e nacional. Tal fato não surpreende, haja vista o grande número de centros espíritas presentes na cidade: são 59 filiados à Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora – AME/JF, órgão vinculado à Federação Espírita Brasileira - FEB (AME/JF, 2021). Observa-se que houve um crescimento bastante significativo, pois Paiva (2009) identificou, no final da década de 2000, 44 centros filiados.

Tal crescimento, aliado à postura histórica dos espíritas de não serem obrigados a se filiar às associações institucionais (alianças municipais, estaduais e federação), corrobora para deduzir que o movimento espírita marca presença significativa na cidade. Ressalta-se que esse crescimento só levou em conta os filiados a um padrão de espiritismo vinculado com a Federação Espírita Brasileira (FEB). Nesse aspecto, pode-se dizer que o espiritismo em Juiz de Fora apresenta um relativo sucesso, e sua permanência é marcante no meio religioso.

Neste estudo, para compreender a construção histórica da adesão ao espiritismo e seu crescimento na cidade, faz-se necessário conhecer seus aspectos culturais e, também, alinhar as informações ao contexto geral das pesquisas realizadas sobre ele.

Juiz de Fora mantinha estreitos laços com centros urbanos importantes, como a cidade do Rio de Janeiro, onde fervilhavam as ideias modernizantes e referências de padrões sociais, valores que impulsionaram a busca de prestígio de uma elite

Juizforana, nos avanços de reformas urbanísticas, caminhos que evidenciaram determinada força econômica desta classe.

Juiz de Fora é pioneira na produção de energia elétrica em Minas, e se orgulha de ter tido a primeira Usina Hidrelétrica da América do Sul em 1889. Hoje, esta construção é um espaço, que guarda a história em forma de museu<sup>5</sup>. A cidade foi referência de centro urbano em Minas Gerais, e chegou a ser cotada para assumir o posto de capital estadual. Desde 1870, ela recebeu grandes investimentos de modernização com instalação “de um telégrafo, da imprensa, de um fórum de justiça, de um banco, etc.” (OLIVEIRA, 1992, p. 31).

A cidade viveu pleno gozo de seu apogeu cultural e econômico, na virada do século XIX para o século XX. Parte deste desenvolvimento é resultado de um processo decadente da produção cafeeira, que desencadeou, em seguida, relevantes funções urbanas, culturais e industriais no município.

A posição geográfica de Juiz de Fora, era caminho para diversas cidades importantes, e a cidade do Rio de Janeiro tornou-se uma referência para ela, devido à proximidade e, com isso, exerceu (e ainda exerce) enorme influência nos aspectos econômicos e culturais. Oliveira (2001) dá destaque para a proximidade cultural entre as duas cidades, pois era no âmbito nacional, principalmente, no Rio de Janeiro que Juiz de Fora buscava suas inspirações.

De acordo com Barbosa (2013), economicamente, é notável que desde a expansão cafeeira na região, a influência do Rio de Janeiro se fez presente e, a expansão do cultivo do café fluminense atingiu a região da Zona da Mata mineira, quando o movimento da região mineradora, mais central do Estado, se encontrava em processo de expulsão demográfica. Segundo a autora, Juiz de Fora, que anteriormente, no início do século XIX, se configurava, economicamente, apenas como passagem pelo chamado Caminho Novo, agora gozava de grande prestígio e relevância econômica, com as plantações em latifúndios de café<sup>6</sup>, na segunda

---

<sup>5</sup> A Usina de Marmelos foi construída por Bernardo Mascarenhas, para utilizar energia elétrica em sua fábrica, a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas e para iluminação do município. Hoje, ela é um bem tombado, patrimônio histórico, com seu acervo cuidado pela Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Cemig. Disponível em <[https://www.pjf.mg.gov.br/administracao\\_indireta/funalfa/patrimonio/historico/usina\\_marmelos.php](https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/patrimonio/historico/usina_marmelos.php)>. Acesso em: 24 abr. 2022.

<sup>6</sup> O Caminho Novo foi criado sob as condições de desenvolvimento da Companhia União e Indústria e idealizado para escoamento da produção de café e, também, o desencadeamento de migração para o trabalho especializado. Isso se deu em diversos momentos até o final do século XIX e início do XX, e foi um estímulo para a dilatação do

metade do século, inclusive, mesmo após a abolição da escravatura, em que a produção mantinha-se em crescimento.

A importância do elemento estrada para a urbanização da cidade e, principalmente, para a mudança de hábito, é evidenciada por Newton Barbosa de Castro (1987, *apud* Musse, 2006). Para Castro (1987), a história da cidade tem relação direta com a “história de estradas”, com uma relevância à modernidade da Estrada União Indústria, que foi “a primeira estrada com características modernas construída no Brasil”, que levou o município em direção do progresso material e intelectual, “contrastando com um mundo que agonizava, o das lentas tropas de muares” (CASTRO, 1987, p. 63 *apud* MUSSE, 2006, p. 56).

Juiz de Fora, portanto, encontrava-se na vanguarda de seu tempo, e avançou muito no campo da infraestrutura, em comparação a outras cidades do interior, e destacou-se, também, no processo de industrialização na época. Geograficamente, localizada na passagem de acesso às regiões mais centrais da província, e de grande circularidade de pessoas, garantiu, também, a circularidade das ideias e de informações. Com isso, foi bastante influenciada pelas tendências cariocas e, de acordo com Simone Geralda de Oliveira (2001, p. 25), é “digno de nota que o último congresso do Partido Republicano, ainda nos tempos do Império, bem como o primeiro enquanto partido no poder, realizaram-se em Juiz de Fora”. Foram muitos fatores que a caracterizam como uma cidade com centro urbano dinâmico. Oliveira (2001) resume bem a condição da cidade ao afirmar que:

Originalmente urbana, esta cidade era representada por uma sociedade de mentalidade metropolitana, distanciando-se das típicas cidades interioranas de Minas que lhe eram contemporâneas. Sua aparência arquitetônica também distanciava-se das cidades mineiras do ouro. Suas ruas e construções sempre buscaram refletir o que houvesse de mais moderno e inovador, uma tendência que atingia com igual intensidade os setores econômicos e culturais (OLIVEIRA, S. G., 2001, p. 28).

Scoton (2007, p.21) ressalta que, mesmo com grande produção cafeeira, a cidade manteve um padrão de desenvolvimento e organização urbana em seu

---

espaço urbano em processo. Além disso, impulsionou, na cidade, o seu potencial para industrialização, com produções manufatureiras e, também, como entreposto comercial da Zona da Mata, para diversas regiões do país. Esses fatores contribuíram para o desenvolvimento comercial de Juiz de Fora, e gerou maior concentração de capital (BARBOSA, 2013; OLIVEIRA, 1992).

centro “concretizado através das indústrias, da imigração, da fundação de Academias e Sociedades científicas e literárias, da construção de teatros e cinemas”. Assim, pode-se afirmar que Juiz de Fora era uma cidade com vistas para o progresso e modernidade para o país. Acredita-se que estes parênteses sobre Juiz de Fora, se justificam, para compreender determinadas características da cidade, que permitiram uma absorção relativamente rápida do Espiritismo numa região interiorizada.

Os estudos que têm como foco o Espiritismo na cidade são poucos. Destaca-se a dissertação de mestrado de Simone Geral de Oliveira (2001), que apresenta a história do Espiritismo, com levantamento de fontes orais, com memórias de determinadas referências no meio espírita e, também, de materiais impressos, como jornais e revistas. Ela retratou o Espiritismo diante de suas realizações e interações com a sociedade juiz-forana, com destaque dos elementos que garantiram sua permanência na cidade e as estratégias para difundir a crença. Em seu estudo, há um histórico dos primeiros centros e grupos formados; as dificuldades travadas para sua inserção social; as condições de conflitos, principalmente, com a Igreja Católica. Nele, demonstra-se as especificidades do movimento espírita comparado com o quadro nacional, no período do final do século XIX e a primeira metade do século XX.

Além desse estudo, existem dois artigos de Camurça (1998, 2001), que revelam o conflito religioso entre espíritas e católicos. Em “*Le livre des Esprits*” na *Manchester Mineira* (1998), o autor avalia as condições de surgimento do espiritismo em Juiz de Fora. Seu enfoque foi a parte da história do espiritismo juiz-forano e traz uma análise, que apresenta o desenvolvimento de uma condição plural na urbanidade vigente, de caráter religioso e cultural. Essa condição refletiu sobre o avanço espírita, por meio de conferências e palestras, e, também, inaugurou movimentos por parte dos católicos com reações condenatórias. Em outro artigo, denominado ‘*Fora da caridade não há religião!*’ (2001), o autor evidencia o conflito travado, principalmente, através das práticas em assistências sociais e obras caritativas. A noção de caridade apresentada resume o campo de disputa entre as duas religiões, como concorrentes e, também, a legitimação diante da sociedade, principalmente, como parte da estratégia espírita, que procurava se distanciar de tipos de práticas acusadas de ‘magia e sortilégios’.

Outro estudo, mais específico e focado na importância e relação do estudo e

letramento para o espiritismo, é a dissertação defendida por Paiva (2009). Em sua pesquisa, buscou analisar as práticas de dois centros espíritas de Juiz de Fora, onde destacava-se a relevância da escrita e do estudo na doutrina espírita. Sua referência mais importante foram as pesquisas desenvolvidas por Lewgoy (2000, 2004), que propõe uma discussão acerca da cultura de escrita em sua tese de doutoramento e, também, a importância da produção literária e do mercado editorial, que se desenvolveu com o movimento espírita.

Scoton (2007), por sua vez, investiu seus esforços nas disputas e nos debates entre médicos e kardecistas, na primeira metade do século XX em Juiz de Fora. Ambos necessitavam ganhar espaço de aceitação, e seu trabalho demonstra como esses grupos galgaram sua legitimidade social. Os conflitos acerca do exercício ilegal da medicina foram palco para antagonizar os dois grupos diante dos limites e espaços para cura.

Por fim, encontramos o trabalho de Izabela Mendonça (2014) que se debruçou sobre artigos de jornais que tratassem o '*Club Além Túmulo*' como primeiras referências do Espiritismo na cidade.

Destaca-se, neste primeiro momento de entendimento e de reflexão, uma literatura sobre a cidade e a inserção do espiritismo em Juiz de Fora. Tais obras, direta ou indiretamente, revelam a importância do texto literário na difusão do espiritismo na cidade, como jornais, revistas, folhetos, livros, entre outros. O olhar, através dessas fontes, instigou o pesquisador, quando ainda era estudante do curso de História da UFJF<sup>7</sup>, a estudar o desenvolvimento do espiritismo na cidade. Importante salientar que, naquele momento, o interesse em pesquisar o tema surgiu, exatamente, quando estava em contato direto com uma das fontes, no caso, o jornal/revista '*O Lince*' (1912-1979), criado por Jesus de Oliveira: jornalista, escritor e militar.

O jornal '*O Lince*' tinha publicações quinzenais e, por grande período, permaneceu neste formato, até se transformar em revista, e se tornar semanal. Ao longo de seus 67 anos de existência, teve diversos tamanhos, formatos, com

---

<sup>7</sup> Em 2012, no curso de História, foi cobrado um projeto de pesquisa, para o cumprimento de uma das disciplinas obrigatórias do curso. O pesquisador o realizou como proposta de uma monografia com a temática que, hoje, é estudada nesta dissertação. Na época, o pesquisador, para produzir tal projeto, recebeu orientações de Marcelo Camurça, mas não teve condições de efetivá-lo por motivos pessoais, e apenas terminou sua formação em licenciatura.

publicações especiais na data de seu aniversário, que coincidia com o aniversário de seu criador, Jesus de Oliveira.

De acordo com Oliveira (2001), fato curioso é que a primeira publicação desse periódico foi em tom de protesto, pois seu pai, Eloy Praxedes Braga, o proibiu de trabalhar na sua produção. Antes de '*O Lince*', Jesus de Oliveira, com 19 anos, em 1910, produziu um jornal intitulado '*O Independente*', impresso na *Typographia Brazil*, sem a ciência do pai, mas foi proibido de colocá-lo em circulação. Tal fato o levou, na maioridade, a produzir seu 'filho querido', e festejar a data, com a publicação do primeiro número de '*O Lince*'. Jesus de Oliveira começou a atuar no jornalismo, na função de gráfico, sob a orientação de Albino Esteves e Epaminondas Braga, amigos que também professavam a fé espírita.

Deve-se ressaltar que o jornal '*O Lince*' tinha caráter noticioso e crítico, mas havia, em suas publicações, textos e notícias religiosas. Essa informação é confirmada por Oliveira (2001) e Adail de Oliveira (2001), e esses autores afirmam que Jesus de Oliveira, proprietário de '*O Lince*', foi o responsável pela criação do jornal/revista *O Médiun* (1932).

A publicação impressa foi um espaço explorado por pesquisadores para observar o movimento espírita, o que não foi diferente em Juiz de Fora. Neste sentido, '*O Médiun*' foi material identificado como fonte nas pesquisas estudadas, assim como outros periódicos locais<sup>8</sup>. No caso de '*O Lince*' podemos afirmar que não foi identificado nenhuma pesquisa que tenha lhe explorado para investigar o Espiritismo.

Percebe-se, neste ponto, que há uma lacuna, que precisa ser preenchida, para que se possa compreender o espiritismo na cidade de Juiz de Fora. No entanto, para atender essa demanda, faz-se necessário, primeiramente, refletir sobre algumas considerações a respeito do Espiritismo na cidade para, em um segundo momento, abordar os trabalhos da imprensa local em prol do espiritismo. Essa abordagem será apresentada no capítulo seguinte.

---

<sup>8</sup> Periódicos locais: *O Semeador*, órgão da Casa Espírita; *O Pharol*, O Jornal do Comércio e Diário Mercantil da imprensa laica juizforana; *O Lampadário*, da Imprensa católica, órgão oficial da diocese de Juiz de Fora.



## 2.2 ESPIRITISMO EM JUIZ FORA: CONTEXTOS LOCAIS

Nesta seção, procurou-se identificar, no meio espírita juiz-forano, indícios de especificidades e tendências comparados ao quadro geral do espiritismo no Brasil. Pretende-se ponderar sobre este quadro geral, como um norte para os apontamentos e, não, como respostas predeterminadas para este estudo.

Juiz de Fora vivenciou, no final do século XIX, as primeiras trajetórias do espiritismo. Inicialmente, o interesse era voltado para os estudos da doutrina e para a fenomenologia, com as práticas mediúnicas e suas mensagens reveladoras. De acordo com Mendonça (2014), há dois momentos marcantes nessas trajetórias: o primeiro, foi a organização, de uma espécie de associação, denominada *Club d'Além Túmulo*; e o segundo, a identificação de formação de um grupo espírita, na casa da família Gouvêa Franco, casal que começou a residir na cidade, por volta de 1898.

Mendonça (2014), ao estudar o *Club d'Além Túmulo*, identifica sua primeira referência na cidade<sup>9</sup>, em 21 de outubro de 1882, no '*O Pharol*' (1872-1939), jornal de reconhecida relevância no quadro local. A autora evidencia a figura de Alberto Besouchet, como divulgador das atividades daquele espaço, porém sem informações adicionais sobre sua fundação, ou quem eram seus participantes. Já Oliveira (2001) comenta que, os primeiros passos de formação do referido grupo de estudo, está relacionado à vinda do casal Gouvêa Franco do Rio de Janeiro para Juiz de Fora, que instalou residência na rua Batista de Oliveira. Ali, acontecia, em âmbito doméstico e familiar, consultas, estudos e práticas espíritas, e, provavelmente, teria nascido o primeiro grupo: *Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade*. Desse grupo, originou-se o primeiro centro espírita denominado: *Centro Espírita União Humildade e Caridade*, fundado em 2 de abril de 1901 (OLIVEIRA, S. 2001; CAMURÇA, 1998).

Ressalta-se que a figura de Joaquim e Joana Gouvea Franco é destaque, pois são considerados os pioneiros, ainda que o '*Club d'Além Túmulo*' tenha sido o primeiro sinal das práticas mediúnicas e interesses sobrenaturais de diálogos com os espíritos em Juiz de Fora.

---

<sup>9</sup> O clube teria sido formado em São João Del Rei – MG, e era mencionado nas páginas do jornal *Tribuna do Povo*, em 1881 (MENDONÇA, 2014, p. 23).

Os primeiros centros se formaram no começo do século XX. Os grupos que se organizaram, de forma privada, para realizar estudos e consultas aos espíritos, tiveram, rapidamente, seu momento de prosperidade e, pelo aumento do número de membros e interessados, fundaram os “centros espíritas”<sup>10</sup> regulares. Considera-se que a casa dos Gouvêa Franco deu origem ao centro, conhecido em Juiz de Fora, como *Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade. E*, com a chegada de novos colaboradores, criou-se o *Centro Espírita União Humildade e Caridade*, em 2 de abril de 1901.

Observa-se, contudo algumas informações divergentes: no jornal ‘*O Médium*’, de 25 de dezembro de 1936, em edição especial, informa sobre a gênese do espiritismo em Juiz de Fora, e afirma que o centro citado teve sua instalação inicial na rua Batista de Oliveira, onde era a residência do casal Gouvea Franco. Porém, o surgimento do centro, segundo o jornal, teve início entre polêmicas travadas na “imprensa e na tribuna” por “Ignácio Gama, dr. Gama Jr., Luiz de Oliveira, Albino Esteves, etc” (CENTRO ESPÍRITA UNIÃO HUMILDADE E CARIDADE, 1936, p. 3).

De acordo com a notícia do jornal ‘*O Médium*’, o grupo formado é identificado como “neoespiritistas de grande quilate”, e é, nominalmente, relacionado aos seguintes participantes que o constituíam: Mario Rivera Cardoso, Ignacio Rivera Cardoso, Manoel Guedes, Augusto Barbosa e outros. Eles realizavam os trabalhos na casa de Manoel Guedes, na rua São João, que depois foi transferida para a rua Barão de Santa Helena, onde “já contava com a colaboração de A. B. Fraga e Adolpho Schmitz (desprendido recentemente), d. Anna Gogliano, d. Ernestina Milagres, professor J. Paixão, etc.” (CENTRO ESPÍRITA UNIÃO HUMILDADE E

---

<sup>10</sup> O “centro” espírita é considerado uma unidade elementar da instituição religiosa. Conforme Giumbelli, “é como frequentador e/ou mantenedor de um “centro” que todo indivíduo tem contato com a doutrina espírita. Na maioria das vezes, trata-se de uma simples casa ou prédio, que pouco se diferencia de outros ao seu redor. No interior, o ambiente é, em geral, sóbrio. Ladeada por aposentos mais reservados ou destinados a finalidades administrativas ou assistenciais, destaca-se a sala de reuniões, um lugar que assume invariavelmente o formato de auditório, com as paredes cobertas de dizeres, figuras e, mais raramente, imagens santas. Cada 'centro tem um grupo de adeptos, divididos entre administradores (que tratam de aspectos institucionais), cooperadores (que realizam as diversas atividades) e 'médiums' (direção das atividades religiosas). Seus frequentadores podem se reduzir a esse círculo restrito, mas em geral os 'centros' são visitados por um número muito maior de indivíduos: alguns deles são assíduos e professam exclusivamente a doutrina espírita; a maior parte, entretanto, pode procurar o 'centro' em busca de resolução de problemas específicos, assim como não deixa de frequentar atividades promovidas por grupos religiosos de outras espécies” (GIUMBELLI, 1995:13).

CARIDADE, 1936, p. 3).

Figura 1 - Sede própria do Centro Espírita União, Humildade e Caridade



Fonte: O Médium, 25 dez. 1936.

Apesar desse mapeamento inicial, não é possível melhor identificação e detalhamento destes eventos, por falta de mais informações. Portanto, pode-se afirmar que as ideias espíritas já teriam circularidade na “Princesa de Minas”<sup>11</sup> neste período. Constata-se explicitamente o formato de organização do espiritismo, apoiado em modelos institucionais advindos da modernidade, como clubes, associações, sociedades, grupos de estudos chancelados na própria leitura doutrinária, e nas instruções de Kardec sobre reuniões e formação de sociedades, tal qual seu próprio grupo, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas<sup>12</sup>. Esta percepção incide sobre a composição organizativa e propostas doutrinárias, preceitos necessários para capacitação e de compromisso dos fiéis para cumprirem determinadas diretrizes.

O grupo formado pelas pessoas citadas acima foi, posteriormente, anexado

<sup>11</sup> No jornal ‘O Lince’, são descritos diversos nomes atribuídos a Juiz de Fora, por diferentes personalidades “ilustres”, dentre eles: Princesa de Minas, por Visconde de Ouro Preto; Manchester Mineira, por Antônio Salles; Athenas de Minas, por Arthur Azevedo; Europa de pobres, por Sylvio Romero; Barcelona de Minas, por Ruy Barbosa. Segundo a matéria “todos honraram a nossa cidade com suas visitas”, além de mencionar que um escritor norte-americano teria descrito como uma das cidades “mais industriaes do mundo” (O LYNCE, 1919, p. 3)

<sup>12</sup> É possível verificar n’O Livro dos Médiuns (2003), Kardec dedica dois capítulos a respeito deste tema: em um ele trabalha dois elementos da organização espírita, as reuniões e as sociedades; em outro ele publica na íntegra o regulamento de funcionamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

ao centro, informação contrária ao entendimento de que ele fazia parte da organização inicial do mesmo. De qualquer forma, o centro se encontra na rua Osório Almeida 245, bairro Poço Rico, onde permanece ativo até hoje. O Centro obteve duas instituições a ele vinculadas: o “Albergue dos Pobres” este funcionando como anexo ao centro e “Assistência Infantil Maria Lustosa” (CENTRO ESPÍRITA UNIÃO HUMILDADE E CARIDADE, 1936, p. 3).

Em outra matéria desta edição do jornal, foi citado um centro que, segundo a notícia, destoa dos outros na composição de seus membros: o Centro Espírita D. Pedro II. A matéria afirma que o centro tem todas as prerrogativas legais para seu funcionamento, mas destaca-se que em sua composição “fazem parte, em geral, homens e senhoras de poucas letras, operarios, porém, de muitas e excellentes virtudes [...]” (CENTRO ESPÍRITA D. PEDRO II, 1936, p. 4).

Figura 2 - Sede do Albergue dos pobres



Fonte: O Médium, 25 dez. 1936.

Observa-se que o Centro Espírita Dom Pedro, por ser composto por pessoas menos letradas, sinaliza que ele não era o “padrão” de centros espíritas da cidade, pois de acordo com os autores citados, no perfil dos espíritas considerava-se a intelectualidade. A posição que o espiritismo assumiu em Juiz de Fora era associada à prática de intelectuais, com posição social mais favorecida, que se dispunham a produzir materiais para divulgação da doutrina e defesa de seus ideais. Para reforçar essa condição, nota-se que os diversos membros da Academia Mineira de Letras, também eram espíritas: Albino Esteves, Luis de Oliveira, Estevão de Oliveira e Lindolfo Gomes, e deve-se ressaltar que a Academia foi fundada em Juiz de Fora.

Esse perfil intelectual foi importante para a difusão do espiritismo através de jornais e periódicos, e da fundação de diversas instituições (CAMURÇA, 1998, p. 203-204).

Outro grupo identificado, formou-se a partir do primeiro, e foi organizado por Albino e Firmina Esteves (CAMURÇA, 1998; OLIVEIRA, 2001). Através desse grupo, em 1935, surgia o Centro Espírita “Fé, Amor e Caridade”, com sede provisória no bairro Vitorino Braga. Na mensagem divulgada por eles, registrou-se a seguinte informação sobre sua prática: “satisfação de que vem prestando os sagrados ensinamentos de Jesus, através de suas sessões diversas, as dádivas dos bondosos espíritos lúcidos, e de seu corpo mediúnico” (CENTRO ESPÍRITA “FÉ, AMOR E CARIDADE, 1936, p. 4).

Em 27 de maio de 1936, surgia o Grupo Espírita Ivon Costa, com atividades no bairro São Mateus. O grupo procurou firmar-se, juridicamente, para realizar suas práticas e contou com a participação de Ernestina Milagres e Aleixo Vitor Magaldi (GRUPO ESPÍRITA IVON COSTA, 1936). No mesmo ano, em 24 de abril, tem início o *Grupo Espírita Amor a Kardec*, na casa de José Nogueira, como sede provisória, na rua Barbosa Lima 141 (GRUPO ESPÍRITA AMOR A KARDEC, 1936).

Ressalta-se que o centro com maior destaque e referência, para a época, foi a *Casa Espírita*. A edição especial de *O Médium*, em dezembro de 1936, trouxe um subtítulo para ela: “padrão de obra cristã” que, para os espíritas da cidade, foi considerada “uma das mais completas instituições de trabalho e fraternidade, inspiradas na Doutrina do Amado Mestre” (CASA ESPÍRITA, 1936, p. 7). Ela foi fundada em 16 de maio de 1919, era dirigida apenas por mulheres (o jornal afirma que até 1936, só senhoras estiveram à sua frente), sob as orientações do “iluminado espírito de João de Freitas, que concitou um pequeno grupo de senhoras, que se reunia em casa, a fundar uma *sociedade* [...]” (CASA ESPÍRITA, 1936, p. 7, grifo nosso). Em 25 de maio de 1920, com a eleição de uma nova direção, deram início à construção da sede (CAMURÇA, 1998).

Nessa casa, também, foram vinculadas outras instituições, como o Instituto Eugenia Braga, a Fundação João de Freitas, a Escola João Lustosa e a Assistência aos Necessitados. O Instituto Eugenia Braga foi fundado em 30 de maio de 1926, sob a presidência de Firmina. O local era utilizado para ensino profissional, em dois espaços: um para artes musicais, pintura e datilografia, e outro para artes manuais com confecção de flores, chapéus, bordados e aulas de corte e costura. Anualmente, era realizada uma exposição desses trabalhos. Já a Fundação João de

Freitas era um asilo para viúvas desamparadas, independente de credo ou de raça (CASA ESPÍRITA, 1936).

Nota-se uma divergência nas informações sobre a Casa Espírita, pois segundo essa notícia, ela teria sido constituída por inspiração do espírito de João de Freitas, patrono da mesma. Mas Oliveira (2001) e Camurça (1998, 2001) afirmam que foi sob orientação do espírito protetor de Diaz da Cruz, guia mentor do novo centro. Não foram encontradas outras informações sobre isso, mas pensa-se que esse registro é importante por fazer parte da sua história. Entretanto, ressalta-se que essa informação dada por Oliveira e Camurça foi divulgada no órgão de imprensa estabelecido pela casa, chamado: ‘O Semeador’. Isso pode dar mais confiabilidade à informação, e apontar que pode ter sido um equívoco por parte da edição de ‘O *Médium*’.

Os autores comentam que foram realizados muitos esforços, para garantir o avanço do espiritismo na cidade, e o mais importante deles, foi o de divulgar a doutrina espírita para sociedade. Isso foi possível devido ao perfil dos membros espíritas, que eram pessoas de classe média e letrada, que estavam dispostas a intensificar sua divulgação. Elas criaram órgãos de propaganda espírita, com imprensa própria; conferências; publicações de artigos em jornais laicos e aulas de formação. Com isso, promoveram contribuições significativas para a imprensa espírita local, com publicações sobre as atividades dos centros; sobre as palestras que seriam realizadas; sobre os trabalhos caritativos e a divulgação doutrinária.

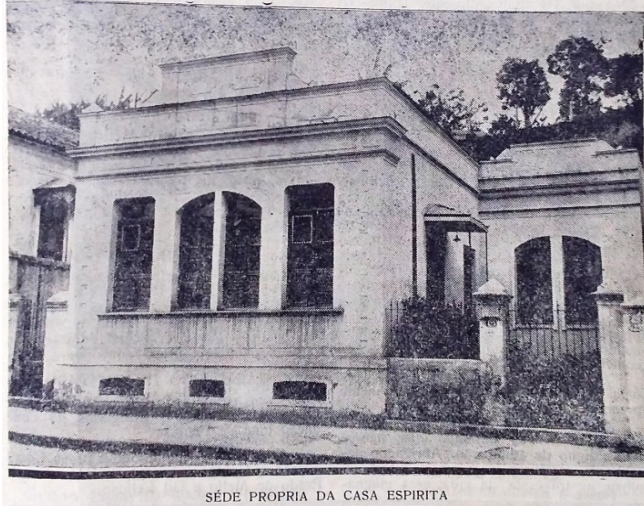
O *Jornal Espírita* foi criado pelo Centro Espírita União, Humildade e Caridade que, posteriormente, fundou, em 1917, uma *Revista Espírita*, cuja responsabilidade da redação era de Luiz de Oliveira (OLIVEIRA, 2001). A partir de 1920, a *Casa Espírita* criou o jornal ‘O Semeador’, organizado por Albino Esteves (CAMURÇA, 2001). Acrescenta-se na lista de esforços de propaganda espírita, a atuação de Jesus de Oliveira, que promoveu em seu periódico ‘O *Lince*’ (jornal de imprensa local leiga) um espaço, no qual defendeu e divulgou o espiritismo, a partir de seu interesse e estudo, com pontuais divulgações. A partir de 1920, Jesus Oliveira criou um jornal, agora puramente espírita, a partir da organização da Associação Brasileira de Publicidade Espírita (O MÉDIUM, 1932).

Grupos e centros foram os núcleos básicos, utilizados pelos espíritas, em Juiz de Fora, para a criação de suas instituições iniciais, o que perdura até os dias atuais. Formados como agrupamentos, tipicamente, civis e alinhados às diretrizes



doutrinárias, este formato relembra as reuniões organizadas por Allan Kardec. No *'Livro dos Médiuns'* (2003), encontra-se pelo menos dois capítulos destinados às diretrizes para a realização das reuniões espíritas e a forma de organização das sociedades, e que normatizam funções, valores e orientações para os trabalhos e práticas do espiritismo.

Figura 3 - Sede própria da Casa Espírita



Fonte: O Médiun, 25 dez. 1936.

Nota-se que a multiplicação de grupos e centros, em muitos casos, ocorreram a partir de cisões e tensões internas. Oliveira (2001) comenta que existe um discurso espírita, que interpreta tais cisões a partir de uma leitura doutrinária, que prevê a multiplicação dos espíritas, através dos rompimentos institucionais. Esse discurso, segundo ela, busca, em certa medida, aparentar uma harmonia entre os membros dissidentes e os antigos grupos ou centros, o que denota um perfil tipicamente espírita de tranquilidade, sobriedade e harmonia. Mas a autora identifica tensões, que considera um grande impeditivo para manter a coesão em um mesmo grupo (OLIVEIRA, 2001).

Observa-se, também, sobre esse aspecto, que as condições de unificação do espiritismo, inicialmente, foram frustradas. Ainda que sob um denominador mínimo na composição das obras de Kardec, ancorado no desejo de união espírita, as condições das normas doutrinárias não foram possíveis de serem fixadas, na medida em que as mensagens mediúnicas dependiam da interpretação humana, para serem problematizadas (OLIVEIRA, 2001). Nesse sentido, nota-se que a própria codificação reitera a necessidade de encontrar caminhos para tais divergências, e a busca de maior homogeneidade na composição dos grupos. Para

isso, era preciso ter o próprio rito de comunicação, para manter o grupo protegido, e garantir a manifestação de espíritos mais alinhados com o pensamento coeso do grupo, o que daria certa segurança para as práticas mediúnicas e suas mensagens.<sup>13</sup>

Essas questões doutrinárias não se consolidaram como conteúdo capaz de unir os pensamentos e corações dos espíritas. Inclusive, a nível nacional, muitas questões, que foram debatidas entre espíritas, movimentavam divergências interpretativas diversas. Nelas surgem diferentes vertentes de compreensão do espiritismo no século XIX, e que irão, constantemente, apresentar novas ressignificações ao longo de suas trajetórias.

Lewgoy (2006) e Arribas (2014) fazem alguns apontamentos sobre a multiplicidade do espiritismo presente no Brasil. Segundo os autores, havia uma diversidade de práticas e segmentos, que se consideravam espíritas, ainda que, em determinados momentos, eram conflitantes entre si. Em Juiz de Fora, houve casos em que a organização se apropriou de valores de outras crenças ou mesmo dissidências, que levaram algumas pessoas a fundarem centros, segundo seus próprios critérios (OLIVEIRA, 2001), ainda assim, considera-se que foi um movimento de vanguarda, atuante e presente até os nossos tempos.

Com relação aos combates travados pelos espíritas com adversários em diversos campos, os diferentes movimentos basearam-se em estratégias legitimadoras, e em formas de práticas religiosas para se sustentar. Uma delas seria a caridade, como marca de identidade das práticas espíritas diante de outras configurações menos aceitas na sociedade, principalmente, dos grupos próximos às religiões afro-brasileiras. Além disso, a diversidade religiosa, presente na cidade<sup>14</sup>, gerou tensões com a igreja católica, com médicos, juristas e, também, no meio jornalístico.

De acordo com Arruda (2011), a Igreja Católica, diante da modernidade, com

---

<sup>13</sup> Segundo os apontamentos, “toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. Está entendido que falamos das em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se o que se quer é apenas obter comunicações, sejam estas quais forem, sem nenhuma atenção à qualidade dos que as dêem, evidentemente desnecessárias se tornam todas essas precauções; mas, então, ninguém tem que se queixar da qualidade do produto” (KARDEC, 2003: 504).

<sup>14</sup> Camurça (1998) aponta a grande movimentação de pessoas e a organização de instituições na esteira das imigrações, principalmente, alemã e italiana, as missões metodistas (Colégio Granbery) e as construções de colégios católicos (Academia de Comércio, Stela Matutina e Santa Catarina), ainda no século XIX.



a perspectiva de diversidade, buscou garantir a manutenção de seu poder social/simbólico. Isso, porque o advento da República implicou em perdas significativas de sua atuação na sociedade, principalmente, com fim do Regime de Padroado, quando ela, ainda, alcançava diversos domínios sociais. Ela mantinha prerrogativas, que deveriam ser do controle do Estado, mas que este em aliança, ainda, lhe concedia, como casamentos, registros diversos, educação, saúde e obras assistenciais. A Romanização, como processo de Reforma Católica Ultramontana, foi o movimento institucional de resposta para esse pluralismo em desenvolvimento. Com ela, viria a vinculação e subordinação à Roma, com intensificação de postura ortodoxa e combate aos outros movimentos religiosos e à modernidade.

Segundo Arruda (2011), Juiz de Fora veria a ação reformista eclesiástica, ainda, no século XIX, sob a ação diretiva de Dom Silvério Gomes Pimenta. Tal ação foi um projeto centralizador da retomada de controle interno, e expansão externa, analisada, posteriormente, sob a noção de Neo Cristandade). Dom Silvério Gomes Pimenta constituiu um clero com alinhamento para consolidar seus trabalhos e, dele, fizeram parte Padre Doutor Venâncio Ribeiro de Aguiar Café, Padre Júlio César de Moraes Carneiro e o Padre João Emílio Ferreira da Silva, que conduziram as mudanças propostas por uma visão tridentina.

Camurça (1998) ressalta que o Espiritismo, nos primeiros momentos, não chamava muito atenção da Igreja Católica, visto que os embates mais acirrados eram com o protestantismo, como o caso do jornal '*O Lar Catholico*', órgão de imprensa católica criado com este intuito. Mas Simone de Oliveira (2001) comenta que o combate de católicos aos grupos espíritas começou por volta de 1900. De acordo com a autora (2001, p. 117), no Primeiro Congresso Mineiro de católicos, em 1910, instruíram aos "bons católicos" a não se envolverem com qualquer atividade, que fosse elaborada por outras entidades religiosas, inclusive com as de caridade; não colocassem seus filhos em instituições protestantes ou espíritas, nem participassem dos eventos modernos, como baile e moda.

As atividades da Igreja Católica, no decorrer do século XX, demonstraram suas preocupações com o Espiritismo na cidade. Um ponto de inflexão para a romanização da cidade e, conseqüentemente, os duros embates com as religiões concorrentes, seria a formação de uma Diocese, assumida por Dom Justino José de Santana, em 1925. Através dela, reavivaram-se as relações entre Estado e Igreja local (ARAÚJO, 2019). Os movimentos eram organizados por associações e,

através de jornais, com o objetivo de traçar os caminhos, em que os fiéis deveriam trilhar, para ficarem distantes das práticas espíritas<sup>15</sup>. Para isso, utilizavam de obras sociais em condições de competição assistencial, discursos em púlpitos ou em trabalhos doutrinários com livros, jornais e cartas pastorais, para o combate:

[...] as agressões mútuas ocuparam as páginas dos jornais juizforanos, ganharam as ruas através de procissões de protestos, movimentando líderes religiosos e fiéis, principalmente católicos, que se sentiam agredidos pela simples existência das outras crenças. Apesar de possuir a maioria dos adeptos, a Igreja Católica, se considerava ultrajada pela modernidade que trouxera as 'heresias' protestantes, espíritas e atéias (OLIVEIRA, S.G., 2001, p. 144)

Diante dos seus adversários, a utilização de recursos institucionais proporcionaram às instituições religiosas católicas os meios para propagar suas concepções, e convencer seus fiéis para não aceitarem o que viesse de outras religiões. Os jornais tornaram-se instrumentos de propostas, que conduziram as disputas religiosas. Um exemplo significativo foi o jornal católico '*O Lampadário*', que promoveu um embate entre os espíritas e médicos sobre doenças mentais, em que alertava para o prejuízo que o espiritismo trazia para milhares de pessoas (OLIVEIRA, 2001, p. 119). Segundo Almeida (2021, p. 94), nas páginas de '*O Lampadário*', publicavam diversas críticas às oposições que a Igreja fazia, numa seção do jornal específica chamada: "Desafios Modernos". Nela, havia um espaço destinado às críticas religiosas, em especial ao espiritismo, que segundo a autora, foi o segmento que mais obteve críticas entre 1926 a 1928.

Outra frente que se opôs às causas espíritas foi a classe médica do município, que teve, como ponto centralizador de suas diretrizes, a formação de uma sociedade denominada Sociedade Médica e Cirúrgica de Juiz de Fora. Nesse espaço, os membros trouxeram suas preocupações concernentes aos problemas sanitários e à higiene da cidade.

Segundo Scoton (2007), com isso, os médicos foram convidados a atuar em

---

<sup>15</sup> De acordo com Camurça (2001, p. 142), "a beligerância contra as religiões emergentes é ainda complementar à 'luta interna' pela conscientização dos católicos 'não praticantes' no modelo tridentino". Os processos internos das instituições eram promotores da catequização necessária, para manutenção dos bens simbólicos. Casos, como o apresentado por Brion (2009), revelam que instituições católicas como a Pia União das Filhas de Maria, associação leiga de devoção Mariana, combatiam os "inimigos vorazes" por dentro, repreendendo suas frequentadoras por frequentarem o espiritismo e a metodista, tidos como desvio.

instituições públicas, e se projetaram como políticos, com assentos na Câmara Municipal; promoveram ações de trabalhos, para promulgar pareceres e propostas de leis, com objetivos de intervenção direta na administração da cidade. Esse agrupamento procurou promover avanços sociais, com ideias modernas do campo científico, em contraposição às práticas mais populares, que prometiam curas, como o espiritismo, que era mal visto, com seus ambulatórios receitistas e curas mediúnicas.

Com relação a essas questões, Giumbelli (1997a) ressalta que houve um apoio à classe médica, quando o Estado promulgou, no código penal de 1890, a criminalização de práticas alternativas de cura e de charlatanismo. Assim, reforçou-se o discurso médico de combate ao, que julgavam ser, engodos sociais e, com isso, enquadrou-se o espiritismo entre as práticas consideradas como enganação.

Diante disso, envolveu-se a opinião pública no debate sobre essa questão, com amplo apoio da imprensa, que comportou as ideias do jurista promulgador do código, João Batista Pereira. Através de seus apontamentos, tornou-se compreensível que o espiritismo usava de superstições e truques de ilusão (GIUMBELLI, 1997a). Assim, os setores médicos, jornalísticos e jurídicos tinham argumentos semelhantes para atacar o espiritismo, e considerar suas práticas como enganadoras e perniciosas à sociedade, e criminosas.

Em contrapartida, os espíritas evocavam as premissas da liberdade religiosa, e a cura de doenças dos mais necessitados. Inicialmente, promoveram uma inserção das práticas assistenciais de mediunidade, através dos chamados *receitistas*<sup>16</sup>, até meados de 1940. Oliveira (2001, p. 88) afirma que as casas espíritas promoviam atendimentos médicos, como era realizado por Almerinda Alves

---

<sup>16</sup> Segundo Kardec em 'O livro dos médiuns' (2003), os receitistas são aqueles enquadrados como praticantes de especialidades mediúnicas, tal qual uma aptidão particular do médium. Na relação entre o espírito e o médium, haveria preferências em ocupar determinadas naturezas de comunicação a outras. Por isso, seria uma facilidade do médium interpretar as prescrições médicas de espíritos. Considerada uma prática muito comum, os médiuns receitistas tomaram espaços importantes, no Brasil, como forma terapêutica nos centros espíritas. Com isso, promoviam diagnósticos de doenças e seus tratamentos com receituário, ligados, muitas vezes, à medicina homeopática. Essas atividades foram repreendidas pelo Estado, no início do século XX, com acusações de prática de medicina ilegal e charlatã, como apresentada por Emerson Giumbelli (1997). Em sua defesa, os espíritas argumentaram que a mediunidade receitista era promotora do alívio físico aos sofredores, e por isso, era uma prática caritativa e religiosa, sem cobranças do serviço. Dessa forma, visava o direito à liberdade religiosa assegurada pela constituição.

Moreira, a “Mindoca”, presidente da “Casa Espírita Fé e Caridade”.

Pela publicação em jornal, como visto na citação abaixo, entre as atividades do *Centro Espírita homenagem a S. Sebastião*, há o registro de consultas e da postura assistencial do espiritismo:

Recebemos do Centro Espírita homenagem a S. Sebastião  
Movimento do mês de janeiro:

Assistentes	1.597
Consultas	1.127
Sessões de caridade	10
Idem de desenvolvimento	4
Idem particulares	4
Receitas com remédios	627

Pede se vidros pequenos e auxílios para remédios (O LINCE, 1919, p. 2)

Esses números revelam que havia um grande trabalho assistencial e produção de receitas neste centro. Esses espaços de divulgação, em jornais locais, proporcionaram a divulgação das atividades e, conseqüentemente, do modo como os trabalhos eram conduzidos. Scoton (2007) relata que havia esse tipo de divulgação em Juiz de Fora, no Jornal do Comércio, durante os anos 1927 e 1929, com temáticas variadas. Segundo a autora, esse tipo de apresentação em jornais não sofreu contestações pela classe médica ou por qualquer parte da sociedade local. Para ela, isso mostra que, desde 1920, o espiritismo já tinha garantido sua “visibilidade, credibilidade e respeito” perante a sociedade, e garantiu seu espaço na imprensa, da elite letrada da cidade (SCOTON, 2007, p.93).

Ao longo deste capítulo, observou-se que a imprensa de um modo geral, e a presença de órgãos espíritas em específico, foram fundamentais para a divulgação da conduta e da prática do espiritismo e, também, dos posicionamentos de seus adversários. Desde sua fundação até os dias de hoje, o espiritismo está intimamente relacionado aos meios de difusão de informações: os periódicos das casas espíritas ou de suas federações; os livros doutrinários ou psicografados, marcados por propostas editoriais; programas de rádio e TV; e, atualmente, pela *internet*. Como meio importante de divulgação de notícias, propostas, debates e propaganda, os jornais e revistas foram propulsores dos trabalhos doutrinários dos espíritas ao longo das diferentes trajetórias.

No capítulo seguinte, serão abordados os trabalhos realizados nos órgãos de imprensa: '*O Lince*' e '*O Médium*', periódicos que contribuíram para a propagação do espiritismo na cidade de Juiz de Fora. Os dois periódicos foram idealizados por Jesus de Oliveira e, é importante compreender como esse personagem, e seus amigos (as) de fé, contribuíram para promover o espiritismo através dos jornais.

### 3 O JORNALISTA E SEUS JORNAIS: IMBRICAÇÕES ENTRE IMPRENSA E ESPIRITISMO NOS JORNAIS ‘O LINCE’ E ‘O MÉDIUM’

O espiritismo alinha diversas configurações e perfis de seus protagonistas, que marcaram os percursos da religião no Brasil. O pensamento racional e moderno, presente no Espiritismo, atraiu uma camada letrada e intelectualizada, mas sem romper com a dimensão religiosa. As características de ser um credo urbano permitiram ao espiritismo um rápido desenvolvimento na cidade de Juiz de Fora, com uma organização reconhecida pela sociedade, na década de 1920, e outros segmentos sociais seguiram suas ideias e seus trabalhos.

Como o papel da imprensa foi fundamental para a divulgação do Espiritismo na cidade, neste capítulo, procurou-se conhecer melhor a atuação de agentes religiosos, através dos jornais ‘O Lince’ e ‘O Médium’. Entende-se que a imprensa local, como espaço do discurso religioso, levantou questões importantes, como as relações dos sujeitos religiosos e suas contribuições, para o crescimento do espiritismo. Com isso, houve maior participação da coletividade espírita presente na cidade, que criaram novas organizações institucionais com rede de relações com diversas instituições no país.

Destaca-se neste capítulo, a trajetória do fundador desses jornais, Jesus de Oliveira, e busca-se compreender seus movimentos diante das produções escritas nos referidos jornais, com material religioso sobre a prática do Espiritismo à época.

#### 3.1 IMPRENSA E MODERNIDADE

A ideia de modernidade está intimamente ligada ao avanço científico e tecnológico. Com ela, vieram as máquinas a vapor; a indústria; a organização dos centros urbanos; eletricidade; os bondes elétricos e os primeiros carros circulando nos grandes centros. O mundo moderno trouxe o progresso material em diversos campos. Ao longo desse processo, ocorreu uma “vertigem e aceleração do tempo”<sup>17</sup>,

---

<sup>17</sup> A ideia trazida pela autora descreve o sentimento das pessoas nas cidades metropolitanas, na virada do século XIX para o século XX. Diante do progresso acelerado, o sentimento de mudança

como comenta Neves (2008, p.15) ao caracterizar as sensações experimentadas pelos indivíduos na virada do século XIX para o XX; e parte significativa delas, pode ser atribuída às transformações nos meios de comunicação.

A tecnologia na era moderna permitiu que, através dos meios de comunicação, ocorressem aproximações que antes não eram imaginadas. Muitas delas foram desenvolvidas no século XIX, e executaram alterações na percepção espaço-temporal de todos. Antes, a circulação de notícias dependia do transporte como meio de propagação: os deslocamentos de pessoas e de materiais impressos ou escritos precisavam ocorrer para movimentar as informações. As comunicações de longa distância eram dependentes de deslocamento físico de indivíduos e objetos.

A comunicação vivenciava um paradigma atrelado ao transporte, que só foi superado com tecnologia. O telégrafo pode ser considerado um marco e um bom exemplo disso, e esse equipamento evidenciou uma mudança na forma de se comunicar com o mundo, agora, com mensagens transmitidas a grandes distâncias, sem ter a preocupação de deslocamento geográfico.

Como meio de comunicação, a imprensa mudou o cenário mundial no século XX. No Brasil, a impressão de mensagens foi tardia em relação à Europa, mas quando chegou, tornou-se fecunda de grande proliferação. Cohen (2008) comenta que, ao longo do século XIX, as publicações impressas no país eram diversificadas e segmentadas; o que permitiu, no início do século XX, a criação de uma gama de jornais e revistas das mais variadas categorias, inclusive o segmento religioso.

Segundo Barbosa (2007), com a proliferação dos meios de comunicação escritos, muitas vezes alinhadas à forma oral e imagética, desencadeou-se um cenário público de relações entre indivíduos e coletivos, com alterações nas percepções e comportamentos daqueles que adentravam sua vivência cotidiana neste campo. Esses fatores corroboram com a ideia de que a imprensa já tinha sua diversidade temática e era organizadora das discussões do espaço público de opinião. Assim, ela pôde estabelecer alterações na forma de relacionamento interpessoal, e incorporar, ao seu espaço, os discursos religiosos.

De uma forma geral, os espíritas utilizam de material impresso para informar,

---

era um “ritmo alucinante”, com crescimento urbano e complexidade de suas funções; fluxos de imigrantes europeus; alterações políticas e do cotidiano; novas ideias e práticas sociais, com implicações no mundo privado e público e, em meio a tudo isso, a chegada do espiritismo.

divulgar, defender a doutrina de Kardec. Desde seu início até seus desdobramentos no Brasil, o Espiritismo kardecista utilizou da imprensa e da organização editorial, alinhado aos seus princípios como elementos importantes de sua compreensão, pelo menos em sua vertente que pretendeu ser hegemônica e controladora do poder simbólico. Considera-se que parte do sistema da doutrina espírita e da sua prática religiosa teve sua validação consolidada através de folhetos, jornais, revistas e livros, que foram materiais que deram relevante contribuição para organização do movimento e de sua divulgação. Lewgoy (2004), ao analisar o avanço do espiritismo, observa que há um imenso campo editorial presente na atualidade, com centenas de editoras. Além disso, nota-se que há grande aceitação das obras espíritas no mercado de leitores leigos, e elas ganham mais espaço, “podendo ser encontrados em livrarias próprias, livrarias comuns, bancas de revistas e postos de venda de livros em centros espíritas” (LEWGOY, 2004, p.56).

Diante disso, é importante conhecer o panorama da relação entre imprensa e o Espiritismo, para vislumbrar este cenário.

### 3.2 IMPRENSA E ESPIRITISMO: UMA RELAÇÃO ELEMENTAR

Hoje, pode-se afirmar que há uma imprensa espírita, e isso se deve a Allan Kardec, que considerava como fundamental o letramento para sua prática e seus ensinamentos. A propagação do conhecimento compilado, na publicação de *Le livre des Esprits* (1857), ganhou, rapidamente, desafetos críticos, como também, apoiadores fervorosos, fato que pautou suas publicações em uma revista, lhe fornecendo espaço de melhor esclarecer suas ideias e enfrentar às críticas rivais. A *Revue Spirite* surgiu em 1858, um ano após o lançamento do livro. Pouco tempo depois, foi fundada a *Société Parisienne des Études Spirites*, e a revista ganhou notoriedade internacional; com isso, conseguiu-se maior aproximação de diversos adeptos e simpatizantes do espiritismo naquela época.

Segundo Wolf (2017), o objetivo da revista era aproximar a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* e o público leitor. A agremiação foi criada para assumir o papel de organização social, pois era crescente o movimento espírita na França. Obteve-se, através do jornal, maior interlocução com membros e leitores



interessados pelo espiritismo. Inclusive, foram publicados os discursos de Allan Kardec, que à época era presidente da instituição, direcionados, principalmente, aos fiéis espiritistas.

Para Wolf (2017), entre 1858 e 1869, a Revista Espírita, no período de Kardec, foi paulatinamente estruturada como um órgão de imprensa, capaz de fornecer ao seu leitor, em especial para comunidade espírita, a configuração de um modelo de narrativa editorial, com as diretrizes do que era importante para o Espiritismo.

A *Revue Spirite* não foi utilizada apenas como meio de divulgação e parte do seu conteúdo foi, devidamente selecionada, para ser inserida nos demais livros da chamada codificação kardequiana. As ideias e textos, nela contidos, permitiram que as demais obras primordiais do Espiritismo kardecista se tornassem, materialmente, viáveis e constantemente divulgadas. Nesse aspecto, a revista foi um condutor da formulação de um *corpus* doutrinário.

O *Corpus kardequiano* é compreendido por Araújo (2016) como a composição de toda a obra produzida por Allan Kardec, entre 1857 e 1869, incluindo o conjunto de anotações e textos publicados após a sua morte, em 1890, sob o título de *Oeuvres posthumes*. Assim, a *Revue Spirite*, no período em que Kardec ainda estava vivo (1858-1869), ganhou relevância para a concretização do trabalho de produção da base espírita e seus desdobramentos.

No Brasil, na década de 1860, as ideias espíritas oriundas da França estavam em circulação. Começaram no Rio de Janeiro através da imigração francesa, espaço em que Espiritismo, inicialmente, não teve tanta expressividade. Vale destacar dois eventos pertencentes a esse período: a publicação do livro *Les temps sont arrivés* de Casimir Lieutaud, em 1860, com publicações espíritas no Brasil, em língua francesa; e o *Courrier du Brésil*, periódico de linha anticlerical, organizado por imigrantes, que tinham um certo prestígio até em meio a corte imperial; o grupo de imigrantes franceses era composto por jornalistas, professores, comerciantes (MACHADO, 1996). Nessa época, não havia avanços no campo religioso; eram, apenas, manifestações tímidas e reuniões fechadas de cunho particular.

A Bahia foi o estado em que, primeiramente, o Espiritismo ganhou relevo e propulsão para sua disseminação pelo país. De acordo com Damazio (1994), lá, formou-se o Grupo Familiar do Espiritismo, em 1865, por Luiz Olympio Telles de Menezes, que elaborou obras espíritas genuinamente pensadas para os brasileiros.

Fernandes (2010, p.34) comenta que, através dessas obras as ideias espíritas tomaram corpo, através de uma tradução editorial e cultural, a partir do final do século XIX. E, foi ele quem publicou a primeira obra espírita em português: “*Philosophia spiritualista. O spiritismo. Introdução ao estudo d'a doutrina spiritica*” (1865), obra baseada em trechos traduzidos do Livro dos Espíritos na sua 13ª edição. Nessa obra, o autor estabeleceu algumas premissas, com uma linha de pensamento espírita no Brasil: uma novidade a ser difundida; esforços de conciliar ciência e religião; preocupações sobre uma história espírita no Brasil e dialogar com opositores.

Arribas (2010) comenta que os trabalhos de Luiz Olympio Telles de Menezes foram muito importantes para a propagação do espiritismo, pois, à medida em que promovia a tradução de textos espíritas, abria caminho para mais pessoas terem acesso aos materiais do ideário espírita. Com a tradução, extrapolava-se a barreira do idioma estrangeiro, que apenas os intelectuais rompiam. Assim como a difusão da imprensa, principalmente da revista *Écho d'Além-Túmulo* (1869-1871), deu-se o começo do Espiritismo no Brasil. Suas publicações em *Écho d'Além-Túmulo* são consideradas por Fernandes (2010) uma tradução cultural, um Espiritismo à brasileira<sup>18</sup>, no qual sua busca estava ligada à reformulação do catolicismo, pois se dizia-se católico, e não largava mão dos ideais espíritas.

Arribas (2010), ressalta que tais empreitadas, não poderiam ser executadas, sem as relações estabelecidas com pessoas portadoras de grande capital social. Luiz Olympio Telles de Menezes, era desprovido de tais recursos, mas relacionava-se com a aristocracia baiana e com espíritas franceses. Por conta disso, Fernandes (2010) o retrata como um personagem fronteiro, uma figura-limite, comparado aos seus colegas pertencentes à elite intelectual baiana. Sua condição não o colocava em situação de perder algo, pelo contrário, e por ser considerado um pioneiro nas propostas de defesa do espiritismo, ele receberia assim certo prestígio.

Fernandes (2010) comenta que Luiz Olympio Telles de Menezes travou embates com personalidades católicas e, a partir deles, diversos documentos foram publicados, que levaram a doutrina espírita ao escrutínio público. Desde as publicações dos artigos de Amedée Déchambre, no *Diário da Bahia*, em 1865, abriu-se o debate público sobre o Espiritismo, que deu origem a sua primeira publicação;

---

<sup>18</sup> O termo utilizado explica muito a apresentação de Fernandes (2010), pois ele é título da tese de Stoll (2003)

em seguida, uma Carta Pastoral de Dom Manoel Joaquim da Silveira em 1867, o impulsionou a escrever um prefácio na segunda edição em resposta; tal resposta estimulou a entrada na discussão literária o militar, Major Manoel da Silva Pereira, e o Padre Juliano José, além de sátiras publicadas no órgão de imprensa denominado Bahia Ilustrada.

De acordo com Arribas (2010), essas personagens se envolveram diretamente em um debate escrito<sup>19</sup> com Luiz Olympio Telles de Menezes, e parece que, muito do que ele produziu, dependeu da interação do público com esses personagens. Isso impulsionou suas ideias, as quais foram defendidas através dos impressos, com uma linha editorial espírita capaz de ser compreendida por leitores menos instruídos, o que não acontecia com os textos traduzidos. Não havia necessidade de traduções das leituras dos textos em francês e, assim, podiam tirar suas próprias conclusões. Arribas (2010) evidencia que a figura de intelectuais religiosos iniciaram disputas entre si, para evocar às ocupações religiosas para si, assim, estruturando uma luta simbólica.

A investida feita por Luiz Olympio Telles de Menezes, na Bahia, despertou o interesse pelo fenômeno, que chegou ao Rio de Janeiro, capital do Império. Enquanto na Bahia, o apelo era mais reformista, na capital, ele se alinhou ao pensamento republicano e, iniciou-se a defesa da opção pelo credo, ou seja, pela liberdade religiosa. Com isso, a separação da Igreja e do Estado tornou-se pauta presente no discurso espírita.

De acordo com Fernandes (2010), alguns elementos apoiam essa afirmação. Na sua visão, a mensagem espírita era mais apropriada na vida urbana do Rio de Janeiro, o que favoreceu sua expansão, baseada em uma luta ideológica definida, que partiu da classe média em formação. Giumbelli (1997) corrobora com essa afirmativa, ao considerar que o elemento urbano contribuiu para estruturação do credo em solo brasileiro, pela posição de homens e mulheres convencidos das “verdades” doutrinárias. Em sua maioria, eram intelectuais com posições sociais privilegiadas, o “que garantia aos grupos de que eles participavam a possibilidade de se beneficiar de recursos, conhecimentos e redes de relações, valiosos em determinadas circunstâncias” (GIUMBELLI, 1997, p.62).

---

<sup>19</sup> Além de versos críticos, usava imagens satíricas, como no caso do periódico em que publicou desenhos de Luiz Olympio Telles de Menezes “com asas de morcego e, em outras vezes, cultuando um jumento sobre o pedestal” (FERNANDES, 2010, p. 48).

Com o avanço da divulgação dos ideais espíritas no Rio de Janeiro, observou-se um fenômeno social de maior duração e que culminou na formação da Federação Espírita Brasileira (FEB) e, concomitantemente, vários desdobramentos da doutrina espírita no Brasil. De acordo com Arribas (2010), os diversos grupos organizados começaram a traduzir as obras kardequianas, e lançaram periódicos próprios, com o objetivo de direcionar os caminhos e dar luz às ideias. Mas algumas tentativas não prosperaram como aconteceu com o Grupo Confúcio, de 1873, que foi extinto em 1879; e com a fundação do Centro União Espírita do Brasil, a partir do I Congresso Espírita Brasileiro<sup>20</sup>, pois as disputas internas dividiram as ideias sobre a doutrina. A formação da FEB permitiu que determinado grupo, à frente de seus trabalhos, se empenhasse na disputa pela delimitação e legitimação das ideias, que consolidaram o que era ser um espírita e quais eram suas práticas.

Miguel (2014) comenta que o movimento da FEB sustentou sua relevância diante das dificuldades enfrentadas com a Igreja, com a classe médica e, ainda, no campo jurídico, pois assumiu uma posição de aglutinar em torno de si as responsabilidades de uma liderança incipiente do movimento espírita. O objetivo era ajudar os demais grupos no enfrentamento desses adversários, e professar o caráter religioso da doutrina, fruto do trabalho prático e intelectual realizado pelos agentes interessados e envolvidos nos processos (ARRIBAS, 2010). Nesse sentido, ressaltase a importância o jornal '*O Reformador*', periódico criado antes mesmo da própria FEB, e que se tornou o instrumento condutor das vozes dos defensores de determinada vertente espírita.

Segundo Arribas (2010), o imaginário de unificação espírita, à época, foi frustrado devido a problemas internos e, houve disputas, principalmente, em torno das polêmicas trazidas pelas obras do advogado francês Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), sobre o caráter cristão, que promoveram uma querela entre diferentes jornais espíritas. A dinâmica que perpassou essas disputas, também, nas esferas externas, deu origem à produção de material escrito, que evidenciou para alguns pesquisadores, o estabelecimento de um Espiritismo cristão (DAMAZIO, 1994; GIUMBELLI, 1997; SCOTON, 2007). Os autores concordam que o Espiritismo

---

<sup>20</sup> O I Congresso Espírita Brasileiro foi organizado em 06 de setembro de 1881, com a pretensão de reunir os grupos espíritas existentes na capital e, se possível, no país. A partir dele, fundou-se o Centro União Espírita do Brasil, que foi a primeira instituição com propósitos de unificação do movimento espírita nacional. Em 03 de outubro de 1881, Afonso Angeli Torterolli assumiu o comando do centro e, junto ao Major Salustiano José Monteiro de Barros, criaram o jornal '*O Renovador*', em 28 de agosto de 1882 (ARRIBAS, 2010).

foi mantido por sua classe intelectual e agentes especialistas da religião<sup>21</sup>, que foram capazes de ofertar os bens simbólicos, para validação da crença estabelecida em suas formulações e organização.

Tais apontamentos permitem afirmar que a produção religiosa espírita no Brasil e, mais especificamente, as produções religiosas em impressos na cidade de Juiz de Fora, foram fundamentais para a propagação do espiritismo. Deve-se reconhecer que as produções em ‘*O Lince*’ e ‘*O Médium*’, em Juiz de Fora contribuíram, significativamente, para isso, através de Jesus de Oliveira, seu idealizador.

Neste sentido, torna-se relevante conhecer a trajetória percorrida pelo jornalista e apontar suas escolhas, contribuições para o movimento espírita juizforano e sua atuação junto a outros colegas de fé.

### 3.3 OS JORNAIS E O JORNALISTA

Entre a fundação do jornal ‘*O Lince*’ (1912) e ‘*O Médium*’ (1932), encontra-se uma distância de duas décadas. ‘*O Lince*’ foi um tradicional periódico de notícias das mais diversas naturezas, que circulou por mais de 60 anos na cidade de Juiz de Fora. Foram 1520 edições em diversos formatos e tamanhos, até encerrar suas atividades em 1979. ‘*O Médium*’ teve uma trajetória mais específica, pois foi criado para ser um órgão de imprensa, exclusivamente, espírita; e é mantido, até hoje, pela Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora (AME JF) e circula em versões impressas e digitais.

Ambos jornais foram idealizados por Jesus de Oliveira, personagem que permeou diversos espaços da vida juizforana: era um militar, que atuava em um “stand” de tiro; escritor; “jornalista por natureza”<sup>22</sup>, e um espírita convicto de sua

---

<sup>21</sup> Afirmativa baseada nas ponderações de Arribas (2014), em sua tese de doutorado, sobre os “protagonistas do sagrado”, agentes sociais capazes da produção da crença, ou seja, produção intelectual religiosa e, portanto, clérigos religiosos. Neste sentido, ela define os tipos ideais de especialistas presentes no meio espírita como autoridades do tipo institucionais, carismáticas e intelectuais.

<sup>22</sup> Segundo Oliveira (2001), essa denominação foi criada por Milton Lopes, que o considera um dos maiores colaboradores da imprensa juizforana, e foi publicada no ‘*A Voz do Povo*’, em 2 set. 1961, e republicada em ‘*O Lince*’ de out. 1961.

crença. Isso mostra que ele era um cidadão atuante na sociedade local, que participou ativamente de movimentos sociais à sua época. Sua trajetória estimulou este estudo, por considerá-lo um agente multifacetado, que soube utilizar os veículos de imprensa, idealizados por ele mesmo, para propagar a organização do trabalho religioso.

### 3.3.1 Jesus de Oliveira

Jesus Rodrigues de Oliveira não era natural de Juiz de Fora, mas sua vida foi dedicada à cidade, que o adotou. Nasceu em 09 de janeiro de 1891, em Santo Antônio de Olaria, que na época pertencia a Rio Preto, hoje uma cidade mineira emancipada, localizada a 70 km de Juiz de Fora.

Desde os 4 anos de idade, veio morar em Benfica de Minas, bairro distante do centro de Juiz de Fora, onde habitou até os 17 anos, em 1911. Através de seu pai, que foi vereador da cidade por dois mandatos consecutivos: de 1901 a 1904; e 1905 a 1907<sup>23</sup>, a política esteve presente em sua infância. Quando se mudou para o centro da cidade, começou a trabalhar como tipógrafo, e depois em atividades no jornal *O Pharol*<sup>24</sup>. Em artigo de Alvayr Braga Esteves (1959), isso foi possível com a ajuda de personalidades importantes da imprensa e do Espiritismo, como Albino Esteves e Epaminondas Braga.

Ao referenciar as profissões que Jesus de Oliveira, Esteves descreve diversas atividades:

[...] caixeiro, auxiliar de fabricação de manteiga<sup>25</sup>, aprendiz de sapateiro, feitor de uma turma de trabalho de uma usina siderúrgica, funileiro e bombeiro, compositor tipográfico, estabelecido como tipografia e papelaria, correspondente de *A Noite*, do Rio, cobrador

---

<sup>23</sup> Estas informações se encontram no site da prefeitura de Juiz de Fora. Disponível em: <<https://www.camarajf.mg.gov.br/www/legislaturas-antteriores>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

<sup>24</sup> Segundo Almeida (2021), *O Pharol* foi o primeiro jornal da cidade de Juiz de Fora. Antes disso, já circulavam periódicos vindos da Corte do Rio de Janeiro e da capital da província, Ouro Preto. Com o avanço do uso cotidiano de meios de comunicação e, também, com o crescimento da cidade, entre 1905 e 1906, criaram a Associação Tipográfica Beneficente Mineira na cidade.

<sup>25</sup> É provável que tenha sido na produção de manteiga, que seu pai fazia em Benfica (OLIVEIRA, 2001, p. 15).

do Tiro 17, representante de O Dia e da revista O Tiro de Guerra, instrutor militar do Grupo Escolar de São Mateus e do Tiro 408, de Lima Duarte, gerente do semanário – O Martelo, bibliotecário, expedidor e impressor de A Batalha, tipógrafo na Tipografia Helena, de João Bastos e de O Pharol, secretário, tesoureiro e presidente de inúmeras associações (ESTEVES, 1959, p.26)

Nota-se que, ao longo da sua vida profissional, exerceu diversas atividades, desde ofícios manuais até funções mais intelectualizadas, em cargos administrativos em associações; trabalho com a imprensa, em que teve intensa participação, e atuou como militar. Seja como trabalhador ou como proprietário, ele desenvolveu produções relativas à organização e colaboração de jornais e revistas, o que assegurou sua posição como jornalista conhecido. Além disso, produziu uma obra de 80 páginas, intitulada '*Constelações*', e os periódicos: '*O Independente*', '*O BEMFICA*', '*O Tiro 17*', '*O Olariense*' (1914) e '*A Propaganda*' (1915-?)<sup>26</sup>.

Outra prestação de serviço que ele desenvolveu, foi organizar uma papelaria. Em Abril de 1919, Jesus de Oliveira anunciou que abriria, ao lado de sua nova casa, uma papelaria de artigos escolares, e ofereceria, também, serviços tipográficos (VIDA NOVA, 1919). Um de seus prestigiados clientes foi o Centro Espírita, que em julho e agosto de 1919, fez encomendas tipográficas. Não se pode afirmar, mas as papelarias e gráficas, que hoje é um ambiente comum e modernizado, com máquinas copiadoras, impressoras e diversidade de insumos, parece ter suas origens no início do século XX.

Oliveira (2001), ao retratar determinados perfis de espíritas na cidade, identifica Jesus de Oliveira como referência, como facilitador dos espíritas à

---

<sup>26</sup> Com exceção de '*O Independente*', eram produções em formatos pequenos de 12 x 16 ou 14 x 21 cm, que eram distribuídos como encartes inseridos n'*O Lince*'. Aos 19 anos, '*O Independente*', foi a primeira tentativa de Jesus de Oliveira em produzir um jornal próprio, mas por ser menor de idade, à época, seu pai desaprovou a circulação. Assim, aguardou a maioridade para publicar '*O Lince*', aos 21 anos, em 9 de janeiro de 1912, data de seu aniversário. *O Bemfica* foi uma iniciativa de manter um periódico atrelado ao local, em que o jornalista viveu sua infância. Inicialmente, '*O Lince*' trazia em seu cabeçalho a localidade, como se fosse produzido lá, apenas como homenagem, pois era produzido no centro de Juiz de Fora. Quando alterou o do local do jornal, fundou '*O BEMFICA*', com notícias locais. *O Tiro 17* foi um órgão informativo, criado em homenagem ao Tiro de Guerra 17, onde militava como instrutor e associado. Embora essa empreitada tivesse intuito de divulgação de atividades militares, encontra uma coluna de '*O Tiro 17*', nas páginas de '*O Lince*'. *O Olariense* teve apenas um número, devido às críticas ofensivas de leitores familiares, o que levou o redator-secretário do folheto e tio de Jesus de Oliveira, Procópio T. Paula, a se afastar da função, assim, tinha uma indeterminada, e era distribuído encartado nas páginas de '*O Lince*' (OLIVEIRA, 2001).

imprensa:

Um bom exemplo dessa 'facilidade' é representado por Jesus de Oliveira. Sendo ele proprietário e redator do Jornal *O Lince*, fundado em 1912, passou a incluir em sua redação artigos e noticiários espíritas a partir da década de 1920, época em que deixou de ser católico abraçando como crença, a doutrina espírita. Entretanto, sua atitude de publicar matérias espíritas em um jornal lido por diferentes segmentos da sociedade, provocou várias reclamações de leitores católicos, que eram a maioria dos seus clientes, levando-o a fundar um órgão de divulgação exclusivamente espírita, o que se realizou em julho de 1932, com a publicação da revista *O Médium*, que atualmente é órgão de divulgação oficial da AME/JF. (OLIVEIRA, 2001, p.148)

'*O Lince*', fundado 1912, foi a criação mais longeva e relevante de sua atuação em jornais, e manteve-se ativo até a morte de Jesus de Oliveira, em 1967. Esse jornal foi o maior espaço utilizado pelo jornalista e, por ser de sua propriedade, é inegável que o trabalho desenvolvido nele tenha muito mais relevância.

Jesus de Oliveira recebeu muitas homenagens, pelos seus esforços, no meio comunicacional, e conquistou posições relevantes por onde passou. Participou, ativamente, na Associação Mineira de Imprensa (AMI), antiga Associação da Imprensa de Minas (AIM), fundada em Juiz de Fora em setembro de 1921. Suas funções, nessa entidade, foram de bibliotecário e tesoureiro, até chegar a sua presidência. Na fase final de sua vida, recebeu a honra de se tornar membro honorário da Academia Brasileira de Trova (ABT), em 1964. Juiz de Fora o homenageou, ao dar seu nome a uma rua<sup>27</sup>, uma escola municipal e a um prédio do antigo Tiro de Guerra, que é tombado (OLIVEIRA, 2001).

É importante registrar que Jesus de Oliveira foi um atuante agente militar, em trabalhos específicos, no Tiro de Guerra 17, fundado em 1908, em Juiz de Fora. Sua fundação ocorreu dois anos após a promulgação do Decreto Federal nº1.503, de 5 de setembro de 1906<sup>28</sup>, que estimulou a filiação de sociedades à Confederação do Tiro Brasileiro, que tinha por objetivo a formação e treinamento militar de voluntários, como reservistas de segunda categoria do Exército Nacional. Nessa sociedade, exerceu diferentes funções, e, no cargo de diretor de tiro, em eleição de 26 de dezembro de 1917, assumiu pela quarta vez, período em que era 1º tenente (O

---

<sup>27</sup> A rua, que recebeu seu nome, é em frente ao Centro Espírita Paz e Fraternidade, do qual participou da fundação, e onde se dedicou aos trabalhos religiosos por muitos anos, inclusive como presidente da instituição.

<sup>28</sup> O decreto pode ser consultado em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1503-5-setembro-1906-582999-publicacaooriginal-105775-pl.html>>.



LINCE, 1918). Além dos diversos cargos, chegou à presidência da instituição, e contribuiu para a construção do seu prédio, com dois pavimentos, fundado em setembro de 1931 (OLIVEIRA, 2001).

Figura 4 - Primeira edição de 'O Lynce'.



Fonte: O Lynce, 9 jan. 1912.

Ainda sob sua presidência, em 20 de dezembro de 1938, a Associação do Tiro de Guerra 17 doou o prédio para a Sociedade Beneficente 'Sopa dos Pobres', com cláusula de usufruto do Centro Espírita 'Venâncio Café' (OLIVEIRA, 2001). O motivo desta doação esteve relacionado à criação de quadros de formação de reservistas, anexos ao Corpo do Exército, e esta determinação impediu que o Tiro 17 obtivesse inscrições de formandos para compor reservistas por 2 anos (OLIVEIRA *et. al.*, 1938, p.2).

Além disso, Jesus de Oliveira, também, envolveu-se com a classe operária da sua época. Em 1914, participou de uma reunião da Associação Beneficente Mineira de Juiz de Fora, uma associação de operários, na qual foi convidado pelo presidente da assembleia, Manoel Brasiliense, a assumir o cargo de secretário da mesma. Em 1915, participou de uma comissão, acompanhado de Juvenal Vieira e Rufino de Mello, com a missão de angariar novos sócios. Em 1919, nova assembleia ocorrida em uma sede da Maçonaria, obteve como resultado a formação de nova direção, e assumiu a função de tesoureiro (O LYNCE, 1919 c).

Com seu envolvimento em diversas associações, Jesus de Oliveira teve intensa atuação na esfera pública. Esse parece ter sido um modo de sociabilidade comum naquele tempo, diante da vida moderna. Com elementos capitalistas, que ainda permitiam medidas de manter características coletivas de comunhão social, estas sociedade se estabeleceram, em parte, através de organizações, como associações e clubes, apoiada pela opinião pública e pelos meios de comunicação da época.

Com relação a isso, Perlatto (2015) comenta que a esfera pública era seletiva, enquanto forma de modernização, baseava-se em processos do debate público, e suas decisões eram pautadas por um grupo seletivo de agentes sociais, os quais eram ligados a setores dominantes da sociedade. O constante envolvimento do jornalista em diversas agremiações, de forma direta e com grande mobilização nos trabalhos realizados, reforça uma posição social, que foge da marginalidade.

Por suas diversas atuações na sociedade juiz-forana, foi reconhecido por ela como uma pessoa de prestígio, e esse reconhecimento trouxe-lhe destaque e posição em espaços importantes. Com isso, adquiriu condições materiais necessárias para que, no meio comunicacional, seu discurso religioso ganhasse espaço.

### **3.3.2 ‘O Lince’**

‘O Lince’ foi lançado em 1912, com apenas quatro páginas em sua primeira versão, como eram os jornais, menos expressivos, em circulação à época. Seu conteúdo era de assuntos diversos, como: curiosidades históricas; notícias de casamento; mensagens para os aniversariantes; textos literários (contos, poemas e poesias), e notícias locais, nacionais e estrangeiras. Segundo Esteves (2001), em texto publicado na biografia de Jesus de Oliveira, as primeiras tiragens do jornal foram executadas na tipografia de Albino Esteves e, mais tarde, produzido na mesma tipografia de ‘O Pharol’.

Observa-se que havia artigos no jornal ‘O Lince’, com opiniões do redator sobre assuntos importantes, como ficou registrado no artigo publicado em 07 de fevereiro de 1912. O artigo comentava sobre o empastelamento de três diários

independentes na Bahia: “Sejam quaes forem os autores de tão nefando crime, merecem a punição da justiça, o ódio e o desprezo eternos de quantos nasceram nesta terra sagrada, onde as famílias se unem pelo amor e pela paz, nesta terra onde o trabalho é um sacerdócio e a liberdade-religião” ( NÓS..., 1912, p.1).

Nos primeiros anos do jornal, a coluna ‘Quinzena social’ era constante, e informava sobre os leitores aniversariantes, casamentos e nascimentos de pessoas conhecidas, leitores, e anúncios de convites para determinados eventos. Na coluna ‘Expediente’, anunciava seus valores, balanços, vendas e assinaturas. Para a venda do jornal, em seu início, o preço unitário era de cem réis (0\$100), e as assinaturas semestrais, dois contos de réis (2\$000), mas as vendas unitárias, no segundo número, tiveram o preço de duzentos réis (0\$200).

A partir do número 7, Nestor Campos deixou a redação do jornal. Jesus de Oliveira continuou o trabalho no jornal e, na capa de ‘O Lynce’, veio o registro, com o seguinte texto: *Redactor-proprietário*, Jesus de Oliveira. Na edição nº 8, ‘O Lynce’ ganhou um subtítulo: “*Folha litteraria, noticiosa e crítica*”; e começaram a aparecer os primeiros comerciais, que, até então, não ocorriam.

Para compor os textos do jornal, eram elaboradas colunas e matérias sobre a cidade e região. Coletavam informações de outros jornais, obtinham contribuições de leitores e, Jesus de Oliveira elaborava a redação, mas não era possível, na maioria das vezes, identificar o autor. Muitos textos eram anônimos ou escritos com pseudônimos, como foi o caso da contribuição de Albino Esteves, com seu pseudônimo Lucio d'Alva, que publicou uma poesia de cunho espiritual, com o título ‘Confidentes’, com temática sobre fé, esperança e caridade:

Na estrada poerenta, descampada, ao cahir do crepusculo,  
encontraram-se as tres romeiras: à sombra da mesma árvore foram  
descansar,

- Donde vens? Perguntou a que parecia mais triste e pensativa,  
de vestes pobres, corpo mirrado, olhos mansos e carinhosos.
- Dos desertos aridos, tostados pelo sol inclemente dos tropicos.
- Regresso e humilde mansarda: alguém existe que soffre...
- Eu – disse a que ficara muda até então – deixei há bem pouco  
a cabeceira de um leito...

Correu silêncio breve. Adensavam-se as sombras; no céu havia já  
uma polvilhação de estrellas:

- Irmã! - volveu a primeira – admiro-te a coragem, afrontando a  
aridez ingrata do deserto povoado e teras e abrolhos! Vem commigo!
- Almejava a tua pasciencia junto aos que luctam!
- Irmãs! - exclamou a terceira – eu vos reconheço ainda...  
Juntemonos, e que a sorte não nos separe nunca!

Entreolharam-se duvidosas:

- Fé!
- Esperança!
- Caridade!

Uniram-se num longo e demorado abraço, e partiram, alentando aos fracos, soccorrendo aos descrentes, alimentando aos famintos.

Uma nesga de luar banhava de suave misticismo a estrada poerenta e sombra... (D'ALVA, 1912, p. 2 e 3).

Assinado como Lucio d'Alva, o poema traz os elementos típicos do espiritismo, ainda que não tivesse uma identificação religiosa. A caridade, como prática central na conduta espírita, reflete no poema uma proposta lúdica de alcançar os leitores, e levá-los a pensar sobre os valores defendidos pelo espiritismo. Não se sabe se o texto foi publicado com o consentimento do jornalista. Mas nota-se que era uma mensagem espírita, mas que passaria despercebida pelo cunho moral que carregava, pois, via de regra, a caridade também era uma prática cristã da época, pela filantropia e assistência social por partes das instituições<sup>29</sup>.

Ainda no primeiro ano do jornal, verifica-se que houve, por parte da redação, um olhar crítico para outras práticas religiosidades, como foi comentado sobre o jogo de búzios: “Chamamos a atenção do digno delegado do município, para a grande alta de jogadores de búzio que infesta esta localidade, pois, estes senhores não se envergonham de pôr em execução a sua laboriosa profissão em plena rua” (O LINCE, 1912, p.1). Com tom sarcástico, a prática de búzios foi comparada a uma infecção. Essa forma de se expressar continuou após sua conversão ao Espiritismo, mas com uma nova linguagem para compor elementos de acusação a tais práticas, que eram vistas como algo pernicioso à sociedade. Como um agente religioso do espiritismo, as críticas caíam sobre a falsidade.

O jornal e o jornalista ganharam espaço na sociedade juizforana. As assinaturas e contribuições de amigos e/ou de leitores assíduos, garantiram suas atividades, ‘O Lince’ se firmou como jornal local, com características típicas do início do século XX, e se firmou com a persistência e dedicação de Jesus de Oliveira.

---

<sup>29</sup> Camurça (2001) apresenta um artigo, em que centraliza a caridade em obras sociais na cidade de Juiz de Fora. Tal prática era um movimento de concorrência religiosa, entre catolicismo romanizado e espíritas, em busca de legitimação, processo que se mantém em estado latente. Tais serviços prestados se mostravam em campanhas de doações, organizações de institutos ou departamentos especializados, que atendiam diversos casos, como atendimentos de cura, cuidado de idosos, amparo material e espiritual, dentre outros.

### 3.3.3 Espiritismo em 'O Lince'

Na biografia escrita pelo filho de Jesus de Oliveira, Adail de Oliveira, o prefácio foi escrito por Hélio Bastos Couto, jornalista e amigo do biografado, que no final da década de 40, se fez presente em diversos artigos e, também, na organização da publicação de 'O LYNCE'. No prefácio, ele relatou que o jornalista tinha grande atividade no meio juiz-forano, com publicações no *Diário Mercantil*, revista *Marília*, no periódico '*Lar Cathólico*', *Jornal dos Ex-Alunos da Academia* e '*O Lince*'. Segundo Hélio Couto, o editor do '*Lar Cathólico*', Padre Newton Pimenta o "interpelou intolerantemente" para que escolhesse entre publicar no Jornal e Revista da Academia ou n'*O Lince*'. Sua escolha foi de continuar suas publicações n'*O Lince*'. Tal fato, ao ser de conhecimento de Jesus de Oliveira, segundo Couto, ele teria dito que seria melhor ter continuado escolhido os Órgãos da Academia, pois seriam mais úteis a sua carreira (PREFÁCIO, 2001, p.11).

Pela narrativa, percebe-se que '*O Lince*', enquanto jornal leigo, era desprezado por seu viés religioso; fato percebido pela postura do sacerdote. Nota-se a existência de uma segregação entre espaços, de tal forma que os católicos não deveriam valorizar nem publicar seus trabalhos em um jornal organizado por um espírita, pois reconheciam seu trabalho a favor do espiritismo.

No início de 1919, o jornal divulgou ações que seriam realizadas pelo *Centro Espírita Confederado homenagem a S. Sebastião*, com destaque de que haveria muita caridade, pois iriam distribuir pão e carne aos pobres, e fez a cobertura sobre o evento. Jesus de Oliveira anunciou, em 18 de janeiro, que foi convidado a participar da solenidade, e que havia recebido convite para ajudar na distribuição dos alimentos aos mais necessitados (UM GESTO CARIDOSO, 1919). O evento ocorreu nos dias 1 e 2 de fevereiro, e contou com a participação ilustre do professor Angeli Torteroli (O LYNCE, 1919a). A respeito deste centro, o jornal, também, publicou a relação de suas atividades no mês de janeiro de 1919: foram feitas 1597 assistências; 1127 consultas; produzidos 627 receitas com remédios; 10 sessões de caridade; 4 de desenvolvimento mediúnico e 4 de atendimentos particulares (O LYNCE, 1919a, p.2).

Com a publicação desse quadro, o jornal deu espaço para a divulgação dos serviços e, também, buscou consolidá-los como prática possível no terreno da

caridade e do assistencialismo. A partir desses dados, percebe-se que, neles, estão presentes elementos que compuseram práticas de centros-referência para o Espiritismo em todo o Brasil. Via de regra, o trabalho da FEB sustentou-se nas áreas médicas, com consultas e receitas; o que lhe rendeu alguns problemas, principalmente, com a classe médica e jurídica, que os acusava de charlatanismo (GIUMBELLI, 1997a, 1997b; ARRIBAS 2010; DAMAZIO, 1994), e esse centro tinha práticas semelhantes.

A Imprensa, de forma geral, retratou seu interesse pelos fenômenos espíritos desde o início, e comentava sobre os diversos eventos. Nas décadas de 1910 e 1920, a atenção ao Espiritismo ganhou destaque e maior afinção com a imprensa laica. A motivação, de parte dessa imprensa, era por curiosidade, deslumbramento com as narrativas de efeitos e fenômenos, e outras práticas, as quais divulgavam. de acordo com Giumbelli (1997), a intenção da imprensa era de retratação sobre o que era verdadeiro ou falso, com o interesse de divulgar esclarecimentos à população, tirar dúvidas e desmascarar os charlatões e enganadores.

Nos primeiros momentos, Jesus de Oliveira tinha, uma certa, aproximação com a doutrina espírita mas, ao longo do ano de 1920, como redator-proprietário inaugurou uma nova caminhada e mudança de postura nas páginas de 'O Lince'. Ele ainda se manteve vinculado à igreja católica, como retratou em artigo, no qual afirmou que doaria dois por cento da arrecadação das assinaturas do jornal, para o Asilo João Emílio<sup>30</sup> e para a Igreja de Santo Antônio de Olaria, sua terra natal (O LYNCE, 1920b). Seu vínculo com a igreja católica ainda permaneceu, e nela, foi realizado seu casamento com Antonietta Cavallare, no dia 10 de janeiro de 1920 ( O LYNCE, 1920 a).

Apesar das divergências, observa-se o apoio do jornal 'Lar Catholico' às publicações de 'O Lince' sobre os abusos durante o Carnaval. Na matéria, sugeriam o uso comedido de lança-perfumes, confetes e brinquedos; condenavam os escândalos, principalmente, com relação às mulheres, e sobre as práticas de empurrões e formação de cordões, em que homens aproveitavam para tocar no

---

<sup>30</sup> Padre João Emílio foi o idealizador do asilo, e iniciou as obras em 1896, O empreendimento foi continuado pela Congregação do Bom Pastor a partir de 1901, com autorização do Bispo de Mariana, para completá-la. O nome do asilo é uma homenagem ao Instituto Padre João Emílio, que posteriormente recebeu o nome de Associação de Assistência Social João Emílio. Disponível em: <<https://arquiocesejuizdefora.org.br/instituto-padre-joao-emilio/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

corpo delas; e criticavam a moda das roupas femininas (O LYNCE, 1920c).

Ao longo do ano de 1920, Jesus de Oliveira intensificou sua produção de artigos sobre o Espiritismo, publicou diversos artigos sobre livros e jornais espíritas, como de curiosidades e sueltos, e acabou por fidelizar-se à doutrina.

Fato determinante sobre a mudança de postura do jornalista, ficou registrado num artigo, sem título, publicado em 02 de outubro de 1920, quando ele assumiu seu apoio e defesa do Espiritismo, e escreveu que, há dois anos, estava comprometido com os estudos doutrinários. No artigo, ele sustenta que teria sido um erro acusar o Espiritismo de ser algo diabólico, e que os algozes da doutrina não possuíam fundamento para isso. Além disso, ressalta que eles não procuraram conhecer a doutrina, antes de proferir as acusações. Jesus de Oliveira fez argumentações, para explicar sobre a natureza espírita, que era uma ciência oculta, voltada para a caridade, com humildade, e guiada por Jesus Cristo (O LYNCE, 1920 e).

Em seus argumentos, Jesus de Oliveira comenta sobre o modo como as pessoas se aproximavam das ideias espíritas: “O espiritismo, não arrebatava para o seu seio, o catholico, o methodista, o protestante e até o atheu, estes é que, reconhecendo a sã doutrina de Christo, é que se incorporam ao mesmo. É o que se deu comnosco” (O LYNCE, 1920 e, p. 1). Com isso, ele se declara, publicamente, como um estudioso da doutrina espírita e sua nova profissão de fé.

A partir desse artigo, considera-se que o jornalista, diante de seus leitores, declarou sua conversão nos termos em que Hervieu-Léger aplica em *O peregrino e o convertido* (2015). A conversão para ela é retratada como um “momento de certeza”, uma identificação religiosa no mundo moderno permitido diante da mobilidade que pode ocorrer em meio a desregulação das instituições religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 118).

Após se declarar espírita, Jesus de Oliveira fez, constantemente, publicações no jornal com opinião religiosa. De início, utilizou uma coluna denominada “Chronica Espirita”, na qual publicou quatro artigos, entre outubro e novembro de 1920, com conteúdo em defesa do espiritismo. Seus textos falavam sobre os estudos e instrução doutrinária do ser, na estreita relação com o progresso humano, e a incompatibilidade dos “sagrados nomes de Deus e de Jesus Christo” sempre pronunciado nas “preces, nos actos de caridade, em suas casas” (O LYNCE, 1920 f). Segundo Jesus de Oliveira, o Espiritismo é interpretado como ciência, porém

“sempre guiado pela vontade de Deus e pelos sagrados ensinamentos de Jesus Christo” (O LYNCE, 1920 f). Em seus artigos, ele desmentia as acusações de adversários da doutrina e interpelava os leitores a vir conhecê-la, para depois julgá-la.

Entre 1920 e 1926, publicou uma diversidade de artigos sobre o espiritismo, com citações de frases e textos de autores espíritas (reconhecidos e/ou anônimos); opiniões e comentários sobre algum evento ou situação ocorrida; descrição de processos de escolha de dirigentes e, também, de movimentos ocorridos em alguns centros. Tais questões configuraram o jornal como espaço de divulgação da doutrina espírita.

Registrou-se, ainda, as relações com outros órgãos espíritas nas páginas do jornal. Em uma nota, anunciou o recebimento do primeiro número de 'O Semeador', lançado no Natal de 1920, pela Casa Espírita. (IMPRESA LOCAL, 1921, p. 3). Outro periódico espírita citado n'*O Lince*', '*O Clarim*', de Matão. O jornal '*O Clarim*' é citado por transcrever uma matéria d'*O Lince*' a respeito da proibição de um tenente policial de Juiz de Fora de frequentar o centro de dona Mindoca (INQUISIÇÃO?... ESCRAVIDÃO?..., 1921, p.1; O LYNCE, 1921 e, p.2).

Nesse processo, algumas críticas contundentes foram feitas à postura clerical da igreja, em especial, uma crítica muito dura a um padre, no ano de 1921. Na matéria jornalística, foi relatado que ele utilizava o púlpito, para proibir aos católicos de lerem determinados órgãos de imprensa, com ameaças da “Liga de Catholicos” de expulsá-los da igreja. Tal atitude aconteceu, porque a Federação Operária Mineira, citada na matéria, mantinha, entre seus membros, pessoas de outros credos (MAIS DEVAGAR..., 1921, p.2). Segundo o texto, a motivação do ataque católico foi em relação à crítica de um colaborador sobre o ato dos fiéis beijarem os anéis do bispo. Com relação à proibição, o artigo dizia:

Somente a Constituição, pelos seus representantes, a Justiça e autoridades policiaes, pode impedir a circulação de um jornal qualquer.

Pois bem, uns padres, estrangeiros, das duas congregações religiosas localizadas nesta cidade, estão impedindo por meio de palavras tolas e mentirosas, a circulação dos seguintes jornaes daqui: O LYNCE, “A Batalha”, “A Tarde”, “O Proletario”, e “O Alicate”. Tudo isso, é para que o povo não saiba das verdades [...] (O LYNCE, 1921 f, p. 2)



Nesse artigo, a crítica foi sobre a pressão que o clero católico exercia sobre a participação de fiéis, de outros credos, em diferentes espaços. Percebe-se que a presença de espíritas, em determinados setores de imprensa ou das associações que as coordenavam, foram motivos de questionamento e proibições direcionadas à população católica, fruto de uma inflexão institucional. A evocação da liberdade religiosa, como defesa dos direitos individuais do povo brasileiro, foi a argumentação trazida à discussão nesta matéria.

Em outras matérias divulgavam propagandas de eventos, palestras, votações para direção de centros e divulgação de grupos espíritas.<sup>31</sup> Nesse escopo midiático, encontra-se a divulgação dos preparativos de um Congresso Espírita, que aconteceria no Rio de Janeiro. Na matéria do dia 4 de junho de 1921, foi anunciada a realização da 'Festa do Espiritismo', em homenagem à data de 28 de agosto de 1881. Este evento seria o início dos trabalhos para outro, ainda, mais significativo:

Nessa mesma ocasião, serão iniciados os trabalhos da organização do Quinto Congresso Espírita e Espiritualista Internacional, a ser instalado naquela capital, em 28 de agosto de 1922, cujas sessões se prolongarão durante os festejos da comemoração do 1º centenário da independência do Brasil.

Se porém as sociedades espíritas de outros países, não nomearam com antecedência os seus delegados, será então realizado o 2º Congresso Espírita e Espiritualista do Brasil, em continuação ao 1º, realizado em 1898 que obteve do governo, um auxílio.

O Lynce, faz sinceros votos para que seja coroado de pleno êxito, a realização desse auspicioso Congresso. (UM CONGRESSO ESPIRITA, 1921, p.2)

A presença de material religioso foi, rapidamente, absorvida por companheiros de fé, que lhe prestaram auxílio no trabalho de divulgação, e o jornal recebeu vários textos de pessoas ligadas ao espiritismo. A primeira contribuição identificada, nesse período, foi de Delmitina de Oliveira, publicada em 8 de outubro de 1921 (SALVE! 3 DE OUTUBRO, 1921, p.1). Ela era parente de Jesus de Oliveira, e residia em Lima Duarte. Seu texto foi uma homenagem a Allan Kardec, o

---

<sup>31</sup> Interessante destacar a relação com órgãos espíritas de diferentes lugares nesses primeiros movimentos. Encontra-se publicado anúncio e agradecimento por uma permuta entre os periódicos (O CLARIM, 1921). Também, há uma nota com agradecimento a um periódico de Alagoas, 'A Luz', por citar uma matéria sobre curas espirituais feitas por um padre (O LYNCE, 1921 g, p.3). 'O Lynce' ainda destacou o jornal *O Missionário*, editado em Rio Claro, São Paulo; descreveu a participação de Antônio Gonçalves da Silva Bатуíra e major Espiridião Prado e parabenizou pelo primeiro ano de existência do jornal, completado em 14 de maio de 1922 (O MISSIONÁRIO, 1922).

codificador da doutrina espírita, pela data de seu aniversário em 03 de outubro. Delmitina de Oliveira e sua irmã, Maria de Oliveira, produziram artigos para o jornal, de 1922 a 1925, e recebiam respostas de outros colaboradores.

Pessoas de outros estados, também, enviavam matérias para serem publicadas. Uma delas foi Antônio Pereira Guedes, vice-presidente do centro Espírita Fraternidade, ao lado do presidente Carlos Imbassahy (SECÇÃO ESPIRITA, 1925, p.2), do Rio de Janeiro, com publicações em 1925 de artigos com o título '*Cartas Espíritas e Pensamentos Espíritas*', artigos que compunham uma série de publicações em resposta ao Padre Benjamim Lopes, vigário de Barbacena.

O jornal sofreu uma alteração importante no final de 1926. Apesar da capitalização de uma empresa, para administração do jornal, Jesus de Oliveira organizou uma assembleia de subscritores de cotas, com o objetivo de criar uma empresa gráfica. Num total de 500 cotas, por negociação de permuta com o maquinário tipográfico, e em acordo com os novos investidores do jornal, Jesus de Oliveira ficou com 165 cotas e tornou-se diretor da empresa; Nelson Erse, o gerente e Pedro Fioravante, o subgerente (EMPRESA GRAPHICA, 1926).

No entanto, apesar da mudança ter infligido um recuo sobre as propagandas, divulgações e defesa do espiritismo, houve o estabelecimento de um espaço mínimo de publicação religiosa, mas não houve impedimento total para novas publicações. No final da década de 1930, publicaram material relacionado ao espiritismo, mais especificamente, sobre livros de Esperanto publicados pela FEB, entre os números de 11 de junho a 29 de outubro de 1938. O Lince publicou uma pequena propaganda sobre o livro '*Esperanto sem mestre*', publicado pela Livraria da Federação Espírita Brasileira, com a seguinte mensagem:

Se para todas as pessoas progressistas o esperanto é uma necessidade intelectual, para o espiritista é mais ainda: - é uma aspiração à fraternidade humana.

O processo mais simples e fácil de aprender-se esse idioma é o livro "*Esperanto sem mestre*", publicado pela Livraria da Federação Espírita Brasileira, com finalidade puramente doutrinária e não comercial, como todos os outros livros que publica. - 1 vol. br. 4\$000 (O LYNCE, 1938, p.3)

Assim, percebe-se que a proibição de publicações sobre o Espiritismo, feita anteriormente, terminou, e retomaram a publicidade e contribuições. E, em 1932, foi fundado um órgão de imprensa especializado, '*O Médium*'.

### **3.3.4 Organização religiosa através da mídia: formação d'*O Médium*' e da Associação Brasileira de Publicidade Espírita**

Em 30 de julho de 1932, surgiu o 'órgão espírita': '*O Médium*', com pretensões grandiosas em Juiz de Fora. O jornalista, Jesus de Oliveira, publicou o jornal, e convocou os leitores espíritas, para embarcarem em uma nova empreitada de divulgação do Espiritismo no Brasil. Com formato padrão de quatro páginas, semelhante ao tamanho do jornal '*O Lince*', com três colunas por página, e agora, com textos exclusivos para divulgação da doutrina.

Na matéria da primeira página, do primeiro exemplar, Jesus de Oliveira publicou texto muito reflexivo, sobre o qual é importante comentar.

No início do texto, ele faz uma ponderação sobre a religiosidade mineira e, na sua percepção, o território do Estado de Minas Gerais, à sua época, encontrava-se dividido religiosamente; os diversos credos possuíam grande número de fiéis, e o "Espiritismo avançou tanto em nosso território, que, se ainda não tem igual número de adeptos quanto o catolicismo, pouco falta para ultrapassá-lo" (OLIVEIRA, J., 1932, p.1). É interessante notar, que há um otimismo de sua parte, ao considerar, em termos de presença do Espiritismo, um equilíbrio diante dos adeptos católicos. Talvez já fosse um indício de uma transitividade religiosa, que os trabalhos sobre pertença religiosa apontam.

Além disso, o autor traz sua percepção do problema em torno da divulgação espírita e sua manutenção. Em suas ponderações, Minas Gerais era vista como 'essencialmente católica', isso ocorria, de acordo com sua visão, porque os espíritas não divulgavam o avanço que o espiritismo alcançou no Estado. Mas, ele compreendia, também as dificuldades que os empreendimentos sofreram; e as condições das despesas, para manutenção das iniciativas em prol da doutrina.

Em seguida, no texto, ele revela que manteve, por algum tempo, sua contribuição para a doutrina, em '*O Lince*', e que ela fora suspensa quando organizou "uma empresa por quotas limitadas para manutenção do referido órgão, visto que uma grande parte dos tomadores de quotas são católicos" (OLIVEIRA, J., 1932, p.1).

Em um trecho do texto, ele demonstra o interesse de promover iniciativas para que o espiritismo alcançasse o país, e convocou seus pares a se organizarem

em uma associação, no caso, a Associação Brasileira de Publicidade Espírita:

Hoje, porém, graças a Deus, cumpro êsse meu dever. Mas, sosinho, sem o imprescindível concurso de uma grande parte dos bons espíritas, essa minha iniciativa, que é a publicação do *O Medium*, não poderá exercer a influencia que deve em nosso meio espírita, ou aliás, de todo o Brasil.

Com a presente edição, que é de 500 exemplares, faço, aliás expontanea e prazerosamente, a despeza de sessenta mil réis, só com a impressão afóra os sêlos para expedição.

Por aí se verifica que me é impossível dispensar o auxilio dos espíritas, por isso concito-os, a organizarem nesta cidade uma associação para a manutenção do *O Medium*, á qual poderão pertencer os irmãos de qualquer parte do Brasil. Para isso, essa instituição deverá chamar-se: Associação Brasileira de Publicidade Espírita – composta de uma directoria, um corpo redatorial e uma comissão de expeditores do *O Medium*.

Essa associação, cujos socios contribuirão com dois mil réis por trimestre, terá a seguinte finalidade: Distribuir gratuitamente, em todo territorio nacional, desde que as condições financeiras o permitam, *O Medium*, cujas despezas serão pagas pelas mensalidades arrecadadas e donativos recebidos, não podendo assinaturas e nem publicar anuncios, afim de não haver mercantilização numa obra doutrinaria.

Nestas condições, estou certo, *O Medium* prestará grande beneficios, visto que, inumeras famílias pobres, estão por aí afóra, pendendo-se para os *candomblês* por não poderem assinar um jornal espírita, que lhes dê a necessaria instrução.

Caros irmãos espíritas: Formemos um bloco e, vamos manter *O Medium*, mesmo que êle só apareça lá uma ou outra vez. Aguardo, pois, as adesões, afim de ser organizada a associação, nem que seja com poucos socios.

Eu darei os meus esforços para que *O Medium* venha a ser util á grandiosa causa da doutrina espírita (OLIVEIRA, 1932, p. 1).

Vale destacar algumas questões: um dos pontos que foi apresentado, é a condição de abarcar a divulgação do jornal entre os mais pobres, que por falta de condições materiais, para se instruírem, tendiam aos *candomblês*. Nesse sentido, ele entende que o espiritismo se destaca em relação às outras religiões. Para Oliveira (2001), caracteriza-se, assim, uma posição dos espíritas modelares, que buscavam distinguir o ‘verdadeiro espiritismo’ do ‘falso’, como era a posição da FEB no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2001).

No artigo, percebe-se uma estrutura já pensada, para organizar a Associação, com o formato estrutural do corpo editorial; a maneira de filiação à associação; o valor a ser pago e, também, sua função básica de ter distribuição gratuita, para todo Brasil. Ele ressalta, ainda, que não deveria ter assinaturas do periódico, nem

anúncios, pois não poderia ter comercialização do periódico, para evitar o comércio do que ele considerou, como ‘obra doutrinária’.

A primeira edição contou, ainda, com textos de diversos autores, como do Dr. Gabriel Delanne<sup>32</sup> e Pedro Camargo, este último retirado de *O Clarim*, órgão espírita de Matão, São Paulo. Destaca-se dois textos: um sobre um fenômeno relatado pelo Diário Oficial do Sergipe<sup>33</sup>, e um extenso artigo com o nome de ‘Um raro fenômeno espírita’, de autoria de Aleixo Vitor Magaldi, farmacêutico, nome conhecido no meio espírita local e, na época, morador de Lima Duarte, cidade vizinha a Juiz de Fora.

Sobre este último, foi um relato detalhado, digno de uma descrição etnográfica, de uma reunião ocorrida na Casa espírita Nina Ramos, com participação dos seguintes atores: Major Lindolfo Paiva, o casal capitão Leonardo Baumgratz e Delmetina de Oliveira Baumgratz - colaboradores com artigos espíritas em ‘*O Lince*’; capitão Oscar Baumgratz e Maria de Nazareth. O texto discorre sobre a participação espiritual do irmão de Magaldi, José Magaldi, que se encontrava adoentado, e que, após sua manifestação enquanto espírito desdobrado do corpo, sua melhora ocorreu de maneira significativa.

O segundo número de ‘*O Médiu*m’ só veio a ser lançado em novembro daquele ano. Nele, informava no cabeçalho que pertencia à Associação Brasileira de Publicidade Espírita (ABPE), e que seria um ‘órgão doutrinário fundado em 30-07-1932’ e de distribuição gratuita. Em meio aos seus pequenos artigos, havia apelativas convocações para os espíritas se associarem até o dia 31 de Dezembro, e se o fizessem, seriam considerados fundadores da Associação (O MÉDIUM, 1932b).

A Associação Brasileira de Publicidade Espírita foi fundada em 26 de novembro de 1932, para a manutenção e distribuição de ‘*O Médiu*m’. A sessão fundacional ocorreu no Centro Espírita Dias da Cruz, localizado na Av. Rio Branco. A

---

<sup>32</sup> Gabriel Delanne foi um dos sucessores de Kardec. Nascido em berço espírita, seus pais eram contemporâneos e amigos de Allan Kardec, e participaram da estruturação da Sociedade Parisiense. Gabriel Delanne dedicou-se a estudar as experiências que presenciava em sua casa, já que sua mãe era médium ostensiva. Como jornalista, funda ‘*O Espiritismo*’, além de diversas obras, nas quais buscava afirmar o papel do Espiritismo perante a Ciência (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2013)

<sup>33</sup> O relato consta uma sessão do júri, em Aracaju, que segundo o texto, o réu que negava o assassinato do qual era acusado, porém sob efeito do espírito da vítima, “caindo de bruços, no solo, na mesma posição em que fôra encontrado o assassinado, minuciosamente narrou o crime ocorrido, dando detalhes que escapavam á justiça e demonstravam a culpabilidade do réu, e falando de modo a identificar-se como o proprio morto” (O MÉDIUM, 1932a, p.4).

direção provisória foi formada por: tenente José Assunção (presidente), Pedro Fioravante (vice-presidente), sargento-ajudante João de Oliveira e Eduardo Josino de Oliveira (secretários) e Orville Derby Dutra (tesoureiro), que ficariam nos cargos até a aprovação do estatuto.

Jesus de Oliveira participou da comissão formada, para apresentação do projeto para a sessão (ABPE, 1932). Assinaram a ata publicada no jornal: Sebastião Horta Jardim, como segundo secretário da assembleia e demais membros: Antônio Scanapieco, José Assunção Rodrigues, Orville Derby A. Dutra, Antônio Beltramini, Waldemar de Souza, Eduardo Josino de Souza, Candido Pereira da Cunha, Candido Fernandes, Raimundo Tavares, Antônio B. de Oliveira e Jesus de Oliveira (ATA, 1932).

Na ata publicada no jornal, verifica-se que não foram apenas os afiliados juizforanos que participaram da reunião. Além deles, em prol da construção deste órgão de imprensa espírita, se filiaram pessoas de fora da cidade e, também, centros espíritas, que contribuíram financeiramente com antecedência e foram elencados:

Além dos irmãos que assinaram a presente ata, tem mais os seguintes, que aderiram à A. B. P. E., e que, de acordo com a resolução da assembléia, são também considerados sócios fundadores: Ramiro Gama, de Entre-Rios; Antonio Carlos de Oliveira, de Serraria; Procopio Fernandes Lopes, de Lajão; João C. P. Rodrigues, de Olaria; Centro Espírita Ensinaamentos de Jesus, de Patrocínio; Pedro Fioravante, José Lino Alves, Centro Espírita Seára de Jesus, Centro Espírita União, Humildade e Caridade, sargento ajudante João Ricardo de Oliveira e tenente Rodes de Almeida, desta cidade, sendo que faltam ainda outros que prometeram se inscrever no quadro social (ATA, 1932).

Tal empreendimento expressa o esforço na direção de uma construção coletiva e social, para abraçar a divulgação espírita como sua proposta doutrinária. Os empreendimentos que perduraram durante muitos anos, de forma pontual, e mesmo com diferentes contribuições feitas no '*O Lince*', estabeleceram um marco na condição organizacional para o trabalho doutrinário. Na última página, havia um selo, que deveria ser recortado e preenchido, para a solicitação de inscrição de contribuinte para a associação.

Na edição de março de 1933, encontra-se o relato dos eventos ocorridos para a concretização da eleição definitiva da primeira direção da Associação. Os trabalhos foram conduzidos pelos seguintes membros: Antônio Bernadino de

Oliveira, Sebastião Horta Jardim e Jesus de Oliveira, a fim de ser aprovado pelos associados; fato que ocorreu nos dias 21 e 28 de janeiro de 1933. O tema que apresentou maior destaque, foi sobre o nome do órgão, com proposta de alteração; porém manteve-se o mesmo nome, pois haveria necessidade da alteração do Estatuto da Associação, que já estava aprovado. A primeira reunião ordinária, em 24 de fevereiro de 1933, foi realizada na redação de 'O Lince', com o objetivo de tomarem “diversas medidas de interesse para a continuação de publicação do 'O Médium'” (A ORGANIZAÇÃO DA ABPE, 1933, p.2).

Nessa edição, apresentou-se a composição editorial do órgão, que foi votada na assembleia na primeira formação. Jesus de Oliveira assumiu a direção do periódico, que tinha, agora, a composição de um corpo de redação: “Antônio Bernadino de Oliveira, Aleixo Vitor Magaldi – e outros confrades, cujos nomes ainda não há autorização para inseri-los aqui” (O MEDIUM, 1933). Com tiragens de 1000 exemplares, 'O Médium', era gratuito, e para adquiri-lo, bastava solicitar e era entregue em casa. Nele, havia a publicização do coletivo de financiadores do projeto, que foram considerados fundadores da Associação, que conseguiu 48 sócios, entre pessoas e Centros, que fizeram a contribuição para o financiamento.

Figura 5 - Selo para a filiação à ABPE.

Sr. Presidente da  
Associação Brasileira de Publicidade Espirita

Peço-lhe inscrever o meu nome como socio contribuinte da Associação Brasileira de Publicidade Espirita, por tempo indeterminado.

Contribuirei com a quantia de \_\_\_\_\_ \$ \_\_\_\_\_  
por trimestre, isto é, como socio da categoria \_\_\_\_\_

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 193 \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_

E. Ferro \_\_\_\_\_

Fonte: O Médium, nov. 1932.

Dispersados entre os Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, com *O Médium*, as informações, à época, ganharam maior capilaridade para divulgação, com informações sobre acontecimentos, eventos e propagação da doutrina, a partir da produção em Juiz de Fora, e que deveria chegar a vários outros

pontos do país, pelo menos, essa foi a ambição declarada sobre o empreendimento.

No início de suas atividades, a ABPE teve alguns problemas. Por conta disso, no artigo publicado no jornal, em julho de 1933, intitulado 'Uma explicação', Jesus de Oliveira retrata a formação da associação, e informou que alguns contratempos motivaram o atraso para novas publicações. Para a formação da associação, ele procurou buscar pessoas, que antes não conhecia, para que tivesse condições de manter o órgão espírita, já que não teria condições de fazê-lo sozinho. Informou, ainda, que o Tenente Assunção mudou-se para o Rio de Janeiro, e deveriam realizar outra eleição, para regularizar as publicações (UMA EXPLICAÇÃO, 1933).

O teor das matérias, inseridas no jornal, apresenta semelhanças às do '*O Lince*'. Centros espíritas e Federações estaduais enviaram informações ao jornal, para divulgação dos seus trabalhos, sobre a criação de novos órgãos de imprensa e sobre eleições ocorridas para suas direções. O jornal permitiu grande capilaridade da leitura de '*O Médiun*' no país, nas instituições locais, do estado de Minas Gerais e de vários outros lugares do Brasil, como Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraíba, Rio Grande do Norte e São Paulo.

O recebimento de órgãos de imprensa espírita pela redação, era prontamente publicados, com raros casos de exposição de outros tipos de imprensa. O caráter especialista de '*O Médiun*' direcionou uma inversão no conteúdo de '*O Lince*', pois concentrou, em quase todos os artigos, matérias espíritas, enquanto '*O Lince*' carregava uma parcela do trabalho de divulgação. Com isso, consolidou-se um espaço, tipicamente religioso na imprensa, que garantiu uma solidez, para os trabalhos de organização, e avanço discursivo do Espiritismo na sociedade.



#### 4 ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO: 'O LINCE' E 'O MÉDIUM' SOB O OLHAR DA SEMIOLINGUÍSTICA

"O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua" (ORLANDI, 2005, p. 32).

É fundamental, neste estudo, compreender como os jornais '*O Lince*' e '*O Médium*' foram instrumentos midiáticos capazes de promover pertinentes colaborações no desenvolvimento do Espiritismo na cidade de Juiz de Fora. Para isso, optou-se por abordar os discursos presentes nos artigos publicados nesses jornais.

Neste capítulo, apresentou-se a Análise do Discurso, como método de abordagem, sob o viés semiolinguístico, baseado em Patrick Charaudeau (2019a,2019b).

Enquanto campo de conhecimento, a linguagem é continuamente posta em análise, para se compreender o seu papel na leitura da realidade. A partir da leitura, da fala do sujeito comunicador ou como leitor de determinado escrito, pode-se elaborar questões a respeito, que levem à compreensão do mundo e de suas significações, sem a ilusão de encarar o processo da linguagem de maneira ingênua.

A epígrafe, citada no início do capítulo, sintetiza como se deve observar o discurso, para analisá-lo, pois ele é parte constituinte da comunicação; é movimento da linguagem, que revela o ser humano, com suas produções de sentido específico, em determinado momento sócio-histórico. Através desse fenômeno linguístico, o sujeito permite significar, e ser significado. Mediado pela linguagem, ele se relaciona com a realidade, seja pela manutenção ou transformação mútua.

Para Orlandi (2005), o discurso é o espaço de manifestações da produção e sentidos, por e para os sujeitos através da linguagem. Por essa visão, entende-se que o espaço discursivo imprime determinados problemas para os estudos, que encaram a linguagem, apenas, através de sua compreensão explícita. Neste sentido, são feitas críticas sobre a centralidade da linguagem, pois ela não é capaz de encarar a diversidade discursiva, que uma mesma expressão pode conter, e que

depende do contexto em que ocorreu.

Assim, a ideia de discurso torna-se vital, para captar a dinâmica na comunicação. A Análise de Discurso (AD), diferentemente da Análise de Conteúdo (AC), não enxerga a linguagem apenas com transparência; ela procura, nas condições da formação do discurso, elementos de explicação, ou seja, como determinado texto significa algo. Orlandi (2005, p.18) afirma que a AD “produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, portadora de determinada espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade”.

Como disciplina, a partir de 1960, foi apresentada como modo de pensar o método, e que desenvolveu diferentes vertentes de escolas de estudos, hoje consolidadas.

#### 4.1 A ORIGEM DA ANÁLISE DO DISCURSO E SEU CONTEXTO

A AD trata o discurso como objeto de pesquisa. Os estudos, que abordam a construção dos textos e seus significados são uma prática que remonta ao século XIX. Contudo, a existência de disciplina destinada, para sistematização desse conhecimento, foi demarcada por pesquisas feitas a partir da década de 1960.

Anteriormente, os estudos eram tratados por linguistas e literários com o intuito de buscar uma compreensão diferente do conteúdo. Exemplo disso são os trabalhos de M. Bréal, no século XIX, sobre semântica histórica e, no século XX, os interesses dos formalistas russos em buscar uma lógica interna dos textos, com análises diferenciadas das Análises de Conteúdo (ORLANDI, 2005).

Orlandi (2005) afirma que, na década de 50, o estruturalista americano Zellig Harris desenvolveu pesquisas sobre o texto, com o chamado método distribucional, que afastava da análise conteudística, mas restringia o entendimento de texto como composição de uma grande frase. Faraco (2003) e Maingueneau (2015) reforçam que Zellig Harris foi o primeiro a utilizar o termo, em artigo com mesmo nome: “Discourse analysis”, traduzido por Análise Discursivo ou Análise de Discurso.

O desenvolvimento da AD, como a conhecemos hoje, está ligada a trabalhos desenvolvidos por correntes teóricas independentes umas das outras nos Estados

Unidos, Inglaterra e França.

Nos EUA, trabalhos de diferentes correntes impulsionaram os estudos sobre do discurso. Segundo Maingueneau (2015), a etnografia da comunicação, etnometodologia e a análise conversacional foram relevantes para isso, e as áreas de pesquisa dividiram espaços sobre o tema, ao lado de estudos de pensadores, como Goffman e, mais tarde, reconhecidos por estudos pós-estruturalistas e 'Cultural Studies'.

Na França, a análise do discurso ganhou destaque e, no final da década de 1960, as produções a respeito do discurso cresceram. Maingueneau (2015) declarou que, 1969 foi o ano da AD, pois naquele ano inauguraram três produções relevantes sobre a temática: *Arqueologia do Saber*, de Foucault; *Análise automática do discurso*, de Michel Pêcheux e a edição, número 13, da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, com a tradução francesa de Zellig Harris, e diversas contribuições da área.

Essas obras influenciaram, direta ou indiretamente, a AD francesa em sua concepção. Nessas obras, trabalhou-se e problematizou-se as ideias seminais, com aberturas para conceitos vindos, por exemplo, da teoria da enunciação e linguística textual. Trabalhos de Patrick Charaudeau, com as mídias; Moirand com o discurso científico; e Maingueneau, com discurso religioso são exemplos mais recentes desses desdobramentos (MAINGUENEAU, 2015).

Neste estudo, priorizou-se o trabalho de Patrick Charaudeau (2019a) e a Semiologia, como teoria e método para analisar o discurso. No Brasil, segundo Machado (2019), essa teoria/método de abordagem obteve diversos focos de pesquisas, as quais foram desenvolvidas em diferentes programas de universidades. Mas Machado (2019) ressalta que ela despertou a atenção e desconfiança de pesquisadores analistas do discurso, que privilegiavam as ideologias coletivas, baseadas nas ideias de Michel Pêcheux e Foucault.

## 4.2 O DISCURSO SOB O OLHAR DA SEMIOLINGUÍSTICA

É relevante, neste estudo, verificar como a Semiologia desenvolvida por Charaudeau (2019a) pode contribuir para compreender o discurso das mídias.

Diante da ação comunicativa, diferentes correntes analisam a presença do discurso na linguagem, e o entendimento, que cada uma traça, tem propriedades complexas e evidencia, de forma geral, sujeitos e significados através da língua e da história. Orlandi (2005, p. 21) sintetiza o discurso em uma frase: “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. Nessa perspectiva, da AD, a comunicação não é elemento transparente e claro, pois precisa ser observada, com cautela, no movimento da linguagem entre os sujeitos da comunicação.

A Semiologia é um aparato teórico-metodológico, que prima pelo sujeito da linguagem na comunicação. Ela foi desenvolvida sob perspectivas ligadas à sociologia, etnologia, e com grande relevância de estudos linguísticos. No caso da linguística, ela sofreu forte influência de teorias semânticas, sobretudo a enunciativa. Enquanto teoria, elabora um reconhecimento da relação da linguagem, como produtora de sentido no mundo, e entende que a elaboração do mundo ocorre através das estratégias de significação, que o homem elabora sobre ele (CHARAUDEAU, 2019a). Nesse sentido, o trabalho discursivo produzido é identificado para ser analisado.

#### 4.3 SUJEITOS E ATO DE LINGUAGEM: MÉTODO DE ABORDAGEM

Para esta linha de trabalho da AD, no processo do ato comunicativo, deve-se compreender elementos importantes a serem definidos para identificação do discurso. A apresentação de Machado (2019) evidencia o quadro geral, que a teoria propõe. Segundo a autora:

Os discursos são realizados por sujeitos-linguageiros, que mantêm, em suas bases, duas identidades: uma sociológica ou psicossocial, e outra que é o resultado das particularidades do discurso e foi por este construída. Para a teoria em pauta, todo ato de linguagem está na dependência de um sujeito que é (ao mesmo tempo) interno e externo à linguagem. Essa dupla posição é realizada por meio de um jogo de correspondências que, na verdade, é um jogo de simulação, ou melhor dizendo, uma encenação (MACHADO,2019, p.763)

De acordo com Machado (2019), o sujeito locutor, no ato de linguagem, se

desdobra entre sujeito-comunicante e sujeito-enunciador, e haverá sempre uma dupla composição do interlocutor, com o sujeito-destinatário e sujeito-interpretante. Por isso, o processo comunicativo é visto em duas dimensões: produção e interpretação; mas consolida a participação de quatro sujeitos, que são sujeitos agentes e sujeitos de fala.

O interessante dessa perspectiva é a compreensão de que o receptor é um sujeito ativo no ato de linguagem. Na visão de Charaudeau (2019a), há o EU-comunicante (EUc), que organiza seu ato comunicativo em função de um TU-destinatário ideal (TUd), assim, “Tud é o interlocutor fabricado pelo EUc como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação” (CHARAUDEAU, 2019a, p.45). Dialeticamente, observa-se um TU-interpretante (Tui), que busca aproximação com o Tud apresentado pelo EU, ao identificar-se ou não com essa imagem, contudo apenas observa uma imagem do primeiro, no caso um EU-enunciador (EUe). Essa dinâmica, no ato de linguagem, torna-o interenunciativo e estrutura a situação da comunicação.

De acordo com Machado (2019), na teoria, o discurso carrega sempre um caráter gerador de sentido, na manifestação da linguagem, que coloca em cheque uma concepção transparente de comunicação. A ideia elementar em que um sujeito irá emitir uma mensagem, e essa será decodificada pelo interlocutor, não se esclarece sozinha, quando se tem o discurso em vista. Sobre a condição do discurso, a comunicação, através de um ato de linguagem, necessariamente, produz um referencial linguístico (como fala), carregado de significado (do que fala), capaz de satisfazer a formação discursiva.

Sobre o sentido, Charaudeau (2019b), em sua obra ‘*O Discurso das mídias*’ (2019b), ao tratar da mecânica de construção do sentido, assevera:

O sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social. O sentido só é perceptível através de formas. Toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade recíproca. O sentido se constrói ao término de um duplo processo de semiotização: de *transformação* e de *transação* (CHARAUDEAU, 2019b, p. 41)

Nota-se nesse trecho, como o autor entende a Semiologia. Machado e Mendes (2020, p. 9) explicam que, para o professor francês, o prefixo *semio* remete

a *sémiosis*, que é o “processo que traz para si uma relação entre forma e sentido, nos diferentes quadros epistemológicos”. No sentido geral da palavra, conforme o próprio autor, a análise semiolinguística do discurso é da ordem da Linguística “pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos languageiros” (CHARAUDEAU, 2019a, p. 21).

Segundo o autor há dois processos de semiotização. o primeiro é o de transformação, em que observa-se o condicionamento do mundo a significar em relação ao mundo significado, através de estruturas expressas por formas com intuito descrever, contar, explicar, e modalizar os atos de fala. O outro processo é o de transação, o ato de informar carrega determinado sentido à forma e, por isso, estabelece efeito, proporciona relação entre os seres da comunicação e um grau de regulação diante desse processo.

Esse contexto permite que se entenda as condições da formação do ato de linguagem, determinado por duplo aspecto: um explícito e um implícito.

Explicitamente, a enunciação de uma frase pode ser compreendida sem contexto, mas a partir de um estabelecimento de operações capazes de identificar relações de oposição e combinação. Para isso, precisa-se elaborar paráfrases estruturais, capazes de evidenciar “um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido”, que o autor nomeia como “Simbolização Referencial” (CHARAUDEAU, 2019a, p. 25).

Implicitamente, deve-se levar em conta as circunstâncias da produção, especificamente, a intenção do sujeito de fala, pois, entende-se com isso a motivação de produzir a fala ou escrita daquela forma e não outra, e a partir do novo formato, pode-se desenvolver, para esclarecer, as paráfrases seriais. Através delas, pode-se perceber algo além do enunciado explícito, que transpassa a fala, o que o autor busca definir como

[...] um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas por essa totalidade discursiva que os ultrapassa: vamos, pois, nomeá-la Significação (CHARAUDEAU, 2019a,p.25)

Os modos explícito e implícito devem ser observados juntos, pois, a relação entre simbolização referencial e significação elabora, dentro da totalidade do ato de

linguagem, um paradigma do signo linguístico. Em outras palavras, o explícito, através da significação referencial, é de certa forma uma atividade linguística incompleta, e está em situação de interdependência com a atividade implícita, que desenvolve a significação. Assim, a compreensão do Ato de Linguagem (A de L), para o autor, depende desta combinação diante da Circunstância do Discurso (C de D). Para compreender melhor, Charaudeau (2019a, p. 27) sintetiza a elaboração de seu pensamento em uma equação, em que define o Ato de Linguagem:

$$A \text{ de } L = (\text{Explícito} \times \text{Implícito}) \text{ de } C \text{ de } D$$

Resumidamente, Ato de Linguagem deve ser observado como ato comunicativo, seja falado ou escrito, que permite um determinado “EU” se direcionar a um “TU”, em determinado momento, lugar e diante de determinadas situações; ato que este sujeito visa uma influência e intenção.

Sobre as Circunstâncias do Discurso, entende-se que há saberes anteriores ao ato de linguagem, que são considerados da ordem do mundo, com “práticas sociais partilhadas”, e do ponto de vista dos sujeitos agentes (EU<sub>c</sub> e TU<sub>i</sub>), que são os “filtros construtores de sentido”. Tais saberes dentro, dessa perspectiva, consolidam uma condição situacional, que permite contexto extralinguístico, ambiente material, que dá as condições necessárias, através dos saberes descritos, para o ato comunicativo. Denominada pelo autor como Situação Extralinguística, ela está contida na Circunstância do Discurso “como ambiente material transformado em palavra através dos filtros construtores de sentido utilizados pelos atores da linguagem” (CHARAUDEAU, 2019a, p. 32).

Com relação aos saberes anteriores ao Ato de Linguagem, para a teoria semiolinguística, o signo languageiro tem por conceito duas noções a serem observadas: a qualificação referencial, que resulta da designação do signo que lhe atribui uma carga semântica de alguma parte do mundo físico; e a funcionalidade, que é resultado do valor de uso do signo, que depende do universo discursivo (CHARAUDEAU, 2019a). Tais noções expressam sobre um signo, a determinação de seu sentido, que pode ter diferentes empregos, mesmo que apresente traços de continuidade:

Essas constantes de sentido se constroem em razão do emprego de

palavras em contextos semelhantes e em contextos diferentes. Empregos múltiplos, que vem depositar sedimentos de sentido, cujo conhecimento é formador de um certo saber *metacultural* sobre os signos, saber este que os integra em uma taxonomia geral. Se podemos reconhecer o traço de “redondez” como sendo um dos componentes de *olho* - pois uma marca linguística pode ser portadora de vários componentes – isso ocorre como o resultado de um determinado saber que se constituiu em razão dos diferentes usos que se valeram desse traço, Denominamos esse saber Núcleo metadiscursivo (NmD) (CHARAUDEAU, 2019a, p. 35).

Exemplo disso pode ser observado em uma frase do jornal ‘O Lince’ e, através dela, entender a teoria: “Quem escreve estas linhas, nunca gostou de aprovar e reprovou esta ou aquela religião, sem primeiro estudá-las” (O LYNCE, 1920 e, p.1). Nessa frase, o autor explana sua opinião sobre o que seria o Espiritismo, uma situação para o ato comunicativo.

Sob os aspectos da situação da comunicação, o autor, mesmo não assinando a matéria, sabe-se que é Jesus de Oliveira, redator e proprietário do jornal, que conduzia sua redação e, que é o sujeito comunicante (EUc). Com a manifestação textual, podemos encarar este pesquisador, enquanto sujeito-interpretante (TUi) do ato de linguagem. Pode-se considerar a manifestação do sujeito-enunciante (Eue) no ato de pensar e elaborar a construção languageira, para o devido encaminhamento da mensagem.

Enquanto simbolização referencial deste ato, por parte de paráfrases estruturais, pode-se compreender que não se trata de uma ‘aceitação de religiões sem seu estudo’ nem ‘uma aprovação delas sem seu estudo’, muito menos de uma ou outra religião.

Junto a isso, pode-se entender que não haveria o julgamento por parte do sujeito, sem seu conhecimento prévio sobre a religião a ser avaliada. Essa condição é a formulação de uma paráfrase serial. Mas, também, pode-se subentender que ele disse isso, por ter sido acusado de julgar alguma religião, e ele ressalta que primeiro se estuda uma religião, para depois julgá-la ou que ele é um estudioso das religiões e precisa estudá-las para compreendê-las. Nessas análises, pode-se estabelecer condições mínimas de compreensão da situação, mediante as circunstâncias do discurso. Nesses termos, é que o ato de linguagem é compreendido pela Semiologia.

Sob o ponto de vista da produção, o sujeito comunicante precisa planejar e percorrer uma trajetória, de acordo com sua intencionalidade, para organizar seu



discurso e, para isso, lança mão de elementos como o contrato e estratégia.

Enquanto contrato, entende-se que indivíduos compartilham, socialmente, compreensões pactuadas sobre determinadas representações da linguagem. Como estratégia, é uma noção que evidencia classificação, organização e encenação do sujeito comunicante para produzir um efeito sobre seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2019a). A proposição do EU-comunicante busca a convivência de TU-interpretante, por isso esses elementos, como estratégia e contrato, são fundamentais para buscar essa interação.

#### 4.4 DISCURSO E ESPIRITISMO NOS JORNAIS

Neste estudo, analisou-se os discursos das mensagens dos jornais ‘*O Lince*’ e ‘*O Médium*’, através de recorte dos artigos, com conteúdo a respeito do espiritismo, publicadas ao longo das décadas de 20 e 30.

Para isso, fez-se a seleção de um *corpus*, dentro do material analisado. De acordo com Maingueneau (2015), os analistas do discurso precisam transformar textos em *corpus* para seu trabalho, por isso “eles reúnem os materiais que julgam necessários para responder a esse ou àquele questionamento explícito, em função das restrições impostas pelos métodos aos quais recorrem” (MAINGUENEAU, 2015, p. 40).

Assim, compôs-se um *corpus* de artigos que traziam, principalmente, os escritos produzidos por autores, que tinham uma posição opinativa sobre o Espiritismo e textos com divulgação do discurso religioso. Com isso, as propagandas de produtos, descrições de centros espíritas, eleições de direção, citações de autores foram desconsideradas para a composição.

##### 4.4.1 “*Chronicas Espíritas*”: começo do discurso espírita no jornal ‘*O Lince*’

O discurso espírita apareceu n’*O Lince*’, pela primeira vez, com a postagem

de um artigo de Jesus de Oliveira, no início da década de 1920. A partir deste episódio, vários artigos religiosos passaram a ocupar, constantemente, as páginas do jornal. Busca-se, nesses elementos discursivos, identificar como foram construídos para promover o movimento espírita.

Segundo Charaudeau (2019 a), grande parte do trabalho desenvolvido na construção discursiva utiliza o modo de organização enunciativa, para apontar a maneira como o sujeito de fala se apresenta na encenação do ato comunicativo. Na maior parte dos discursos encontrada nesse material dos jornais, a relação entre locutor e seu público é de modo elocutivo. Na modalidade Elocutiva, de acordo com o autor, não há implicação do sujeito destinatário no que é dito. Ela está relacionada ao ponto de vista do enunciador, e isso não impede que este modo discursivo acione outros para compor o discurso no ato de linguagem.

A primeira questão identificada, nos discursos, foi o esforço do redator do jornal, Jesus de Oliveira, em enfrentar as acusações dos oponentes do espiritismo, que usaram diferentes mecanismos para deslegitimar a doutrina. Uma delas foi de associar o Espiritismo com o diabo:

[1] “Há dois anos, que estamos estudando o Espiritismo e é com imenso prazer que declaramos aos leitores, ser um erro grave, dizer que o Espiritismo é arte diabólica, como temos visto e ouvido dizer...” (O LYNCE, 1920e, p. 1).

[2] “Muita gente, tem a doutrina espírita, como cousa formada pelo demonio. Após estudos longos, podemos dizer o contrário: o espiritismo é uma sciencia, que serve para dar, com todo o auxilio de Deus sempre generoso para os seus bons filhos muito conforto as almas soffredoras, quer as que ainda acompanham o pesado fardo de uma pessoa ou as já se acham no espaço [...] O espiritismo, não pode ser arte do diabo: nas preces, nos actos de caridade, em suas casas, enfim em tudo, seu pronuncia os sagrados nomes de Deus e de Jesus Christo. E como é que pode ser arte diabólica? Não dizem que o diabo não pode ver o nome de Deus? (CHRONICA ESPÍRITA, 1920a, p.1)

[3] “ Sabemos que algumas pessoas, acham que nos tornamos filhos do *demônio*, por propagarmos a sã e bellissima doutrina Espirita. Não faz mal que assim nos julguem. Porque termos consciencia do que estamos fazendo. O Espiritismo não é arte diabólica como dizem, tanto assim, que o demonio é uma phantasia antiquaria e que é uma offensa para a civilização. Não nos entimidamos com essa phantasia balôfa e que é própria para creanças choronas (CHRONICA ESPIRITA, 1920c, p. 2 )

[4] Portanto, o leitor deste jornal, tem boa occasião de verificar que este maravilhoso phenomeno, demonstra que o Espiritismo não é uma doutrina diabólica, tanto assim, que, o que relatamos é o mesmo

que tem acontecido aos santos, segundo o que se lê diariamente sobre a vida dos mesmos.” (CHRONICA ESPIRITA, 1920d, p. 2).

[5] Os factos da comunicação dos espiritos, não podem ser attribuidos a Satanaz, porque se elle existisse, Deus não seria Deus” (O LYNCE, 1921c, p. 3).

[6] Das conclusões que temos tirado de dois annos para cá, vimos que o povo já vae comprehendendo que o espiritismo não é 'diabólico' e nem é contra ao Pae celestial, como apregoam, os que ainda não estudaram (ESPIRITISMO, 1921, p.2)

Nota-se que Jesus de Oliveira repete e afirma alguns elementos, e reforça que, a vivência religiosa no espiritismo, dependia do esforço do estudo, a partir da razão. Enquanto Eu-enunciador-editor, há uma preocupação em apontar as falhas de discursos, que eram contra o espiritismo e, por isso, seu esforço em convencer os críticos a estudarem a doutrina e, assim, seriam capazes de entender esses erros.

Dentro do *corpus* apresentado, existe um conhecimento adquirido pelos estudos do locutor, que apresenta um saber que lhe confere propriedade, para afirmar que tais acusações são errôneas. Entre as categorias modais elocutivas, entende-se que os seguintes termos utilizados estejam enquadrados na categoria de Declaração: “declaramos”, “podemos dizer o contrário”, “temos consciência do que estamos fazendo”. Esses termos acionam conhecimentos, que o locutor detém, e que ele supõe não ser de posse de seus leitores, que fazem afirmações sem conhecimento do assunto e, portanto, falsas. No caso do trecho [6], constata-se, por parte do enunciador, o esclarecimento feito aos leitores sobre o espiritismo.

Observa-se que o modo organizativo da argumentação desencadeia, no *corpus*, a disposição de aplicar sobre o leitor um discurso, para persuadi-lo a mudar seu modo de enxergar o espiritismo. Os mecanismos argumentativos vinculados remetem a analisar os elementos, que garantiam a desvinculação do espiritismo com práticas ditas diabólicas, como pode ser analisado na análise desses discursos:

As práticas espíritas estão sempre em conexão a Jesus e Deus, por isso não estão ligados ao demônio [2]; a existência do diabo seria um delírio que mantém atrasada a sociedade, visto que o próprio espiritismo compreende a sua não existência [3].

O discurso torna-se mais persuasivo, quando compara um fenômeno mediúnico com fenômenos que ocorrem com os santos, que são aceitos pelos mesmos e, por consequência, promove a superação da visão católica. Nesse

aspecto, quer mostrar que o espiritismo consegue trazer respostas racionalizantes, através do estudos, para além de aceitar o milagre [4].

Por fim, ressalta a existência e compreensão do que é Deus, o que não dá margem para aparecer um ser antagônico a ele, crença baseada na visão espírita [5].

Outro tema abordado, nos discursos dos artigos, são os valores cristãos, com o destaque para a caridade:

[7] O Espiritismo não é propriamente uma religião e sim, uma sciencia occulta e que tem em mira, a Caridade. Esta sim, é amplamente e sem exhibições, prestadas a todos os filhos de Deus, por esta sublime doutrina, tão benignamente guiada por Jesus Christo, de cujo mestre são espalhados com sinceridade e sem vaidades, os seus sagrados ensinamentos. O Espiritismo só presta caridade. A prova que temos visto de sobra nas curas de doentes, que antes não encontravam alivio em seus males. Nos ensinamentos da humildade e da caridade; nos soffrimentos, que o paciente, soffre com resignação e fé em Deus. (O LYNCE, 1920e, p. 1)

[8] Deus não é vingativo; portanto, com essa sua bondade divina, não iria crear uma cousa tão sem nexo. É até um crime, pensar se que o pae celestial, seja um vingativo, como um individuo qualquer! Ide, e procurae vêr, que a doutrina espírita é unicamente guiada pelos ensinamentos de Jesus Christo, que se resumem na humildade e caridade.” (CHRONICA ESPIRITA, 1920c, p. 2 )

[9] Das conclusões que temos tirado de dois annos para cá, vimos que o povo já vae comprehendendo que o espiritismo não é 'diabólico' e nem é contra ao Pae celestial, como apregoam, os que ainda não estudaram. Isto quer dizer que a humanidade avança pelo bom caminho, guiado pelos ensinamentos de Jesus Christo, que indica como devemos proceder neste planeta, que simplifica nestas palavras: Caridade e humildade. Ide uma sessão espírita e só verás bons ensinamentos. Dali não sae uma palavra de odio e perseguição contra qualquer religião. Todos nós, somos filhos de um só pae: Deus, que não vinga, não odeia e nem despreza um filho. Procurae no espiritismo, um lenitivo para os seus soffrimentos que encontrarás, até onde a graça divina permittir. (ESPIRITISMO, 1921, p.2).

[10] [...] o espiritismo presta caridade todo o vivente, sem [para isso] saber se é dessa ou daquella posição, côr ou religião (CHRONICA ESPIRITA, 1920a, p.1).

Os trechos acima apresentam uma percepção da caridade alçada como valor universal, que transcende a ideia de religião, e que não distinguia o que era o necessitado. Esse elemento se apoia no discurso espírita, enquanto aprendizado, prática e caminho dos ensinamentos de Jesus. Também levantam valores como humildade e resignação que, através do espiritismo, reforçam uma aceitação do

sofrimento, mas sob uma ótica racionalizante e compreensiva. Paradoxalmente, aparece a cura como prática caritativa, capaz de justificar o alívio das dores diante da permissão de Deus.

A caridade é um elemento importante para justificar a contraposição discursiva ao espiritismo. A caridade foi acionada, para contrapor as acusadas práticas diabólicas, para aproximarem dos valores socialmente compartilhados e aceitos, o que diferencia o Espiritismo das práticas de magia e sortilégio; e como tal, almeja reputação de normalidade e respeitabilidade na sociedade; e sua legitimação (CAMURÇA, 2001).

No processo de construção do discurso, também observa-se uma disputa velada a respeito da condição da loucura sobre o espiritismo:

[11] É preciso que todos, que vivem neste mundo de Deus vejam que o espiritismo é uma doutrina sã, tanto assim, que segue em tudo, a simplicidade e bondade de Jesus Christo (CHRONICA ESPÍRITA, 1920a, p.1).

[12] A bellissima doutrina espirita, guiada pelos sagrado ensinamentos de Jesus Christo, tem tomado ultimamente, com o progresso da instrucção do homem e da mulher, um incremento de grande destaque. Rara é a cidade que não possui diversas agremiações dessa sã e caridosa doutrina. E também, muitos e muitos homens de destaque no mundo, propagam o espiritismo (CHRONICA ESPIRITA, 1920b, p.3).

Além de estar associado ao cristianismo e ao valor caritativo, observa-se a utilização da palavra “sã”, para se referir à doutrina [3, 11 e 12]. Nota-se que o termo utilizado, não pode ser desconsiderado, sem compreender que o Espiritismo conviveu e disputou, discursivamente, espaços nos jornais e nos tratamentos alternativos com a medicina e com a ciência, à época. Ele sofreu acusações de muitos, por exercício ilegal da medicina, inclusive por parte da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SCOTON, 2007) e, precisou lutar pela qualificação da própria doutrina, como promotora de lucidez e saúde mental (ALMEIDA, 2007).

Nesses artigos, ainda, observa-se a denúncia de punição, como a excomunhão, daqueles que se envolvessem com o espiritismo:

[13] Embora, o facto de sermos espiritas, temos na devida consideração e estima particular, muitos padres da igreja catholica romana. Por isso ao escrevermos estas linhas, não vamos attingil-os todos. É um pessimo defeito de parte dos padres, de dizer em seus

discursos cobras e lagartos contra quem não os acompanha no credo. E no entanto, todos sabem que Jesus Christo pregou que não tenhamos odio de ninguem e nem desprezo pelos nossos inimigos. Isto quer dizer, que as exhortações que os padres fazem contra os Espiritas, não está de accordo com os ensinamentos do meigo Nazareno. Só procuram em seus discursos fazer com que o povo torne-se mais ignorante, intimidando-o com excommungações, etc (BESTA FÉRA, 1920. p. 2).

[14] Não nos cançamos de chamar a atenção do povo, para não dar valor as excommungações que em nome da igreja catholica, são despejadas sobre uma pessoa ou populações, etc. Deus não é vingativo e como é que iria dar poder a um pacaor qualquer, de em seu nome, castigar este ou aquelle? Quem acreditar nisto, não pode crer na bondade divina (O LYNCE, 1920g, p. 2)

A excomunhão, tratada nesses trechos, demonstra que havia, por parte da igreja Católica, um esforço de desmoralizar e impedir o contato de fiéis com o espiritismo. A excomunhão foi tratada de duas formas: como movimento do corpo sacerdotal e como resultado da punição divina. Ambos os casos são questionados e combatidos, ao questionar tais atos, como desvios por parte de padres e ensinamentos errados sobre a natureza da ira divina. Além da questão da excomunhão, reforçava-se, especificamente, a orientação para que os católicos não lessem o jornal ‘*O Lynce*’, como está registrado nos trechos abaixo:

[15] Pois bem, um amigo nosso, contou-nos que, um padre, na igreja matriz desta cidade, durante um sermão, disse aos que se achavam presentes para não lerem o *Lynce*, por ser um jornal espirita. Só temos a dizer, que se prohibem a leitura de nosso jornal, é por saberem que estamos com a verdade e por temerem que consigamos levar parte do povo, apesar ainda da nossa obscuridade, pelo bom caminho ao throno de Deus (O LYNCE, 1921d, p. 3)

Isso ocorria porque o trabalho de divulgação do espiritismo, através do jornal, trazia à Igreja local um certo incômodo e receio. Nos discursos espíritas, a crítica recebida era tratada como repressão do discurso alheio.

Em outro artigo, relatou-se que, sócios da “Liga Catholica” foram ameaçados de expulsão da instituição, pelo padre Thomaz, caso dessem cobertura ao jornal ‘*O Proletário*’. Esse era um órgão de imprensa da Federação Operária da cidade, da qual Jesus de Oliveira fazia parte como secretário. De acordo com artigo publicado no ‘*O Lynce*’, em 19 de março 1921, uma crítica feita ao ato de beijar o anel dos bispos, que motivou a vingança por parte do padre, de chamar os membros da diretoria de ladrões. Com relação a esses acontecimentos, o enunciador traz sua

ponderação e sua leitura religiosa, para imprimir sua contraposição diante do caso:

O padre Thomaz, se acha que a directoria da F. O. é uma ladra, porque não a denunciou á polícia?

Esta attitude insolita só poderá redundar em prejuizo do próprio clero, pois, os bons catholicos não podem ver gestos como este aggravado pelo appello que o padre fez ao Santíssimo, no altar para castigar todo aquelle que não o attendesse. O Santissimo não pode servir de arma para diffamar; quem achar que o padre andou bem, calumniando a directoria e apelando para o Santismo, um castigo para os que não o attendesse, não pode crer em Deus, senão, hypocritamente (Mais devagar..., 1921, p.2).

Ao analisar os argumentos apresentados pelo enunciador, entende-se que o apelo do padre não poderia ser tratado em púlpito, pois isso representou um discurso criminoso e não discurso espiritual. Além disso, se o sacerdote, tinha certeza que a diretoria era composta por ladrões, deveria denunciá-la à polícia ao invés de usar o espaço da igreja. Sua atitude, presume ser apenas difamação, já que não fez a denúncia. Como o sacerdote é considerado uma autoridade espiritual e mediador das forças divinas, não deveria utilizar-se desse recurso para ameaçar punições àqueles que desobedecesse sua ordem de boicotar e coibir o jornal. Considera-se, também, que o apoio a tal atitude, foi interpretada pelo locutor, como hipocrisia diante da leitura religiosa, na medida em que, para ele, o bom católico veria, nessa situação, atitudes condenáveis.

Em outro sentido, o discurso espírita n' *O Lince* busca se descolar de outras práticas 'condenáveis':

[16] "Tem ultimamente aparecido nesta cidade, indivíduos de ambos os sexos, intitulado se espiritas e com isso, fazendo *sessões de cangerê*, etc. Esses indivíduos podem de facto serem espiritas mas, não são dos espiritas que seguem os verdadeiros e são ensinamentos de Jesus Christo. Portanto leitor amigo, não confunda a *bruxaria* dessa gente com o Espiritismo que nós temos propagado (O LYNCE, 1921a, p. 3).

[17] Ide uma sessão espírita e só verás bons ensinamentos. Dali não sae uma palavra de odio e perseguição contra qualquer religião. Todos nós, somos filhos de um só pae: Deus, que não vinga, não odeia e nem despreza um filho. Procurae no espiritismo, um lenitivo para os seus soffrimentos que encontrarás, até onde a graça divina permittir. Antes de terminar estas linhas pedimos aos leitores, não confundirem o espiritismo com as 'bruxarias' e 'cangerês', infelizmente, muito propagados nos suburbios da cidade (ESPIRITISMO, 1921, p.2).

[18] Como em todas as grandes cidades, o FALSO ESPIRITISMO tem desenvolvido assombrosamente em nosso meio. Como propagandistas que somos do Espiritismo é preciso que façamos ver

aos nossos amáveis leitores, que – as sessões, em que há danças, queima de pólvora, tiros de garrucha e cantarolas – não são espíritas e sim MOAMBAS. As sessões espíritas, são puras e isentas de macaquices. Nestas, só se presta a caridade, tanto aos vivos como aos irmãos do Espaço. Por isso, quando uma pessoa quer procurar a verdade da doutrina Espírita, deve ir a um dos Institutos Espíritas, que mereça fé, pelas pessoas que o dirige. Não deve procurar estudar num meio viciado, porque, nunca terá adiantamento. Em geral, uma pessoa, que desenvolve um pouco a sua faculdade médiumnica, pensa que já pode fazer muita coisa; abandona o meio que frequenta e arranjando um, dois ou mais companheiros, também iludidos, começa a fazer os TAES TRABALHOS (acima descritos), para gozo dos descrentes, que intitulam essas sessões de ESPÍRITAS [...] quando não são. Nos Centros Espíritas desta cidade, encontram-se boa vontade em prestar a caridade a quem tiver necessidade. Portanto, todos devem procurar-os quando for preciso, em vez de recorrer às pessoas que trabalham médiumnicamente isoladas, salvo se tratar de pessoas merecedoras de toda confiança. As pessoas que fazem as taes MOAMBAS estão iludidas, pensando que conseguindo a cura dos doentes que as procuram, estão perdoadas de suas faltas e [...] logo depois, começam a fazer o mal para outras. Porém, como Deus, é justo e bom, todos os males ficam inutilizados. É preciso que todos procurem os bons Centros Espíritas para conhecerem a pureza da Doutrina ( PELA VERDADE, 1922, p. 2)

[19] Os falsos espíritas, ou claramente, os kangeristas tem aumentado assustadoramente na cidade. Vê-se em todos os cantos, grupos de 4, 5 ou 6 pessoas, a fazerem cantarolas, quiemar pólvoras, disparar armas de fogo, acender velas nas janelas ou esquinas de ruas e depois, se gloriarem dizendo que foi uma sessão espírita! As pessoas que assim procedem, são muitas vezes levadas pelo seu atraso social, enquanto que outras, são por ambições pecuniárias. Lamentamos, pois que os infelizes que assim procedem não procurem os centros espíritas desta cidade, para melhor estudarem as verdades da sublime doutrina cristã – O Espiritismo. Procurar estes *grupinhos* é cair no lodaçal da ignorância e da bruxaria, que, nada tem de espiritismo. Por isso mesmo, achamos que foi uma boa medida, a da Polícia local, perseguindo os KANGERÊS que abundam nos cantos da cidade, como o do fim do Alto dos Passos, em que foram presas 32 pessoas de ambos os sexos e das quais somente 4 sabiam ler (UMA BOA MEDIDA, 1922, p. 3)

Os termos ‘Bruxaria’, ‘cangerê’, ‘moambas’ e falso espiritismo foram usados para distinguir o espiritismo Kardecista, pregado e defendido do jornal, de outras práticas, que não devem ser observadas. Segundo os argumentos apresentados, quem as pratica não seguem os ensinamentos de Jesus, apesar de poderem ‘de facto serem espíritas’. São práticas vistas mais no subúrbio, que era considerado como lugar de menor desenvolvimento intelectual. No centro da cidade, encontram-se os centros espíritas, capazes de apresentar ‘boa vontade em prestar a caridade a



quem tiver necessidade’.

Os rituais e atos, como ‘danças, queima de pólvora, tiros de garrucha e cantarolas’ ou ‘acender vellas nas janelas’, são incompatíveis com os preceitos do ‘verdadeiro’ e ‘são’ espiritismo, que não possuem rituais, símbolos, hierarquia, etc. Tais práticas são realizadas pelos desviados e ‘iludidos’, sem muita experiência mediúnica, com baixo nível de esclarecimento, que se autodeclaram espíritas, quando não o são, pois praticam algo adverso ao espiritismo estabelecido.

De forma contraditória, vê-se a defesa de todas as expressões religiosas presentes em um evento no Rio de Janeiro:

Dentre os Congressos a se realizarem no Rio, durante as festas do Centenario, destaca-se os das – Religiões. É o mais sympathico de todos, por trazer a solidariedade das idéas entre os adeptos das diversas religiões existentes neste planeta. Portanto, não se justifica, a campanha que um jornal catholico do Rio está fazendo contra este Congresso, que fatalmente, trará benefícios á fraternização das diversas doutrinas religiosas que conforme o seu meio, vão se mantendo, umas, com mais prosperidade do que outras. As religiões, seja a espírita, a catholica, a methodista ou qualquer outra, são necessárias á humanidade, porque, sem ellas, não há CARIDADE, sublime presente que todo o ente de bom coração pode fazer ao Pae celestial (O LYNCE, 1922, p. 3).

A aceitação religiosa foi identificada na inserção do Espiritismo entre as religiões cristãs e, a caridade foi fundamental para implementá-la, pois representava as boas atitudes do cristão, daí a possibilidade do ecumenismo relatado na matéria. Nota-se que a intolerância ante do evento, foi da parte dos representantes da Igreja Católica com a imprensa. A diversidade religiosa foi o ponto destacado e refletia um momento de confraternização, indesejado pela Igreja Católica. Além disso, observa-se, também, no discurso, a compreensão da necessidade de todas as religiões para a humanidade, o que representa um ponto de contradição às críticas, feitas nos trechos acima sobre práticas não reconhecidas como espíritas.

Nos anos de 1924 e 1925, destacou-se, no jornal, com certa frequência, as publicações de um colega de imprensa de Jesus de Oliveira, um espírita do Rio de Janeiro, chamado Antônio Pereira Guedes. Ele ficou conhecido por ser um crítico da FEB e fundador do jornal *Almenara*<sup>34</sup>. Ele pautou diversos temas ao longo dos dois

---

<sup>34</sup> Segundo Isaia e Amorim, Antônio Pereira Guedes criou o jornal *Almenara* em 1952, para se opor à postura “ecumênica” da FEB, diante de Religiões Afro-brasileiras, a partir do “Pacto Áureo” de 1949. Durante oito anos, o *Almenara* foi utilizado para enfrentar a FEB e seu Conselho Federativo Nacional

anos.

#### 4.4.2 “Cartas Espíritas”: as contribuições de Antônio Pereira Guedes, para legitimação do Espiritismo n’*O Lince*’

Antônio Pereira Guedes apareceu nas páginas de ‘*O Lince*’, entre 1924 e 1925, com bastante frequência e com muitas críticas, principalmente, à Igreja Católica. Em seu primeiro artigo, intitulado “O Espiritismo”, ele explicitou a promessa do Consolador Prometido por Cristo, ‘O Espírito de Verdade’:

Aos que não aceitam o Espiritismo como Religião Christã, dizemos: é incontestavelmente o Christianismo de Christo porque, é o cumprimento de suas palavras de Amor quando afirmou aos seus apóstolos, que não nos deixaria orphãos porque, outro Consolador nos seria enviado para ficar eternamente conosco (GUEDES, 1924a, p.1)

A indução de seu artigo à promessa de Cristo carrega para o discurso as concepções, no meio espírita, de uma superação ao catolicismo, diante da crítica de preceitos dogmáticos da igreja. Em ‘A benção do Padre’, ele emprega palavras da própria leitura bíblica, para condenar a postura dos sacerdotes católicos, ao empregar costumes antigos, como beijar a mão dos clérigos:

Causa-me verdadeira compaixão quando vejo passar pelas ruas um sacerdote, arrastando compridas vestes negras e a creançada correndo ao seu encontro, tomam-lhe a benção, beijam-lhe a mão cumprindo um velho preceito que vem sendo de longinquas eras adoptado e transmittido ás gerações que se succedem pelos beatos da velha egreja.(...) Observei um certo dia pela manhã uma dessas scenas quando passava pela rua o “sacerdote” de egreja próxima; e nessa mesma hora eu abria o Evangelho de S Lucas, cap. XX, v.45, 46 e 47 e li as seguintes palavras de Jesus censurando os escribas: ‘Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestidos compridos; e amam as saudações nas praças, e as principaes cadeiras nas synagogas, e os primeiros logares nos banquetes; que deveram as casas das viuvras, fazendo, como pretexto, largas

---

(ISAIA; AMORIM, 2014, p. 153). Tempos depois, segundo Rizzini (2001), ele se integrou às tribunas do Clube dos Jornalistas Espíritas.

orações. Estes receberão maior condenação' (GUEDES, 1924b, p. 1).

A maior parte das contribuições de Antônio Pereira Guedes foi através de artigos destinados ao padre de União de Barbacena, Benjamim Lopes, de quem recebeu duras críticas por propagandear o espiritismo na cidade mineira. Contabiliza-se quatorze artigos intitulados 'Cartas Espíritas', que foram publicados entre 29 de junho de 1924 a 1º de agosto de 1925 no jornal.

Inicialmente, em seu discurso, questionou o porquê da postura crítica do sacerdote sobre a divulgação do Espiritismo. O Argumento do autor aponta que sua atitude visava divulgar a Verdade, o 'puro Christianismo' e, semelhante ao semeador da parábola evangélica, distribuía jornais e folhetos, especificamente, o jornal 'O Clarim' de Matão. Ele fazia uma analogia do jornal como sementes: uns queimaram assim que receberam, comparado às sementes caídas nas margens do caminho; alguns leram e abandonaram as verdades reconhecidas nos escritos, porque é mais cômodo serem católicos, comparados as pedras; e, por fim, os que aceitam 'as verdades consoladoras da doutrina', são as sementes que frutificam.

Defender a verdadeira cristandade, segundo ele, não é do agrado dos 'coripeus do romanismo' e, por isso, o 'ofendido' Benjamim Lopes lança-lhe a excomunhão.

[...] que a mesma igreja anathemaziadoara vem de longas eras atirando sobre todos aquelles que, encorajaos por convicções inabalaveis, ousam levantar o véo que há tantos seculos empana o brilho das Verdades pregadas outr'ora por Jesus, nas terras da Palestina (GUEDES, 1925c, p.1)

Guedes (1924), assevera, ainda, como a posição do vigário impulsionou a doutrina na localidade:

[...] eu devo afirmar-lhe meu caro amigo, qe a minha propaganda nessa localidade não surtiria tanto efeito se não tivesses prohibido aos seu parochianos, a leitura de obras e jornaes espiritas(...) Creais, meu caro padre, que proibir a alguém é o mesmo que autorizar! A semente do Christianismo Espirita está em muitos corações, ahi por esse recanto da terra mineira, e espero que em breve serão arvores frondosas produzindo sazoados fructos (GEDUES, 1924c, p. 1).

A analogia é reiterada em seu discurso, para trazer algo difundido no meio espírita, ou seja, as verdades espirituais 'semeadas' pelo 'consolador prometido' germinariam com o tempo, e trariam maior avanço para a doutrina. O discurso de

proibição, apontado no texto, pode ser considerado um motivo para aguçar a leitura e o estudo. Este caso assemelha-se ao caso do Auto de fé de Barcelona, em que a proibição da leitura dos textos de Kardec aliada ao ato de queimar os livros espíritas, em praça pública, foi propulsora para o crescimento do Espiritismo na Europa, no final do século XIX.

Nos diversos artigos, Antonio Pereira Guedes imprimiu grande crítica à igreja e aos seus dogmas, tidos como ‘velharias dogmaticas’ pregadas por aqueles, que se julgam ‘autoridades em matéria de religião’. Assim, seus discursos apontavam que, as relações entre católicos e espíritas questionadas pelo vigário como funestas, na verdade, contribuíram para afastar os católicos presos aos dogmas clericais. E, de acordo com Guedes (1924d, p. 1), assim “desaparecerem por completo a grande clientela que canalisa rios de dinheiro para os cofres do Vaticano” (GUEDES, 1924d, p. 1).

Sob uma argumentativa histórica, o autor buscou afirmar a manifestação dos espíritos, como fenômeno, utilizado pelos primeiros cristãos, mas proibido pelos sacerdotes com o tempo:

Nos primórdios do Chiristianismo, quando os concilios vários não havima deturpado ainda os ensinios de Jesus, a doutrina era tão pura como o seu próprio autor. Os primeiros christãos até o século III eram influenciados pelos espiritos como vemos através da Historia Religiosa, mas d'essa época para cá, os sacerdotes observaram que as instruções dos espiritos nem sempre estavam acórdes com as suas opiniões, resolveram então derrubar a grandeza do Evangelho, mesclando os ensinios de Jesus, e a igreja, do alo de sua autoridade declarou que tudo que provinha d'essa fonte era tão somente illusão ou obra de satanaz” (GEDUES, 1924e, p. 1).

Tal levantamento foi reforçado por toda crítica subsequente feita às estruturas dogmáticas da Igreja Católica, que “derrubaram a grandeza do Evangelho” e valorização da Doutrina Espírita, como renovadora da “pureza do Christianismo”. O Cristianismo entendido como essencial, por isso “puro”, é visto como algo perdido ao longo do tempo e mediante interferência (GEDUES, 1924e).

Uma das questões levantadas pelo autor é a infalibilidade papal. Segundo Guedes (1924), os erros da igreja proporcionaram dogmas inúteis. Através dos concílios, as lideranças religiosas imputaram a inefabilidade e sucessão inexistente dos papas, porém ambos “são os maiores attentados ao Christianismo”, pois vivem

isolados da vida do povo pobre, em meio às riquezas de um rico palácio, totalmente contrário ao evangelho,

Jesus, que não tinha onde repousar a cabeça, segundo as narrativas evangelicas, que passou pela terra dando aos homens os maiores exemplos de virtudes, de amor, perdão e Caridade tem como seu representante entre os homens, o maior dos orgulhosos, que se julga a única autoridade absoluta como os feros monarchas do passado (GUEDES, 1924f, p. 2).

A crítica desenvolvida permite observar um total desagrado à estrutura hierárquica da igreja e contesta os valores estabelecidos pela inversão feita por homens. Nesse sentido, o Espiritismo traz a revelação como premissa de retorno da pureza “primitiva da doutrina christã” (GUEDES, 1924f, p. 2).

Para reafirmar sua postura crítica frente ao papado, o autor busca argumentar em outros artigos, com a citação do discurso proferido pelo Bispo Strossmayer no concílio do Vaticano de 1870. De acordo com a citação, o Bispo havia feito atenta leitura das escrituras bíblicas e, com isso, poderia afirmar que nada, em nenhuma parte da Bíblia, sancionava a opinião dos ultramontanos sobre a sucessão de S. Pedro e a infalibilidade do papa (GUEDES, 1924g, p. 1 e 2). Segundo ele, nem o comportamento de S. Pedro era de um papa que agia acima dos seus companheiros apóstolos: “será que elle fosse papa sem saber?”; muito menos as leituras teológicas citadas pelo bispo com diversas citações de santos leitores da bíblia afirmava tal situação (GUEDES, 1924h, p. 2); e ainda reforçou seu argumento apontando as falhas registradas de diversos papas do passado: “nunca eu acabaria, meus veneraveis irmãos, se me propuzesse a apresentar-vos todas as contradicções dos papas, em seus ensinamentos” (GUEDES, 1924i, p. 2).

Em três artigos inteiros, a longa citação reforçou uma narrativa, por parte de um clérigo da igreja, ao contestar, com base na ‘História’, a tese do papado enquanto fuga das ideias primitivas do cristianismo. Segundo Guedes (1924i, p. 2), o discurso do sacerdote carregava, para dentro dos preceitos Católicos, grande parte de condições humanas veladas de determinações divinas: “se decretaes a infallibilidade do actual bispo de Roma, deveis decretar tambem a de todos os seus antecessores; mas vos atreveis a tanto? Sereis capazes de igualar a Deus todo os incestuosos, avaros, homicidas e simoniacos bispos de Roma?” .

A partir da citação do Bispo Strossmayer, Guedes (1924j, p.2) desdobrou

mais contestações ao papado. Buscou argumentar mais sobre suas falhas ao narrar, por exemplo, o evento do julgamento de Joana D'arc, no qual ele pretendeu apontar a falha em condená-la e, depois de séculos, promover sua canonização. O autor reforça, então, que “a excomunhão ou a benção do papa, nenhuma influencia bôa ou má, tem sobre aquelles a quem são dirigidas”.

Outra questão tratada por Guedes (1924k, p. 2), diz respeito ao sacerdócio como uma profissão, e ao celibato imposto a eles. O quadro, que ele esboça sobre a classe sacerdotal de padres, é descrito como seres ambiciosos, que procuram possuir os bens terrenos, e os adjectiva, como uma “bella profissão, a mais rendosa talvez de todas as profissões”. Mais uma vez, o autor reforça a ideia de que ser padre tem como prerrogativa vícios acumulados, para lograr a manutenção de “falsas doutrinas”, que deturpam o verdadeiro cristianismo.

Por isso, baseado na utilização dos Evangelhos, diz que ser padre é uma profissão desagradável a Deus. A citação em que Jesus assevera sobre a os escribas<sup>35</sup> justificaria acusar o padre como “o maior dos peccadores da igreja e sua sentença foi lavrada por Jesus” (GUEDES, 1924k, p. 2). Assim, a partir dessa ótica, ele conclui que “os padres são os que mais desobedecem os mandamentos de Jesus” e “não cançam de amaldiçoar os protestantes e espíritas” (GUEDES, 1924l, p. 2).

Em outro artigo, retrata diversos eventos, nos quais a Igreja, capitaneada pelos padres, cometia diversos crimes, principalmente, relacionados à Inquisição e aos Santos Ofícios (GUEDES, 1924l; 1924a). Por isso, relembra ao vigário os grandes problemas que, historicamente, as figuras clericais promulgaram e levaram à queda da igreja por “culpa exclusiva de padres inescrupulosos e ambiciosos” (GUEDES, 1924l, p. 2).

Com relação ao celibato, Guedes (1925) diz que essa condição é uma hipocrisia praticada pelos padres, e insinua que muitos fugiam do celibato e formavam famílias clandestinas. Para o autor, o celibato os impedem de cumprir o verdadeiro e honesto trabalho de educador no lar, calcado nas virtudes evangélicas deixadas no passado: “Antes do celibato do clero que foi assignado em 1074, os padres e todos os sacerdotes se casavam; eram verdadeiros sacerdotes no lar! Hoje

---

<sup>35</sup> Citação feita pelo autor: “Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestidos compridos; e amam as saudações nas praças, e as principaes cadeiras nas synagogas e os primeiros logares nos banquetes; que devoram as casas das viúvas, fazendo como pretexto largas orações. Estes receberão maior condemnação.”

são verdadeiros tagarellas; trazem a bocca cheia de virtudes e o coração cheio de miserias!” (GUEDES, 1925a, p. 2)

No avanço de sua crítica sobre elementos dogmáticos presentes no Catolicismo, Guedes (1925) comenta sobre a instância do batismo. À luz da referência bíblica de João Batista, ele argumenta que o batismo era, nos primórdios, um convite à mudança, e “aquelles que, conscientes de sua crença e encorajados por uma fé robusta”, assim, somente os adultos deveriam ser batizados (GUEDES, 1925b, p. 2). Com relação ao batismo, baseado na leitura atenta ao Evangelho, ele diz à Benjamim Lopes que

[...] muito se arrependerá futuramente por ter vestido uma batina e ministrado o baptismo a tantas creanças inconscientes, impondo-lhes uma crença que mais tarde será repudiada para abraçar conscientemente uma outra cuja razão esclarecida sancionará por certo (GUEDES, 1925b. p. 2).

Ao falar sobre a vergonha/arrependimento, traz o sentimento trazido para desqualificar o padre, e mostrar que é uma pessoa incompetente, incapaz de fazer a devida leitura das escrituras e, por essa incompetência, o batismo é uma das práticas mais celebradas no meio católico.

O autor, ainda, critica a falta de higiene durante o batismo, e diz que durante o ato, o contato bem próximo entre o padre e criança, haveria a possibilidade transmitir doenças: “quantos padres existem, que acometidos de contagiosas molestias não se recusam de officiar o baptismo sabendo embora que o virus de seu mal irá infelicitar aquella creança, victima de sua ambição descommunal!” (GUEDES, 1925b, p. 2).

O casamento executado na igreja também foi alvo das críticas de Guedes (1925). Na visão do autor, a celebração de casamento tem por finalidade o recebimento de dinheiro por parte do sacerdócio. Mesmo com a importância do casamento para formação familiar, e por ser uma condição de manifestar o amor selado por Deus, ele argumenta que nem todos os casamentos celebrados na igreja tem esta manifestação consumada:

[...] porque onde não há amor não pode haver união, e quantos exemplos temos observado a cada passo, em indivíduos que se unem exclusivamente por amor ou simplesmente por sympathia sem

que nunca se submetessem aos sacramentos da igreja ou a contratos civis mas que no entanto vivem como verdadeiros CASADOS, na mais doce harmonia, quando muitos outros que se casam pela igreja e pela lei civil, tendo como signal o anel de ouro, symbolo da alliança vivem como o cão e o gato e por da cá aquella palha surgem motivos de ARRUFOS terminando como vemos sempre, na separação por divorcio e quantas vezes na perpetração de um crime com centenas que se registram nos cadastros policiaes (GUEDES, 1925c, p. 1).

Para o autor, o sacramento do casamento não tem sobre si a prerrogativa da aliança com Deus e, sim, expressam a união pelo amor: “O casamento não é um privilegio da igreja, mas sim do amor” (GUEDES, 1925c, p. 1).

Em sua última carta, Guedes (1925) fala sobre a inutilidade da missa. Com discurso de propriedade, ele narra sua história pessoal como católico, que não lia a Bíblia. Segundo ele, foi através de um vizinho protestante, que lhe presenteou com uma versão do Novo Testamento, que começou a lê-la:

Li desse livro que a igreja proibe, apenas o capitulo XIV do evangelho de João e os versículos 13 e 14 que dizem: 'E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pae seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma couza em meu nome eu o farei', me fizeram comprehender a inutilidade da missa pois, se Jesus nos aconselha pedir directamente ao Pae em seu nome, para que recorrer ao Padre para rezar a missa se nós que sentimos a necessidade é que devemos orar? (GUEDES, 1925d, p. 1).

Assim, o autor reflete sobre sua atual posição, de conhecedor do Evangelho, que condena a “mercadoria” celebrada. A sua crítica recai sobre duplo ponto: sobre a ambição do clero e sobre a limitação doutrinária, que o sistema religioso católico oferece a seus fiéis. Após conhecer o Espiritismo, ele testemunha que “clarificou as verdades em espírito dos Evangelhos”. Ele, ainda, argumenta que os ensinamentos do evangelho são contrários às práticas das missas, ao condenar os “hypocritas, que gostam de orar em pé nas synagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos dos homens” (GUEDES, 1925d, p. 1).

No conjunto do *corpus* de textos de Guedes (1925), percebe-se que, seu papel de questionar os problemas associados à Igreja, teve relação aos tipos de estratégia e elementos, que dispunha para combatê-los. Segundo Camurça (1998, p. 217), o movimento espírita, ao evocar sua autopercepção como “terceira revelação”, com “perspectiva evolucionista”, direcionou seu discurso para evidenciar



o Catolicismo, como uma doutrina detentora de valores arcaicos, e posicionar o Espiritismo como uma doutrina “mais justa, mais consoladora, em relação a este”.

Além disso, a reflexão de Camurça (1988) sobre o aprimoramento espírita a respeito da religião Cristã, encaixa muito bem nesta análise. A classificação do Espiritismo como *Neo Cristianismo*, mostra que a Doutrina Espírita não rompe com a Católica, mas a atualiza e a ressignifica. Guedes (1925), ao fazer suas críticas ao Catolicismo, atinge a incoerência dessa prática religiosa, através de textos bíblicos e sacerdotais, na sua argumentação e reinterpreta os sacramentos.

#### **4.4.3 Frentes de legitimação do espiritismo n' *OMedium***

Como visto, no capítulo 3, o jornal ‘*O Médiun*’ veio da proposta de Jesus de Oliveira em unificar os esforços dos espíritas em integrar um meio de comunicação e difusão doutrinária. Após sua formação como associação, é possível identificar diferentes frentes de legitimação do Espiritismo diante de seus adversários, a partir de diversos colaboradores.

É relevante verificar que tipo de discurso foi produzido pelos agentes espíritas em diferentes frentes.

##### **4.4.3.1 Temas de divulgação doutrinária**

A divulgação religiosa no jornal reforçou alguns valores espíritas. A caridade, como bandeira legítima do movimento espírita, foi apresentada, com o apoio de instituições filantrópicas, como a Fundação João de Freitas:

[...] A philantropia é a antithese da egolatria e, são multiplas as modalidades de manifestação d'esse sentimento, enquadrando-se no numero dellas, as que se processam vinculadas à publicidade e portanto, objectivando o culto da egolatria. Está actualmente, posto em provas, o sentimento philanthropico do nosso povo; especialmente o de Juiz de Fora. Surgiu na cidade, uma instituição com a finalidade de crear e manter um Asylo para velhos e Viuvas desamparados, finalidade

caracteristicamente altruista, por sobre socialmente reconhecida em seu valor moral, visto que, salvar de penosa mendicância o pobre velho exausto de forças e desviar da humilhante contingência de meretrício, a mulheres protadoras de sentimentos virtuosos, constituem actos super-civilizados, aos quaes não licito furtaram-se os que se dizem altruistas, philanthropicos.

Referimo-nos à “FUNDAÇÃO JOÃO DE FREITAS”, que desenvolvendo o seu programma social, fez surgir o primeiro predio de Asylo e que se vê alli na rua de S. Matheus e onde pretende construir mais seis outros predios. É um instituto intimamente evangelico e extreme de sectarismos, carater que o torna digno de auxilio de todas as pessoas de bons sentimentos [...] (B., 1936, p. 1)

A estratégia discursiva visava sensibilizar e convencer os leitores a colaborarem com a instituição. Os destinatários da mensagem são convocados a refletirem sobre empreendimentos genuínos, como a fundação, de tal forma que a sua ajuda comprovaria o altruísmo das pessoas, ao invés de atos ególatras para autopromoção. Assim, o texto pretende induzir mais pessoas a colaborarem com a instituição e, para isso, apresenta a necessidade de afirmar seus compromissos com a caridade e filantropia.

A caridade, também, aparece como temática de divulgação de palestras, que eram ministradas em centros espíritas na cidade, promovidas por Dutra (1936):

[...] Praticar a caridade, é ser verdadeiro, é ser cristão, é ser sincero, é ser humilde, é ser simples, mas, quando praticada por ostentação e com orgulho para engrandecer a si e humilhar a quem recebe, foge dos princípios sagrados e deixa de ser caridade.

Devemos praticar a caridade, temos obrigação em pratical-a, é nosso interesse fazel-a mas devemos de ter cuidado de pratical-a com a maxima sinceridade, com o maximo desprendimento.

O Apostolo Paulo, deve ter muita razão em haver dito que “fora da caridade não há salvação”, pois é por meio dela que nos aproximamos a Deus, é ela a oração simples, é a expressão maxima do amor ao próximo e a representação de Cristo.

A caridade se nos apresenta repetidas vezes, ,mostrando-nos a oportunidade de pratical-a, e, nós, as vezes por preconceitos, outras vezes por negligencia e outras por comodidade, a repelimos alegando esta ou aquella razão.

Não é só com a moeda, o dinheiro circulante, que se pratica a caridade. É repito, de qualquer forma e em qualquer momento, é perdoando aos que nos têm prejudicado, é esquecendo as nossas paixões, é procurando domar as nossas más inclinações e facilitando aos nossos semelhantes, é cumprindo o nosso dever, é comovendo-se pela dor alheia, é procurando o progresso e praticando a verdade, é ter o pensamento sempre voltado para o bem, emfim, é amando e perdoando como nos exemplificou o Christo.

E posso assegurar-vos caros irmãos, que pode haver mais caridade num gesto, num olhar, numa expressão, ou numa só palavra

praticados com sentimento cristão, do que toda a riqueza do universo, aplicada com ostentação (DUTRA, 1936a, p.3)

Por ser um elemento de grande valor para os espíritas, a Caridade no movimento discursivo, engloba diferentes concepções. Os elementos discursivos, que referenciam a prática da caridade, estão associados à característica do verdadeiro cristão, cujos valores são: verdade, simplicidade, sinceridade e humildade. Esses valores são, imediatamente, colocados em oposição à visão discursiva do texto anterior, no que diz respeito à egolatria: ostentação, orgulho, preconceito e negligência, valores que deformam a prática da caridade.

Observa-se que a frase: 'fora da caridade não há salvação', foi atribuída ao apóstolo Paulo e, não, Kardec; talvez por erro ou apenas usada como licença poética. Tal citação aproxima o discurso de referências bíblicas, para relacioná-la à prática de caridade, e, para isso, a ação discursiva espírita utilizou de referências católicas. Nesse sentido, nota-se certa coesão, no discurso formulado no artigo, com as propostas formuladas por Telles de Menezes, que via a necessidade de implantação de uma reforma na Igreja Católica capaz de sedimentar a doutrina (ARRIBAS, 2010). Como a caridade e os trabalhos filantrópicos eram espaço comum de atuação dos dois segmentos religiosos, é possível perceber como tal espaço permitiu a disputa religiosa e, discursivamente, foi utilizado para afirmar normalidade e respeito por parte do Espiritismo à sociedade de uma forma geral (CAMURÇA, 2001).

Para expressar o significado de caridade, para os espíritas, a mensagem não a relaciona a coisas materiais, mas a vincula à prática do amor ao próximo, e às questões do espírito, como o perdão e busca da verdade, baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo.

O sofrimento, tema de palestras de Dutra (1936), também foi publicado no jornal.

Devemos aceitar o sofrimento com a maxima pacificação, com a melhor harmonia, com a maxima vontade, certos de que se ele veio foi porque fomos lembrados de Deus, e quem não gosta de ser lembrado de Deus, e como da Divindade nenhum erro pode vir, o sofrimento que nos chega, é reflexo de alguma falta nossa, feita por nossas próprias mãos, é sem duvida nenhuma porque houve razão de ser(...) O nosso instinto nos leva a não querer a dor o sofrimento, mas devemos nos educar ao sofrimento um vês que dele não podemos livrar e é por ele que nos aperfeiçoamos(...) Por essas e muitas razões, devemos bem dizer de nossos sofrimentos, e ao em

vês de blasfemar contra Deus devemos agradecer-o, e pedir forças para suportar aos nossos sofrimentos, porque sofrer também é bom (DUTRA, 1936b, p. 1)

Nessa elaboração discursiva de Dutra (1936), o sofrimento é apresentado como uma experiência necessária e obrigatória, utilizado por Deus como mecanismo de aperfeiçoamento dos seres humanos, portanto, deve ser aproveitado para isso. Revela-se, nesse trecho, que a razão é o elemento que fornece a compreensão de certas situações de sofrimento, que devem ser vivenciadas sem reclamações, porque há uma razão de ser assim. Isso reforça a ideia espírita de fé racional. Em contrapartida, o instinto humano é tratado como característica da imperfeição humana, que leva à rejeição da dor e, por isso, capaz de atrapalhar o desenvolvimento do ser. Nesse sentido, os espíritas devem ser resignados à dor e ao sofrimento, que são considerados permissão de Deus, para o processo evolutivo e, como tal, deve ser suportado.

Outro tema abordado nas palestras do Dutra (1936), que foi publicado, refere-se à prática do passe que, segundo o autor, é uma das primeiras palavras aprendidas no meio espírita, e que tem sua valia. Ele faz uma analogia, para explicar a importância do passe para quem o recebe, como se a pessoa fosse um prédio, cheio de problemas, e o passe seria um paliativo para o alívio das dores materiais, ao invés de uma resolução radical do problema; como o prédio que recebe uma 'maquiada', mas não tem seus reais problemas resolvidos:

(...) Assim meus irmãos como nós. Sentimo-nos enfraquecidos com a necessidade de idênticos reparos aos do prédio comparado, procuramos com toda a sede os meios necessários para aliviar, tirar o peso, e tomamos o passe.

Os livros, os espíritos lucidos o ambiente das sessões, como que os oficiais da casa velha, nos aponta, nos indica, as nossas faltas os nossos erros nos propõe a um reparo radical, promete a nossa cura, e nós por comodidade, por inobservância, por descrença e até mesmo por preconceito social, preferimos o passe superficial porque é mais fácil, não queremos nos transformar, não queremos ouvir os divinos conselhos, cuidamos dos males e não corrigimos as causas, e depois a consequência é negra, é asfixiante, e o resultado o mesmo do da casa reparada superficialmente.

De nada vale caríssimos irmãos, tomarmos milhões de passes, frequentemente centenas de sessões, ouvir ou ler todo o evangelho, dizermos nos bons espíritas, se não quisermos reparar as falhas de nossos alicerces, substituir os nossos engradamento bichado.

Quando resolvermos a isto, e nós mesmos procurarmos a fazer a nossa própria transformação, melhorando a nós mesmos, procurando a prática sincera da doutrina, processando todos os meios de progresso, fazermos ao nosso próximo somente aquilo que

desejarmos que nos façam, imitando as ações de Cristo, e encher os nossos corações de bondade, fé, mansidão e humildade, afastar de nós o orgulho, a pedra de tropeço de toda a humanidade, então o passe valerá por um foco de divindade, ou esse foco vira diretamente de Deus mesmo sem pedirmos, porquanto tudo nos acontece segundo as nossos próprias obras (DUTRA, 1936c, p. 3)

A palestra divulgada, em texto, revela interessante difusão do Espiritismo, com abordagem dos pontos específicos da doutrina, como a prática do passe. Para Dutra (1936), o passe é classificado como um elemento provisório e ‘superficial’ no real trabalho da doutrina, que visa a transformação do indivíduo, através da sua prática sincera. Dutra (1936) ressalta que tomar passe, participar de inúmeras sessões, ler todo o evangelho foram exemplos de coisas ineficientes diante da mudança pessoal. Portanto, aqui a palestra utiliza o tema ‘passe’, para aprofundar a proposta doutrinária.

Em oposição à reflexão de Dutra (1936), encontra-se uma mensagem escrita e publicada por Magaldi (1936c) sobre o poder de cura dos passes e águas fluidificadas, do qual ele é testemunha.

Há um cinco annos venho estudando e observando os phenomenos espíritas, tendo nesse lapso de tempo, muitas curas maravilhosas constatado. Algumas dellas, bem surprehendentess, foram por mim relatadas ao publico em jornaes desta cidade. Pessoas que eram tidas como loucas, tuberculosas, aleijadas, epilepticas, neurasthenicas, cardiacas, obtiveram por meio do espiritismo a graça do pleno restabelecimento de sua saude (...) e infinidades de molestias desconhecidas que os medicos não conseguiram diagnosticar, foram curadas pelos passes e aguas fluídicas. Sou pharmaceutico há 24 annos, lido em pharmacia e medicamentos há 23 annos; por isso creio merecer fé no meu testemunho (MAGALDI, 1936c, p. 1 e 2).

Com vasta experiência nas práticas farmacêuticas, profissional da área da saúde e estudioso, seu discurso imprime veracidade e credibilidade na sua afirmativa. Além disso, eleva a posição dos fenômenos espíritas acima da ciência e da medicina, pois “além dessas modalidades de cura, elles operam tambem invisivelmente, por processos desconhecidos, que não estão na alçada das sciencias phisicas e particularmente medicas” (MAGALDI, 1936c, p. 2).

De acordo com Cavalcanti (2008), o que parece, à primeira vista, duas visões diferentes sobre uma mesma questão, podem ser encarados como momentos

diferentes, para acionar ênfases internas dos aspectos do espiritismo, com argumentações capazes de confrontar seus adversários. Camurça (2016) comenta sobre essa tensão, que existe no Espiritismo, com relação à possibilidade de cura, através de uma terapêutica; e processos expurgatórios, através do reconhecimento ético e espiritual da provação através da doença. Para ele, ainda que o discurso espírita mantenha como primazia a condição moral, a terapêutica persiste nas práticas, que conduzem a doutrina, o que relativiza o primeiro princípio.

Para mim, dois vetores marcam a atitude do Espiritismo brasileiro diante desta questão: uma atitude filosófica do agir moral, amparado na força explicativa totalizante da teodiceia espírita e uma atitude científica de querer comprová-la através de intervenções empíricas. Se a racionalização do espiritual leva o Espiritismo à internalização de uma ética para a evolução espiritual; a cientificização do espiritual o conduz à atividade/intervenção empírica, como forma de retirar dela o conhecimento, próprio do estilo da ciência (CAMURÇA, 2016, p. 248)

A partir disso, pode-se compreender que há uma contradição interna no discurso espírita proferido por Dutra e Magaldi, que revela um tensionamento na compreensão espírita com relação aos processos de enfermidade e às possibilidades de seu enfrentamento. Nota-se, assim, que diante das doenças, pode-se ter uma aceitação cármica, mas com possibilidade de mediação, com domínio de práticas terapêuticas.

Discursivamente, buscou-se elaborar relações dos fenômenos espíritas com questões do cotidiano, para estabelecer uma lógica convincente e plausível. Em artigo, de Magaldi (1936a), ele faz uma comparação entre o mecanismo radiofônico de transmissão e a utilização da mediunidade:

Muita gente nega que a alma dos mortos ou o espírito desencarnado, seja capaz de se comunicar com os homens servindo-se de um ente humano possuidor de qualidades necessárias para isso, sensibilidade bastante para esse fim, ente humano denominado medium. Essa gente acha que é um absurdo a comunicação da alma de um defuncto com os homens chamados vivos por intermedio desse aparelho. No entanto, a todo o instante, está assistindo facto que nos parece mais abismável e que vem a ser a comunicação do homem para o homem através de aparelhos metallicos, os radios que estão a berrar por todos os cantos como praga [...] O radio está para os homens assim como o medium está para os

espíritos, em matéria de comunicações. Só o materialista tem o direito de negar essa verdade, tão evidente como o sol à pino (MAGALDI, 1936a, p. 1).

A comparação, como mecanismo de argumentação, trouxe algo usual e comum na sociedade, como a transmissão do rádio. Com isso, buscou convencer os leitores de que as práticas espíritas não são tão complicadas de serem entendidas e aceitas. Ele parte da ideia de que a transmissão do rádio é inquestionada pelas pessoas, sem que compreendam seu funcionamento.

Dessa forma, o autor explica que o espírito, que já teve a experiência corporal, “sabe como agir para se utilizar d'elle afim de transmitir os seus sentimentos” e portanto, “basta que esse corpo humano esteja em condições de receber as impressões que a alma do defuncto lhe queia transmitir e que haja a passividade ou o consentimento da alma dona desse corpo” (MAGALDI, 1936a, p. 1). Assim, ele pretendeu esclarecer ao público que a mediunidade era mais simples de entender do que “as comunicações pelo radio [que] são um mysterio para o vulgo”.

Entre outras propagandas espíritas, há reflexões sobre a valorização de determinado tipo de conduta espírita, amparada em instituições, que serviam de modelo, como se pode observar no texto abaixo:

[...] Juiz de Fora que prima pelos seus exemplos de cidade onde o respeito ao modo de pensar livremente de sua população é uma prova de sua feição de cultura, conta com mais de um centro Espirita nestas condições, e entre estes sobresahe um, que pela directriz de seus trabalhos, pela cultura de seus dirigentes, e mais do que tudo, pelo affecto e carinhoso despreendimento com que ali são tratados todos os assumptos em pról da Doutrina, e recebido todos aquelles que em busca de um consolo, um conselho que lhe minore as desillusões da vida, o colloca em legitimo destaque; é a Casa Espirita (TIBYRIÇÁ, 1936, p.3)

Nesse texto, a cidade é descrita como local de grande progresso cultural e, também, aberta à liberdade de escolha de seus habitantes; para o autor, ela é um espaço frutífero para o crescimento e estabelecimento da doutrina espírita.

#### 4.4.3.2 Legitimação frente à Igreja Católica

Em 1933, no único número que aparece no ano, um texto de autor com codinome “B”, comenta sobre um caso, em que um episcopado da cidade teria afirmado, que se converteria ao Espiritismo, caso um espírita morresse na cruz:

Não fôra o maquiavelismo em que se envolve a insidiosa insinuação, vasada no '*finis coronat opus*', de indefectível emprêgo nas conjuras clericais, lógico seria levar-se á conta do fanatismo religioso e, portanto, uma aberração intelectual, facilmente justificada [...] É verdade que, algumas pessoas, foram sacrificadas pela sua fé. Haja vista sobre Santa Joana d'Arc, que, por não submeter-se aos mandos episcopais, foi mandada queimar viva, por ordens do episcopus, e presentemente, controvertendo atos, está incluída no *Elos Santorum* como martir catolica. Quantos outros foram sacrificados em satisfação ao '*finis coronat opus*' e que o foram não por deixarem se crucificar, mas, violentamente arrastados a tal? O espírita, demonstrando menos exigencia que o antistite, poderia propor-lhe que êle, o antistite, realizasse algum dos atos de Jesus, *verbi-gratia*: a cura de um obcedado ou endemoniado, como demonstração, de que se acha em graça e, de certo provocaria a conversão do espírita, sem ser preciso morrer alguém (B, 1933, p. 3).

Nesse discurso, observa-se duas questões importantes:

A primeira, foi de levar a cabo a proposta de morte na cruz, e trazer à tona diferentes questões de práticas da Igreja Católica, como a perseguição de Joana d'Arc que, ironicamente, depois foi canonizada; e, também, diferentes casos em que a morte de pessoas foi causada por obra da Igreja.

A segunda, o autor joga com seu interlocutor, o epíscopo. O enunciador ressalta que o epíscopo cobrou, de seu adversário, a realização dos mesmos atos que Jesus. Segundo ele, se a proposta de crucificação fosse descabida, a proposta de promover as curas foi colocada como uma ideia melhor, pois teria o mesmo efeito e sem morte.

No jornal, recai sobre a Igreja uma crítica, principalmente, relacionada ao papel do sacerdote e, em vários artigos, os autores questionam a posição do que chamaram de 'papismo'.

No artigo intitulado 'O papismo é uma religião cristã?', o autor de codinome L. J. elabora um diálogo, para responder a pergunta do título da matéria. L.J (1934) afirma que o papismo “adultera os ensinamentos do Cristo, objetivando sempre a posse



dos bens terrenos e oferecendo em troca, o céu”, o que explicita um “negocio de religião”. Sob a ótica do personagem, que responde à visão crítica sobre o chamado papismo, ele expõe a construção histórica da Igreja, com determinação de “formulas religiosas como elemento político” no “exclusivismo imperial romano”. Assim, a igreja é alvejada pelo discurso espirita, acusada de adulterar “a doutrina de Cristo”, invertendo Deus em criação dos homens, dotado sentimentos e desejos humanos.

Nas séries de matérias intituladas ‘Excertos Históricos’, assinadas sob o pseudônimo Arievalo, baseadas em algum trabalho desenvolvido por Maurício Lachatrê, o texto aponta perseguições, por parte dos imperadores romanos, aos fiéis e clérigos da época. O autor relata que muitos foram mortos, principalmente, os bispos, que o autor considera que não tinham sido, ainda, corrompidos “pelo desejo de substituírem Deus na Terra”:

[...] Parece fora de duvida que, o que assistimos ainda hoje, é uma repetição do que se passou naqueles tempos havendo o papismo substituido aqueles bárbaros, nos seus processos de grandeza terrena [...] Havia um conselho imperial com a denominação de “Consistorio sacro”; tudo como ainda se observa no papismo, podendo-se afirmar que tomou o lugar que houvera sido creado pelo imperialismo bárbaro [...] (ARIEVILO, 1933a, p. 2)

Os artigos “Excertos Históricos” criaram uma narrativa sobre o surgimento da Igreja Católica, através do que o autor chama de papismo, como organização episcopal, que dominaria a instituição. O questionamento recai sobre práticas desenvolvidas como “perseguições cruéis e da supressão de toda a liberdade de consciencia e de opinião religiosa, criando um fanatismo cego e feroz” (ARIEVILO, 1933b, p.1). Nos artigos, o autor aponta imperadores, que eram a favor e contra a liberdade de culto. O discurso ressalta o poder de dominação da Igreja:

É inutil comentário sobre os processos de que vinha sempre lançando mãos, o elemento clerical, cultivando a predominancia sobre os cerebros fracos e, utilizando-se desses anormais, para iliminar da face do planeta, os seres que senão se submetessem ao seu escravismo (ARIEVILO, 1936, p.1).  
 Já se sabe que, em 739, se fazia guerra de maneira bárbara, mas o papa fazia-a ou apoiava-a por sua parte (ARIEVILO, 1938a, p. 1).  
 [...] O terror e a esperança, as duas antiquissimas alavancas de todas as corporações sacerdotais, são empregadas pelo papa: o inferno para os que não obedecem cegamente ao pontífice; a vitoria, a fortuna, alem das incomessuraveis recompensas na vida futura, para os que se submetem, solicitos, a todas exigencias da Egreja ou

da corporação que pretende representá-la (ARIEVILO, 1938b, p. 4).

Observa-se no texto, um fala sobre dominação das mentes fracas, como uma escravização, para eliminar seus adversários, mas essa dominação, também, pode ser entendida para os conflitos físicos de confronto. Contextualmente, entende-se que é possível comparar esses pontos. O texto induz os leitores à possibilidade de relacionar este evento com os embates, que foram travados com o Catolicismo, pela liberdade religiosa e de culto no Brasil, no final do século XIX. Ao levantar o histórico de problemas relacionados ao que chamaram de papismo, nota-se que a concepção de deformação do Cristianismo, por parte da Igreja Católica, teria sido um projeto que desvirtuou as mensagens do além para a valorização de bens terrenos e interesses particulares.

#### *4.4.3.3 Legitimação frente à Medicina*

Em confronto com o campo médico, entende-se que houve duas posições para lidar com os problemas enfrentados pelos espíritas: uma delas foi trazer legitimidade através de autoridades; e outra, uma legitimidade em comparação à própria Medicina.

A respeito de autoridade, encontra-se num artigo de Magaldi (1932), a figura de Dr. Levindo Melo, que, segundo o texto, era um respeitado médico, que escrevia sobre Medicina e Espiritismo. Ele fazia publicações semanais no jornal nacional Vanguarda, e um de seus textos foi republicado neste artigo.

Os artigos de dr. Levindo Melo, pela clareza, pela autoridade e pelo espírito de tolerância de que se revestem, merecem ser atenciosamente lidos, maduramente meditados. Diplomado em medicina e adepto do espiritismo, vem o dr. Levindo Melo abordando o tema que serve de título à serie desses artigos, com maestria indiscutível (MAGALDI, 1932, p.1).

O discurso do autor busca assegurar ao leitor, que ele pode confiar nas práticas espíritas, pois o médico também confia. Assim, da mesma forma que sofriam críticas e repressão da ala médica, nesse mesmo grupo recebiam apoio. A partir do texto do dr. Levindo, observa-se, em um primeiro momento, questionamentos a respeito da

legitimidade de acusações, sem defesa do espiritismo:

O espiritismo foi acusado, julgado, condenado e está sendo castigado, à sua revelia, sem ser ouvido, **sem lhe ser dado o direito de defesa**. Os seus inimigos não lhe reconhecem nenhum direito ou prerrogativa.

[...]É evidente que o princípio de justiça está sendo recalçado, servindo ao apetite dos adversários da doutrina da caridade.

[...]A atual lei de repressão ao Espiritismo (Reg. Do Exercício da Medicina) ouviu apenas uma das partes em litígio, por isso é injusta. Protejam-se outras cada vez mais carrancudas... até **venceram** o que não pode ser **vencido** porque escapa aos homens.

[...] Que se institua uma Comissão de inquerito, para verificar o que há de **verdade** sobre as acusações que pesam sobre a “praga espírita” (MELO *apud* MAGALDI, 1932, p. 1, grifo do autor).

O problema levantado é do cometimento de injustiça à doutrina espírita, cujas concepções foram questionadas, sem contrapartida e, na visão do autor, acarretou um processo sem base jurídica, porque não ouviram os dois lados envolvidos. Por conta disso, torna-se incapaz de compreender as verdades apresentadas pelo espiritismo. A vitória apontada pelos adversários, além de injusta, é ineficiente diante das condições humanas de averiguar, por meio da medicina, o que ‘escapa aos homens’, já que o método de análise depende da interação com os espíritos, por conseguinte com a mediunidade e seus efeitos em questão.

É preciso não se esquecer que uma verdadeira multidão de sábios, cientistas e até padres e protestantes – têm proclamado a verdade espírita. Passou a época do ridículo, do remoque, do diabolismo. Hoje, a ciência procura a verdade, esteja esta onde estiver. [...] A Verdade é como sol, que póde ser ofuscada pela tempestade (da luta de idéas) ou pela noite (treva da ignorância ou má-fé) – mas que continua sempre a existir e a brilhar; e nós sabemos, pessoalmente, que o Espiritismo é uma Verdade, por isso, lutamos contra a tempestade, no plano das ideas, e contra a noite trevosa, no campo da inteligencia (MELO *apud* MAGALDI, 1932, p. 1)

No segundo momento do texto, ele argumenta que a verdade espiritual alcança diversos segmentos da sociedade que, aparentemente, não a aceitam, por motivos de ‘ignorância ou má fé’. O trecho apresentado busca sustentar o argumento de que o combate ao espiritismo, pelos diversos segmentos apontados, é algo sem consenso e, que com tempo, terá sua aceitação e ‘vencerá’ as ‘tempestades’ e ‘noites trevas’.

Com relação à abordagem de enfrentamento, alguns textos apontaram erros de determinadas práticas médicas. Dois deles, publicados pela redação do periódico com o título ‘Irresponsáveis oficializados’, foram assinados por Antônio Bernadino de Oliveira, um dos redatores. Os textos trouxeram seu relato pessoal, no qual narra dois eventos em que necessitou da ajuda de médicos, e eles cometeram erros, que poderiam tê-lo levado à morte.

No primeiro evento relatado, ele sofreu um acidente de queda, machucou uma perna, foi conduzido a um médico, que o atendeu de forma irônica: “colocou-nos sobre o ventre, na parte correspondente ao fígado, o seu venerável e científico dedo da mão esquerda e, com a ponta do não menos venerável dedo médio da mão direita, batia sobre o outro” (OLIVEIRA, A.B., 1933, p. 1). A prescrição de uma medicação não lhe conferiu a melhora e, ainda, sob avaliação de outros médicos, mantiveram a medicação. Em seu relato, diz que a recuperação só veio após as orações intercessórias de sua mãe a Santo Antônio e, através delas, conseguiu um médico: ‘cientista de verdade’, que observou o deslocamento de sua perna, e colocou-a no lugar. Diante disso, ele acusa a irresponsabilidade dos médicos, que sob a cobertura de ciência, prestam um mal serviço em muitos momentos:

Se o dr. Marioza não fosse mandado a Rio Preto, nós teríamos sido cortado da existência, com 12 anos e [...] alguém teria responsabilidade por êsse êrro de querer a ciencia, por meio de drogas, levar uma perna a seu lugar! Não. A ciencia tem o diploma oficial, que a autorisa a errar, sem responsabilidade (OLIVEIRA, 1933, p. 1).

Todo o relato aponta para algo que o inquieta: a medicina por ter a prerrogativa da ciência, tem o direito de errar e, com seu poder e autoridade, podem causar ‘feridas’.

Em caso semelhante, no segundo artigo, ele narra um problema ocorrido na mão, por excesso de escrita. A avaliação médica diagnosticou uma infecção e deu, como solução, uma drenagem, o que foi apoiado por muitos médicos, que o aconselharam a fazê-la, mas um amigo farmacêutico fez outro diagnóstico.

Quatro doutores oficiais, afirmaram ser panaricio [infecção]; dous sacrificaram-nos inutilmente e, só o charlatão acertou. O dr. A.G. sabendo o ocorrido e esquecido de sua opinião manifestou-se-nos escandalizado com a ignorancia dos colegas afirmou-nos que na Alemanha, teríamos o direito de meter na cadeia aqueles que nos furaram a mão com risco de a inutilisarem para o

nosso mister.

E... se tal houvesse dado?

Quem era o responsável pela ruína de um pai de família? - Por certo não seriam esses médicos, garantidos como estavam por um diploma oficial assecuratório da impunidade (OLIVEIRA, 1934, p. 1).

Histórias distintas, mas com o mesmo teor, provocam ao leitor questionamentos sobre a prática médica. Ironicamente, o narrador trabalha com o fato de que muitos médicos não foram capazes, apesar do diploma, de diagnosticarem uma doença, a qual foi diagnosticada e tratada por seu amigo farmacêutico. Com isso, ele questiona a formação médica e suas falhas, que podem acabar com a vida de alguém ou invalidá-la e, ainda assim, ficariam impunes, pois têm um diploma de médico, como respaldo.

Em caminho oposto, num outro artigo, apresentou a ação médica reprovável pelo narrador, Aleixo Magaldi. No relato, diz que um médico manteve um curativo, no paciente, sem necessidade. A manutenção do curativo foi indevida e, segundo o autor, isso era feito para ganhar dinheiro, e o paciente poderia ter sido tratado com agilidade; como foi feito por seu filho, também médico, que o substituiu quando não podia clinicar.

É interessante observar neste relato, que Magaldi (1936b, p.1 e 2) colocou no cabeçalho da matéria a citação de S. Mateus, cap. 10, v. 8: "Curae os enfermos, resuscitae os mortos, limpae os leprosos, expelli os demonios; dae de graça o que de graça recebeste, ordenou Jesus a seus discipulos". A citação não deixa de ser uma provocação à situação, em que o interesse financeiro do médico é questionado pela proposta cristã de prestar seus serviços de forma justa.

Outra crítica foi dirigida aos médicos e ao Sindicato Médico Brasileiro, que queriam combater o Espiritismo:

Os Adversários do Espiritismo, com o Sindicato Médico Brasileiro pela frente, não satisfeitos com o haverem arrancado ao Governo Provisório, um decreto que proíbe aos médiuns (no Brasil), o exercício da mediunidade curadora, investem agora no objetivo de proibir aos espiritas (no Brasil) o manifestarem-se em público, ou seja, pregarem a doutrina. Significa isso, nada mais, nada menos do que, proibir (no Brasil) que se seja espírita.

É isso o que se evidencia do convite feito á Federação Espírita Brasileira, para, em reunião de médicos, advogados, juizes, autoridades policiais, jornalistas, receber a imposição das normas sobre o que, dizem eles, lhe seja lícito prégar, como querendo admitir que alguma coisa ilícita se vem prégando no Espiritismo.

Supõem êsses irmãos que o Espiritismo é obra dos homens e por

isso pode ser destruída a golpes de decretos.

“Não temais, disse o Cristo, porque podem matar o corpo, mas, não podem matar a alma”.

E é interessante a atitude desses nossos irmãos, afirmando cautelosa e preliminarmente, que seus intuitos não são combater o Espiritismo e sim, servir bem à humanidade, quando facilmente se concebe, a mais odiosa preferência em matéria de crenças, deixando às demais seitas, inteira liberdade de ação e linguagem, com toda a sorte de mistificações e feitiçarias, só proibindo o Espiritismo.

A Federação, mui criteriosamente, deixou de comparecer, havendo, em resposta delicada, porém energética, declarado não reconhecer em homem algum autoridade para reformar o mandato evangélico promanado de Cristo, mandato dentro do qual são sempre vasadas as pregações.

Estamos, pois, em guerra e confiantes no Mestre, unamo-nos todos aquêles que estamos convencidos da verdade espirita e suportemos com grande fôrça moral, todas as perseguições nascidas das trévas, perseverando até o fim, sem tornarmo-nos hipócritas (B, 1933, p. 4)

Nos demais países do mundo, o Espiritismo não sofre coação legal, mas, no Brasil, muitas tentativas não são levadas a efeito para proibir-se alguém de ser espirita.

O Sindicato Médico Brasileiro, na sua tenaz insistência, nesse sentido, apresentou proposições a serem incluídas na Constituição Brasileira e, sendo pedido o parecer do Procurador Geral da República, dr. Bento de Faria, este, com uma consciência clara e inspirado pela alta cultura de que é portador, afirmou que as leis brasileiras já proibiram a prática do Espiritismo, quando seja atentatória da ordem pública ou constitua exploração mercantilizada. O erudito jurisconsulto afirmou que, quando praticado com fins de elucidações científicas, de caridade e filantropia, o Espiritismo deve ser respeitado.

Nossos aplausos, pois, ao dr. Bento de Faria, que com a consciência livre, assim se manifestou e estamos certos de que, ele sabe da existência, no Brasil, de instituições odiosamente privilegiadas, com livre exercício para mercantilar a fé dos que se submetem ao seu fanatismo.

É interessante refletir-se que o Sindicato que proibir que os preparados farmacêuticos indiquem os fins a que se destinam, porque, pelo rótulo, o doente pode comprar um remédio e deixar de ir pagar uma consulta. Procura-se lançar uma rede por onde não escape um só camarão.

Não; que ninguém se forma em medicina para viver na pobreza (A., 1934, p. 3)

A acusação responsabiliza o Sindicato Médico Brasileiro pela imposição das restrições previstas na lei das práticas mediúnicas de cura. A postura defensiva da FEB e, como também a defesa de Bento de Farias, são colocadas no argumento como formas de resistência em busca do espaço para a liberdade.

O decreto citado é o 20.931, de 11 de dezembro de 1932. Ele regularizou as práticas de profissionais de saúde da época: médicos, veterinários, farmacêuticos,

dentistas, parteiras e enfermeiras. Para além do código penal de 1890, que determinava a criminalização das práticas espíritas, além de regulamentar as profissões, a legislação cercou as possibilidades de desenvolvimento de tratamentos em instituições espíritas, como se observa no seu artigo 17, onde determina:

Art. 17. As associações religiosas ou de propaganda doutrinária, onde forem dadas consultas medicas ou fornecidos medicamentos, ficam sujeitas, nas pessoas de seus diretores, ou responsáveis, às multas estabelecidas no regulamento sanitario e às penas previstas no Código Penal.

§ 1º Si alguém, não se achando habilitado para exercer a medicina, se valer de uma dessas associações para exercê-la, ficará sujeito às mesmas penalidades em que devem incorrer o diretor ou responsável.

§ 2º Si qualquer associação punida na fórmula deste artigo, reincidir na infração, a autoridade sanitária ordenará, administrativamente, o fechamento da sua sede. (COLEÇÃO DE LEIS DO BRASIL, 1932, p. 47)

A lei estabeleceu penalizações às instituições religiosas, inclusive de propaganda doutrinária, inclusive as associações publicitárias como a ABPE), e responsabilizaria seus diretores e os praticantes, que utilizassem o espaço com fins terapêuticos. Para o discurso dos espíritas, o direito de professar e exercer seus cultos, também, seriam atacados; e na mensagem, torna-se explícito quais eram vistos como os adversários do espiritismo: médicos, juizes, advogados, jornalistas e autoridades policiais.

A partir desses textos e das suas abordagens, compreende-se que para a elaboração discursiva, diante dos diferentes desafios que o movimento espírita enfrentou, as matérias apresentadas levantaram suspeitas das práticas médicas. Se por um lado, o espiritismo tinha sua legalidade questionada, ao promover a cura de enfermos e tratamentos diversos, dentro de suas instituições; por outro, às condutas médicas também eram questionadas pelos erros do cotidiano; o que apresenta não apenas uma defesa por parte dos espíritas, mas o enfrentamento dos adversários.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi alcançado, pois pode-se compreender como se deu a atuação espírita nos jornais, a partir da análise das matérias publicadas nos jornais '*O Lince*' (1912 - 1979) e '*O Médium*' (1932 - ), de responsabilidade do jornalista Jesus de Oliveira (1891 - 1967), e identificou-se as circunstâncias da trajetória espírita e os discursos religiosos , como fundamentais para que o espiritismo assegurasse o seu espaço na sociedade juiz-forana, a partir de reflexões, que apontaram a capacidade de organização que os espíritas tiveram e que justificam, em parte, a manutenção de seu órgão até hoje.

A atuação do jornal '*O Lince*' findou-se em 1979, mas a Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora manteve as publicações da Revista *O Médium*, que atualmente são divulgadas em redes sociais e, ainda tem seu acervo disponibilizado, digitalizado no site da AME/JF: <https://amejf.org.br>.

A análise dos discursos mostraram que o Espiritismo se propagou e cresceu, na sociedade brasileira, a partir de diferentes diálogos com ideias e correntes modernas, com influência direta na doutrina, ou mesmo em sinergia com outras forças identitárias. Ao longo de sua trajetória histórica, tais movimentos permitiram que determinadas características do Espiritismo ganhassem maior ênfase, como aspecto religioso e assistencial, como resultado de um trabalho religioso, que foi desenvolvido por agentes especialistas e os intelectuais espíritas. Percebeu-se, também, que a entrada da doutrina kardecista, na estrutura do campo religioso brasileiro, colaborou para o reconhecimento da pluralização desse campo.

A produção escrita teve papel preponderante, para que o pesquisador pudesse captar o produto do trabalho religioso; observar a organização de determinados espaços institucionais, para exposição de determinados temas, e como eles eram correlacionados a condições mais gerais dos problemas vividos pelos espíritas.

Com isso, mais que identificar o discurso produzido, o estudo destaca a necessidade de compreender que o discurso interno deve ser encarado com maior critério, de modo a não aceitá-lo, sem questionar suas bases de elaboração. Nesse sentido, o tríplice aspecto difundido entre os fiéis espíritas, e defendido por Paiva (2009) tem um contexto de produção e de utilização discursiva, que foi responsável



pelos encaminhamentos da produção discursiva, que permitiu identificar ou descrever este contexto.

Nos primeiros apontamentos, levou-se em consideração a localidade de instauração dos trabalhos impressos, na cidade de Juiz de Fora, que demonstrou ser um espaço regional importante, com projeção nacional, que permitiu a difusão do espiritismo. Os aspectos relevantes foram: o seu perfil de cidade média, sua proximidade geográfica da Capital do país, e a influência progressista, que possibilitaram uma rápida disseminação das ideias espíritas. Tais fatores demonstraram que o Espiritismo exerceu sua expansão como novidade, e estabeleceu, prontamente, sua concretização institucional.

Com relação às produções escritas e, de acordo com o perfil dos produtores desses materiais, pode-se compreender quais foram os elementos que possibilitaram o surgimento delas. Para isso, levantou-se o movimento histórico sobre esses materiais, com relevância para os produzidos pelo jornalista Jesus de Oliveira em seus jornais, pois foi ele que concretizou os projetos de comunicação através da imprensa. Essa era a tecnologia da época, para divulgação de informações e ideias diversas, e Jesus de Oliveira emparelhou seu perfil pessoal, sua conversão ao espiritismo, sua confissão de fé e seus discursos nos jornais, para abrir o debate público entre diversos espíritas. Apesar dos jornais terem perfis distintos, ambos colaboraram, em momentos diferentes, com a proposta de enfrentamento e resposta àqueles que antagonizavam com a permanência do Espiritismo na sociedade brasileira.

O estudo revela que os trabalhos de propaganda religiosa efetuada n'*O Lince*' sofreram influência de circunstâncias, que levaram a um deslocamento discursivo. Com isso, desencadeou-se uma nova criação para veicular o material religioso, já que a questão dos acionistas católicos foi preponderante para ela, mesmo que tenha havido resquícios de material espírita no jornal.

Assim, em 1932, '*O Médium*' assumiu o posto de propagandista espírita no lugar de '*O Lince*', que o cumpriu alguns anos antes. Percebeu-se que '*O Médium*' foi um projeto agregador, com uma estrutura institucional religiosa: a Associação, com capacidade de exercer o papel de divulgação e defesa da doutrina com maior especialidade. Isso garantiu espaço para divulgação dos interesses comuns aos associados e leitores em prol da religião e, até hoje, permanece em circulação sob a tutela da AME-JF.

Ressalta-se que, no início do estudo, a hipótese do pesquisador não previa o volume do material que foi encontrado em '*O Lince*', fato que gerou surpresa, ao constatar a quantidade de publicações e sua frequência em um jornal de pequeno porte; bem como as contribuições externas de Antônio Pereira Guedes.

Também, antes de trabalhar com mais atenção nas fontes, era de nosso conhecimento que o discurso religioso tinha sido migrado, mas não sabíamos quanto tempo demorou para acontecer. No caso, *O Lince* a partir de 1926 reduz significativamente esse serviço.

Sobre os discursos, constatou-se que os trabalhos desempenhados, em boa parte, buscou legitimar o Espiritismo de diferentes formas. O tratamento, nos jornais, apresenta uma postura combativa nos assuntos tratados, e as frentes de legitimação fizeram parte de uma série discursiva, que garantiu, ao mesmo tempo, um embate com seus adversários e a relação com o consumidor deste material.

Os artigos apresentam uma linguagem própria, capaz de direcionar os leitores para determinado tipo de representação sobre o que é ser espírita ou não. A partir da expressão dos saberes de crença, nasceu uma cumplicidade entre produtor e leitor, para o desenvolvimento dos textos, em que havia a interpelação do leitor diante das avaliações presentes nas obras, e cobrava dele uma determinada posição (CHARAUDEAU, 2019b, p. 47). Assim, no trabalho religioso produzido nos jornais, identificou-se a formação de um conjunto de categorias de acusação dos adversários e de defesa do Espiritismo.

Em busca de respostas para as indagações desta pesquisa, concluiu-se que os esforços empregados nos artigos dos dois jornais, em relação aos discursos, por um lado, tiveram a motivação externa em resposta aos algozes e, por outro, enaltecera a doutrina, seus valores e contribuições.

Ao considerar o espaço em que '*O Lince*' atuou para o movimento espírita juizforano, os primeiros textos, efetivamente, nasceram das motivações pessoais do redator-proprietário, depois que ele assumiu sua conversão de fé (HERVIEU-LÉGER, 2015), e fizeram esclarecimentos necessários para seu público, ao indagar sobre a incompreensão e a falta de conhecimento dos acusadores. Daí, a importância dos discursos trazerem ao leitor a proposta de estudo e leitura das obras doutrinárias, que lhe daria o conhecimento, e o capacitaria a debater os assuntos. Nesse sentido, nos artigos, percebe-se estratégias discursivas, que movimentaram o debate sobre as categorias de legitimação do Espiritismo e de

descolamento de práticas condenadas pelo movimento, muito parecido com o trabalho febiano.

Em um momento menos defensivo, o jornal firmou uma linha de publicação de enfrentamento, deixou sua posição de acusado, e desferiu diferentes críticas ao posicionamento da Igreja Católica e ao clero. As contribuições de Antônio Pereira Guedes, frequentes e intensas, mostram um recrudescimento do discurso e, com maior volume e detalhamento das críticas tecidas aos dogmas católicos.

E '*O Médium*' tratou da idealização de um projeto, para pautar o discurso espírita, agora em espaço próprio. A princípio, nos primeiros anos, o jornal enfrentou certa dificuldade em estabelecer suas publicações, mas ao analisar o conteúdo discursivo presente nele, observa-se que foi capaz de estruturar diferentes frentes de legitimação, com contribuições vindas de diferentes autores ligados à proposta editorial de difusão das ideias espíritas.

Assim, conclui-se que as contribuições dos jornais '*O Lince*' e '*O Médium*' foram fundamentais para a legitimação do Espiritismo, o que pode ser confirmado ao analisar as estratégias de defesa e as críticas em relação aos seus adversários. As contribuições consolidaram o espiritismo em Juiz de Fora e, ainda, o projeto dos jornais se tonou mais ambicioso, e circulou em diferentes partes do país.

## REFERÊNCIAS

A. Liberdade de conciencia. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 2, p. 3, jan. 1934.

A BESTA FÉRA. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p.1, 11 dez. 1920.

A BIBLIA. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 11, p. 2, 15 jul. 1922.

A. B. P. E. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p.2, nov. 1932.

ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA. **Centros Espíritas constituintes**. AME/JF. 2021. Disponível em: <<https://amejf.org.br/cem/#Constituintes>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950)**. Tese de Doutorado. Campinas, 2007.  
Almeida, Rosiléa Archanjo de. **JORNAL O LAMPADÁRIO (1926-1928): Exposição do discurso da Igreja Católica em Juiz de Fora a partir de seu principal órgão da imprensa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

A ORGANIZAÇÃO DA A.B.P.E. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p.2, mar. 1933.

ARAÚJO, Augusto. **Espiritismo: esta loucura do século XIX**. Ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

ARIEVILO. Excertos Históricos I e II. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p. 1 e 2, mar. 1933a.

\_\_\_\_\_. Excertos Históricos III. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 2, p. 1, jul. 1933b.

\_\_\_\_\_. Excertos Históricos VI. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 5, p. 1 e 2, nov. 1936.

\_\_\_\_\_. Excertos Históricos XVII. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 6, p. 1, fev./mar. 1938a.

\_\_\_\_\_. Excertos Históricos XVIII. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 6, p. 3 e 4, abr. 1938b.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal espiritismo é religião?** A doutrina espírita da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

\_\_\_\_\_. **No princípio era o verbo: Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira**. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades.

ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. I. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 15/12/2021.

ARRUDA, Danielle Aparecida. **Relações entre religiosidades católicas em Juiz de Fora a partir da Reforma Ultramontana, 1890-1958**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

ATA. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1 ,p.3, nov. 1932.

AZZI, Riolando. Igreja e Estado no Brasil: um enfoque histórico. **Perspectiva Teológica**. n. 29 a 31, p. 7-17, 1981.

BELLISIMA COMUNICAÇÃO. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 11, p.2, 14 out. 1922.

B. Defendendo. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p. 3, jul. 1933.

B. A Guerra. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p. 4, jul. 1933.

B. Phillanthropia. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 4, p.1, fev. 1936.

BARBOSA, Marinalva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. “*Le livre des Esprits*” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. **RHEMA**. v.4, n.16, p.199-223, 1998.

\_\_\_\_\_. Fora da caridade não há religião! Breve história da competição religiosa entre o Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora:1900 - 1960. **LOCUS: Revista de História**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF. v.7, n.1. p. 131 -154, 2001.

\_\_\_\_\_. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: O Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Entre o carma e a cura: Tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 7, n. 1, 2016, p. 230-251.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. Disponível em:<<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

CENTRO ESPÍRITA UNIÃO HUMILDADE E CARIDADE. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 5, nº17, 25 dez. 1936.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2ed. São Paulo: Contexto, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019b.

CHRONICA ESPIRITA, **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p. 1, 16 out. 1920a.

\_\_\_\_\_, **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p. 3, 30 out. 1920b.

\_\_\_\_\_, **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p. 2, 6 nov. 1920c.

\_\_\_\_\_, **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p. 2, 20 nov. 1920d.

COELHO, Humberto Schubert. Matrizes filosóficas do espiritualismo moderno. In: GOMES, Adriana; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da; PIMENTEL, Marcelo Gulão. **Espiritismo em perspectiva**. Salvador, BA: Sagga, 2019, p. 8-27.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103-130.

COLEÇÃO DE LEIS DO BRASIL. **Decreto nº 20.931**. p. 44-51, 31 dez. 1932. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/colecao5.html>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

COSTA, Vinícius Lara da. Entre livros e espíritos: circulação das ideias espíritas na França da segunda metade do Século XIX. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA**, 3.; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFC, 10., 1-3 out. 2012, Fortaleza (Ce). Anais... Fortaleza (Ce): Expressão Gráfica; Wave Media, 2012.

CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. Desencontros dos Espíritos com a Igreja Católica nos tempos da Neocristandade: um projeto editorial espírita e o seu anticatolicismo (1933-1935). In: GOMES, Adriana; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da; PIMENTEL, Marcelo Gulão. **Espiritismo em perspectiva**. Salvador, BA: Sagga, 2019, p. 120-140.

D'ALVA, Lucio [Albino Esteves]. Confidentes. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 1, p. 2 e 3, 1 maio 1912.

De RELANCE...: O templo methodista . **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 1, 16 maio 1925.

De RELANCE... . **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 2, 22 ago. 1925.

DUTRA, Orville Derby A. A Caridade. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 4, p.3, fev. 1936a.

\_\_\_\_\_. Sofrimento. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 4, p.1, mar. 1936b.

EDISON. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 10, p. 1, 19 fev. 1921.

EMPRESA GRAPHICA. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 15, p.2, 11 dez. 1926

ESPIRITISMO. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 10, p. 2, 16 abr. 1921.

ESTEVEES, Alva Braga. Vultos de ontem e hoje. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 48, p. 26, jul. 1959.

FERNANDES, Magali Oliveira. **Vozes do céu**: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. São Paulo: Annablume, 2010.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA [FEB]. **Gabriel Delanne**. Disponível em: <<https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Gabriel-Delanne.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2021.

GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo, Doutrina e Organização. In: GIUMBELLI, Emerson, **Em nome da Caridade: Assistência Social e Religião nas Instituições Espíritas**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas do ISER, 1995.

\_\_\_\_\_. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997a.

\_\_\_\_\_. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1997b, v. 40 nº2, p. 31-82

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010** – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 29 jun. 2012b. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

GUEDES, A. P. O Espiritismo. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 2, 16 fev. 1924a.

\_\_\_\_\_. A benção do Padre. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 1 e 2, 22 mar. 1924b.

\_\_\_\_\_. Cartas Espíritas I. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 1, 29 jun. 1924c.

\_\_\_\_\_. Cartas Espíritas II. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 1, 20 jul. 1924d.

\_\_\_\_\_. Cartas Espíritas III. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 1, 3 ago. 1924e.

\_\_\_\_\_. Cartas Espíritas IV. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 1, 3 ago. 1924f.

\_\_\_\_\_. Cartas Espíritas V. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 1, 14 set. 1924g.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas VI. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 2 e 3, 21 set. 1924h.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas VII. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 2 e 3, 5 out. 1924i.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas VIII. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 2, 2 nov. 1924j.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas IX. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 2, 23 nov. 1924k.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas X. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 13, p. 2, 14 dez. 1924l.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas XI. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 2, 14 mar. 1925a.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas XII. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 2, 15 abr. 1925b.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas XIII. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 1, 4 jun. 1925c.

\_\_\_\_\_. Cartas Espiritas XIV. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 2, 1 ago. 1925d.

\_\_\_\_\_. Pensamentos Espiritas . **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 1, 22 ago. 1925

IMPrensa LOCAL. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 10, p.3, 15 jan. 1921.

INQUISIÇÃO?... ESCRAVIDÃO?... **O Lynce**, ano 10, p. 1, 12 fev. 1921.

ISAIA, Artur Cesar; AMORIM, Pedro Paulo. O “Almenara”: as Religiões Afro-Brasileiras em um periódico de oposição à Federação Espírita Brasileira (meados do século XX). **Mneme – revista de humanidades**. Caicó, v. 15, n. 34, p. 151-166, jan./jun. 2014. Dossiê Religiões Afro-brasileiras.

L.J. O papismo é uma religião cristã. **O Médium**. ano 2, p. 4, jan.1934.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador: Chico Xavier e Cultura Brasileira**. Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. Incluídos e Letrados: Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata(Org.). **As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MACHADO, Ida Lúcia. O ato de linguagem segundo a Semiologia: implicações, explicações e aplicações práticas. **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 50, p. 760-772, set.-dez. 2019.

\_\_\_\_\_; MENDES, Emília. A análise semiológica: seu percurso e sua efetiva tropicalização. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 7–20, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33381>>. Acesso em: 1 set. 2022.

MACHADO, Ubiratan Paulo. **Os intelectuais e o espiritismo**: de Castro Alves a



Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.

MAGALDI, Aleixo. Vitor. Aproveitamos que os tempos são chegados. **O Médium**, ano 1, p. 1, nov. 1932.

\_\_\_\_\_. O radio e o medium. **O Médium**, ano 4, p. 1, abr. 1936a.

\_\_\_\_\_. Cumprindo a vontade do Mestre. **O Médium**, ano 4, p. 1 e 2, maio 1936b.

\_\_\_\_\_. Água fluídica e passes. **O Médium**, ano 4, p. 1 e 2, out. 1936c.

MAIS DE VAGAR... **O Lynce**, ano 10, p. 2, 19 mar. 1921.

MENDONÇA, Izabela Matos F. **O Club Além Túmulo: o início do espiritismo em Juiz de Fora**. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.11, n.2, p. 17-32, jul-dez/2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-2-3.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MIGUEL, Sinuê Neckel. **Movimento Universitário Espírita: Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967-1974)**. São Paulo: Alameda, 2014.

MIRANDA, Hermínio C. **Processo dos espíritas**. 3ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicação da UFRJ, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs). **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NÓS.... **O Lynce**. Benfica, ano 1, n.3, p. 1, 7 mar. 1912.

O CLARIM. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 10, p. 3, 9 abr. 1921.

**O LYNCE**, Juiz de Fora, ano 1, p.1, 1 maio 1912.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 7, p.14, 9 jan. 1918.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 8, p.2, 22 fev. 1919a.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 8, p.1, 1 jun. 1919 b.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 8, p.1, 28 jun. 1919 c.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 8, p.1, 6 set. 1919 d.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.1, 9 jan. 1920 a.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.2, 9 jan. 1920 b.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.1, 31 jan. 1920 c.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.1, 21 fev. 1920 d.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.1, 02 out. 1920 e.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.1, 16 out. 1920 f.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p.1, 18 dez. 1920 g.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 9, p. 3, 1 jan.1921a.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 10, p. 1, 5 fev. 1921b.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 10, p. 3, 5 fev. 1921c.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 10, p. 3, 26 fev. 1921d.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 10, p.2, 5 mar. 1921e.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 10, p.2, 19 mar. 1921f.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 10, p.2, 30 abr. 1921g.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 11, p.3, 2 set. 1922.

\_\_\_\_\_, Juiz de Fora, ano 27, p. 3, 13 out. 1938.

OLIVEIRA, Adail. **Coletânea da saudade**. [s.l.:s.n.], 2001.

OLIVEIRA, Antônio Bernadino de. Irresponsáveis Oficializados I. **O Médium**, Juiz de Fora, ano 2, p.3, mar. 1933.

\_\_\_\_\_. Irresponsáveis Oficializados II. **O Médium**, Juiz de Fora, ano 2, p.1, jan. 1934.

OLIVEIRA, Delmitina. SALVE! 3 DE OUTUBRO!. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 10, p.1 8 out. 1921.

OLIVEIRA, Jesus. "O Médium". **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p.1, 30 jul. 1932.

\_\_\_\_\_. Uma explicação. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 1, p.2, jul. 1933.

OLIVEIRA, Jesus et al. Ao povo de Juiz de Fora e ao Exmo. Sr. General João Marcellino. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 28, p.2, jan.1939.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Imigração e industrialização**: alemães e italianos em Juiz de Fora, (1854-1920). 154p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade

Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro 1992 [digitalizado].

OLIVEIRA, Simone Geralda de. **A "Fé raciocinada" na "Atenas de Minas":** Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Juiz de Fora, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001.

PAIVA, Alessandra Viana. **Espiritismo e cultura letrada:** valorização do estudo pela doutrina Kardecista. Dissertação ( Mestrado em Ciência da religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

PELA VERDADE. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 11, p. 2, 21 out. 1922.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados** [online]. 2004, v. 18, n. 52 [Acessado:13 Dezembro 2022], pp. 17-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300003>>. Epub 06 Dez 2004.

RICARDO DE SOUZA, André; ARRIBAS, Célia da Graça; SIMÕES, Pedro. Feições expressivas do movimento espírita brasileiro. **Religare:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 28–59, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n1.34590. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/34590>. Acesso em: 8 jun. 2021.

RIZZINI, Jorge. J. **Herculano Pires:** O apóstolo de Kardec. São Paulo: Editora Paideia, 2001.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Revista Horizonte**. Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 28-43, 2º sem, 1997a.

\_\_\_\_\_. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos Alberto (orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 103-115, 1997b.

SCOTON, Roberta Müller Scafuto. **Espíritas enlouquecem ou espíritos curam?** Uma análise das relações, conflitos, debates e diálogos entre médicos e kardecistas na primeira metade do século XX (Juiz de Fora-MG). Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

SECÇÃO ESPIRITA. **O Lynce**, Juiz de Fora, ano 14, p. 2, 16 maio 1925.

SOUZA, Ronivaldo Moreira. A análise do discurso como metodologia para investigação de fenômenos religiosos na América Latina. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 16, p. 74-84, 2019.

STEPHAN MOREIRA, Dora Deise. **Tchau, querida! versus Fica, querida!**: a trajetória dos evangélicos na política e as motivações religiosas no (A)Deus à presidenta Dilma Rousseff. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Juiz de

Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2020. 246 p.

TEIXEIRA, Fautino Luiz Couto.; MENEZES, Renata de Castro (Orgs.) . **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Religiões em Movimento**: o Censo de 2010. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TIBYRIÇÁ, Aragão. Comentários e notas. **O Médium**. Juiz de Fora, ano 4, p.3, abr. 1936.

UM CONGRESSO ESPIRITA. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 10, p.2, 4 jun. 1921.

UM GESTO CARIDOSO. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p.2, 18 jan. 1919.

UMA BOA MEDIDA. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 11, p.3, 18 nov. 1922.

VIDA NOVA. **O Lynce**. Juiz de Fora, ano 9, p.1, 12 abr. 1919.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. 3ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, v.1, 2007.

WOLF, Rayssa Almeida. **Da Imprensa “especial” à Imprensa espírita**: um estudo da Revista Espírita (1858-1869). Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.